

Julio Cortázar

AS ARMAS
SECRETAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Julio Cortázar

As Armas
Secretas

Tradução e posfácio

Eric Nepomuceno

JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A

Sumário

Cartas de mamãe
Os bons serviços
As babas do diabo
O perseguidor
As armas secretas

Posfácio

Cartas de mamãe

Bem que poderia chamar-se liberdade condicional. Toda vez que a zeladora lhe entregava um envelope, Luis reconhecia o minúsculo rosto familiar de José de San Martín e isso era suficiente para compreender que novamente seria preciso atravessar a ponte. San Martín, Rivadavia, mas esses nomes eram também imagens de ruas e coisas, Rivadavia nº 6.500, o casarão de Flores, mamãe, o café de San Martín esquina com Corrientes onde às vezes os amigos esperavam por ele, onde o marzipã tinha um leve gosto de óleo de rícino. Com o envelope na mão, depois do *Merci bien, madame Durand*, sair à rua já não era a mesma coisa do dia anterior, de todos os dias anteriores. Cada carta de mamãe (inclusive antes daquilo que acabava de acontecer, aquele absurdo erro ridículo) mudava de repente a vida de Luis, devolvia-o ao passado como uma bola quicando com força. Antes mesmo daquilo que acabava de ler — e que agora relia no ônibus, entre enfurecido e perplexo, sem terminar de se convencer de todo —, as cartas de mamãe eram sempre uma alteração do tempo, um pequeno escândalo inofensivo na ordem de coisas que Luis havia querido e traçado e conseguido, adotando essa ordem em sua vida como havia adotado Laura em sua vida e Paris em sua vida. Cada nova carta insinuava por um instante (porque depois ele as apagava no exato ato de respondê-las carinhosamente) que sua liberdade conquistada a duras penas, aquela nova vida recortada com ferozes golpes de tesoura na madeixa de lã que os outros haviam chamado de sua vida, deixava de justificar-se, perdia pé. apagava-se como o fundo das ruas enquanto o ônibus corria pela rue de Richelieu. Não sobrava nada além de uma tola liberdade condicional, a piada de se viver como

uma palavra entre parênteses, divorciada da frase principal e da qual, no entanto, é quase sempre sustentação e explicação. E mágoa, e uma necessidade de responder imediatamente, como quem torna a fechar uma porta.

Aquela manhã havia sido uma das tantas manhãs em que chegava carta de mamãe. Ele e Laura falavam pouco do passado, e quase nunca do casarão de Flores. Não é que Luis não gostasse de recordar Buenos Aires. Tratava-se, porém, de evitar nomes (as pessoas, evitadas fazia já tanto tempo, mas os nomes, os verdadeiros fantasmas que são os nomes, essa duração obstinada). Um dia, havia se animado a dizer a Laura: "Se fosse possível rasgar e jogar fora o passado, como o rascunho de uma carta ou de um livro. Mas fica sempre aí, manchando a cópia passada a limpo, e eu acho que isso é o verdadeiro futuro." Na realidade, por que não haveriam de falar de Buenos Aires, onde morava a família, onde os amigos de vez em quando enfeitavam um cartão postal com frases carinhosas? E a página impressa de *La Nación*, com os sonetos de tantas senhoras entusiastas, aquela sensação de coisa lida, de para quê? E de vez em quando alguma crise de ministério, algum enfezado coronel, algum excelente lutador de boxe. Por que não haveriam de falar de Buenos Aires, ele e Laura? Mas ela não retornava ao tempo de antes, só por acaso em algum diálogo, e principalmente quando chegavam cartas de mamãe, deixava cair um nome ou uma imagem como moedas fora de circulação, objetos de um mundo que se anulou na distante margem do rio.

— *Eh oui, fait lourd* — disse o operário sentado na frente dele.

"Se soubesse o que é calor", pensou Luis. "Se pudesse andar numa tarde de fevereiro pela avenida de Mayo, por alguma ruela de Liniers."

Tirou outra vez a carta do envelope, sem ilusões, o parágrafo estava lá, bem claro. Era perfeitamente absurdo, mas estava lá. Sua primeira reação, depois da surpresa, do golpe em plena nuca, como sempre era de defesa. Laura não devia ler a carta de mamãe. Por mais ridículo que fosse o erro, a confusão de nomes (mamãe deve ter querido escrever 'Víctor' e escreveu 'Nico'), de qualquer modo Laura se afligiria, seria burrice. De vez em quando cartas se perdem;

esta deveria ter ido para o fundo do mar. Agora teria de jogá-la na privada do escritório, e é claro que depois de alguns dias Laura estranharia: "Que esquisito, não chegou nenhuma carta de sua mãe." Nunca dizia sua mamãe, talvez por ter perdido a sua quando ainda era muito pequena. Então ele responderia: "É mesmo, é estranho. Vou mandar umas linhas para ela hoje mesmo", e mandaria, espantando-se com o silêncio de mamãe. A vida continuaria igual, o escritório, o cinema de noite, Laura sempre tranquila, bondosa, atenta aos seus desejos. Ao descer do ônibus na rue de Rennes, perguntou-se bruscamente (não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo?) por que não queria mostrar para Laura a carta de mamãe. Não por ela mas pelo que pudesse sentir. Não se importava muito com o que ela pudesse sentir, desde que disfarçasse. (Não se importava muito com o que ela pudesse sentir, desde que disfarçasse?) Não, não se importava muito. (Não se importava?) Mas a primeira verdade, supondo que houvesse outras por trás, a verdade mais imediata por assim dizer, era que se importava com a cara que Laura faria, com a atitude de Laura. E se importava consigo mesmo, é claro, pelo efeito que provocaria nele a forma como Laura se importaria com a carta de mamãe. Seus olhos pousariam, num dado momento, sobre o nome de Nico, e ele sabia que o queixo de Laura começaria a tremer ligeiramente, e depois ela diria: "Mas que coisa estranha... o que será que deu na sua mãe?" E ele saberia o tempo todo que Laura se continha para não gritar, para não esconder entre as mãos um rosto já desfigurado pelo pranto, pelo desenho do nome de Nico tremendo em sua boca.

Na agência de publicidade onde trabalhava como desenhista, releu a carta, uma das tantas cartas de mamãe, sem nada de extraordinário além do parágrafo onde havia se enganado de nome. Imaginou se não poderia apagar a palavra, substituir Nico por Víctor, simplesmente substituir o erro pela verdade, e voltar com a carta para casa, para que Laura a lesse. As cartas de mamãe sempre interessavam a Laura, mesmo que de uma forma indefinível não fossem destinadas a ela. Mamãe escrevia para ele; sempre enviava no final, às vezes no meio da carta, lembranças muito carinhosas para Laura. Não importava, lia as cartas com o mesmo interesse,

hesitando diante de alguma palavra retorcida pelo reumatismo e pela miopia. "Tomo Saridón, e o doutor me deu um pouco de salicilato..." As cartas ficavam dois ou três dias sobre a mesa de desenho; Luis gostaria de jogá-las fora assim que as respondesse, mas Laura as relia, as mulheres gostam de reler as cartas, olhá-las de um lado e de outro, parecem extrair um segundo sentido cada vez que tornam a apanhá-las e olhá-las. As cartas de mamãe eram curtas, com notícias de casa, uma ou outra referência à situação do país (mas essas coisas já eram sabidas através das notícias do *Le Monde*, chegavam sempre atrasadas pela mão de mamãe). Dava até para pensar que as cartas eram sempre uma só, sucinta e medíocre, sem nada de interessante. O melhor em mamãe é que nunca se entregou à tristeza que devia sentir pela ausência do filho e da nora, nem mesmo à dor — tantos gritos, tantas lágrimas no começo — pela morte de Nico. Nunca, naqueles dois anos em que estavam em Paris, mamãe havia mencionado Nico em suas cartas. Era como Laura, que também não o mencionava. Nenhuma das duas o mencionava, e fazia mais de dois anos que Nico havia morrido. A repentina menção de seu nome no meio da carta era quase um escândalo. Simplesmente pelo fato do nome de Nico aparecer de repente numa frase com o *N* longo e trêmulo, o *o* com a perninha torcida; mas era pior, porque o nome estava colocado numa frase incompreensível e absurda, em algo que não podia ser outra coisa além de um anúncio de senilidade. De repente mamãe perdia a noção do tempo, imaginava que... O parágrafo vinha depois de uma breve confirmação da chegada de uma carta de Laura. Um ponto, levemente marcado com uma tinta azul fraca comprada no armazém do bairro, e à queima-roupa: "Hoje de manhã Nico perguntou por vocês." O resto continuava como sempre: a saúde, a prima Matilde levou um tombo e deslocou a clavícula, os cachorros estão bem. Mas Nico havia perguntado por eles.

Na verdade teria sido fácil trocar Nico por Víctor, que era sem dúvida quem havia perguntado por eles. O primo Víctor, sempre tão atencioso. Víctor tinha duas letras a mais que Nico, mas com uma borracha e alguma habilidade dava para mudar os nomes. Hoje de manhã Víctor perguntou por vocês. Tão natural que Víctor passasse

para visitar mamãe e perguntasse pelos ausentes.

Quando voltou para almoçar, trazia a carta intacta no bolso. Continuava disposto a não dizer nada a Laura, que o esperava com seu sorriso amigável, o rosto que parecia ter-se desvanecido um pouco desde os tempos de Buenos Aires, como se o ar cinzento de Paris tirasse sua cor e seu relevo. Estavam há mais de dois anos em Paris, haviam saído de Buenos Aires dois meses depois da morte de Nico, mas na verdade Luis se considerava ausente desde o próprio dia de seu casamento com Laura. Uma tarde, depois de falar com Nico, que já estava doente, prometeu a si mesmo fugir da Argentina, do casarão de Flores, de mamãe e dos cachorros e de seu irmão (que já estava doente). Naqueles meses tudo havia girado em torno dele como as figuras de uma dança: Nico, Laura, mamãe, os cachorros, o jardim. Seu juramento tinha sido o gesto brutal de quem estilhaça uma garrafa na pista, interrompe o baile com o chicotear de vidros quebrados. Tudo havia sido brutal naqueles dias: seu casamento, a partida sem delicadezas ou considerações com mamãe, o esquecimento de todos os deveres sociais, dos amigos um tanto surpreendidos e desencantados. Não se importava nem um pouco, nem mesmo com a ameaça de protesto de Laura. Mamãe ficava sozinha no casarão, com os cães e os vidros de remédios, com a roupa de Nico ainda pendurada no guarda-roupa. Que ficasse, que fossem todos para o inferno. Mamãe parecia compreender, já não chorava por Nico e andava como antes pela casa, com a fria e decidida recuperação dos velhos diante da morte. Mas Luis não queria se lembrar do que havia sido a tarde da despedida, as malas, o táxi na porta, a casa ali, com a infância inteira, o jardim onde Nico e ele brincavam de guerra, os dois cães indiferentes e estúpidos. Agora, quase era capaz de esquecer tudo isso. Ia até a agência, desenhava cartazes, voltava para comer, bebia a xícara de café que Laura servia sorrindo. Iam muito ao cinema, muito aos bosques, conheciam Paris cada vez mais. Tiveram sorte, a vida era surpreendentemente fácil, o trabalho aceitável, o apartamento bonito, os filmes excelentes. E aí, chegava carta de mamãe.

Não as detestava; se faltassem, ele sentiria a liberdade cair sobre si como um peso insuportável. As cartas de mamãe traziam-

lhe o tácito perdão (mas não havia nada por que perdoá-lo), estendiam a ponte por onde era possível continuar passando. Cada uma o tranquilizava ou o inquietava sobre a saúde de mamãe, recordava a economia familiar, a permanência de uma ordem. E ao mesmo tempo odiava aquela ordem e a odiava por causa de Laura porque Laura estava em Paris, mas toda carta de mamãe a definia como indiferente, como cúmplice daquela ordem que ele havia repudiado certa noite no jardim, depois de ouvir uma vez mais a tosse apagada, quase humilde de Nico.

Não, não mostraria a carta a Laura. Não era nada generoso substituir um nome por outro, não permitiria que Laura lesse a frase de mamãe. Seu erro grotesco, sua tola falta de tato por um instante — era capaz de vê-la lutando com uma caneta velha, com um papel que escorregava para os lados com sua vista fraca —, cresceria em Laura como uma semente fácil. Melhor jogar a carta fora (jogou-a naquela mesma tarde) e de noite ir ao cinema com Laura, esquecer o quanto antes que Víctor havia perguntado por eles. Mesmo que fosse Víctor, o primo tão bem-educado, esquecer que Víctor havia perguntado por eles.

Diabólico, encolhido, lambendo-se todo, Tom esperava que Jerry caísse na armadilha. Jerry não caiu, e choveram sobre Tom incontáveis catástrofes. Depois Luis comprou sorvetes, que os dois tomaram enquanto olhavam distraidamente os anúncios coloridos. Quando o filme começou, Laura afundou-se um pouco mais em sua poltrona e retirou a mão do braço de Luis. Ele a sentia distante outra vez, quem sabe se o que olhavam juntos já não era a mesma coisa para os dois, mesmo que mais tarde comentassem o filme na rua ou na cama. Se perguntou (não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo?) se Nico e Laura haviam estado assim distantes nos cinemas, quando Nico a cortejava e saíam juntos. Provavelmente conheceram todos os cinemas de Flores, a passarela estúpida da rue Laval, o leão, o atleta que golpeia o gongo, os subtítulos em castelhano por Carmen de Pinillos, os personagens deste filme são fictícios, e qualquer semelhança... Então, depois que Jerry tinha escapado de Tom e começava a hora de Barbara Stanwyck ou de Tyrone Power, a mão de Nico se encostaria devagar sobre a coxa de

Laura (o pobre Nico, tão tímido, tão namorado) e os dois se sentiriam culpados sabe-se lá de quê. Bem que ele contava a Luis que não tinham sido culpados de nada definitivo; e embora não houvesse tido a mais deliciosa das provas, o veloz desapego de Laura por Nico fora suficiente para ver naquele namoro um mero simulacro inventado pelo bairro, os vizinhos, os círculos culturais e recreativos que são a essência de Flores. Bastaria o capricho de ter ido uma noite ao mesmo salão de baile frequentado por Nico, o acaso de uma presença fraternal. Talvez por isso, pela facilidade do começo, todo o resto havia sido inesperadamente difícil e amargo. Mas não queria recordar agora, a comédia havia terminado com a derrota branda de Nico, seu melancólico refúgio numa morte de tísico. Era estranho que Laura não o mencionasse nunca, e por isso tampouco ele próprio o citasse, que Nico não fosse nem mesmo o defunto, nem mesmo o cunhado morto, o filho de mamãe. No começo, isso fora um alívio, depois do confuso intercâmbio de recriminações, do pranto e dos gritos de mamãe, da estúpida intervenção do tio Emilio e do primo Víctor (hoje de manhã Víctor perguntou por vocês), o casamento apressado e sem outra cerimônia além de um táxi chamado por telefone e três minutos diante de um funcionário com caspa nas lapelas. Refugiados num hotel de Adrogué, longe de mamãe e de toda a parentada desunida, Luis havia agradecido a Laura por jamais ter feito referência ao pobre fantoche que tão vagamente havia passado de noivo a cunhado. Mas agora, com um mar no meio, com a morte e dois anos no meio, Laura continuava sem mencioná-lo, e ele se atinha ao seu silêncio por covardia, sabendo que no fundo esse silêncio o ofendia pelo que continha de recriminação, de arrependimento, de algo que começava a se parecer com traição. Mais de uma vez havia mencionado Nico explicitamente, mas compreendia que isso não contava, que a resposta de Laura tendia unicamente a desviar a conversa. Um lento território proibido fora se formando pouco a pouco em sua linguagem, isolando-os de Nico, envolvendo seu nome e sua memória num algodão sujo e pegajoso. E do outro lado mamãe fazia a mesma coisa, confabulava inexplicavelmente no silêncio. Cada carta falava dos cachorros, de Matilde, de Víctor, do

salicilato, da pensão de aposentada. Luis esperava que alguma vez mamãe fizesse alusão a seu filho para aliar-se com ela diante de Laura, obrigar Laura carinhosamente a aceitar a existência póstuma de Nico. Não porque fosse necessário, quem se importava se Nico estava vivo ou morto?, mas a tolerância de sua lembrança no panteão do passado teria sido a prova obscura e irreverente de que Laura o havia esquecido de verdade e para sempre. Chamado à plena luz de seu nome, o íncubo teria se desvanecido, tão fraco e inútil como quando pisava a terra. Mas Laura continuava calando o nome de Nico, e toda vez que o calava, no momento exato em que teria sido natural que o dissesse, e exatamente calava, Luis sentia novamente a presença de Nico no jardim de Flores, escutava sua tosse discreta preparando o mais perfeito presente de casamento imaginável, sua morte em plena lua de mel daquela que havia sido sua noiva, daquele que havia sido seu irmão.

Uma semana mais tarde Laura surpreendeu-se de que não houvesse chegado nenhuma carta de mamãe. Calcularam as hipóteses usuais, e Luis escreveu naquele mesmo dia. A resposta não o inquietava tanto, mas teria preferido (sentia isso ao descer as escadas pelas manhãs) que a zeladora lhe desse a carta, em vez de levá-la ao terceiro andar. Quinze dias depois reconheceu o envelope familiar, o rosto do almirante Brown e uma vista das cataratas do Iguçu. Guardou o envelope antes de sair à rua e responder ao cumprimento de Laura na janela. Achou ridículo ter que dobrar a esquina antes de abrir a carta. Bobby havia fugido para a rua e alguns dias depois começou a se coçar, contágio de algum cão sarnento. Mamãe ia consultar um veterinário amigo do tio Emilio, porque nem pensar se Bobby contagiasse Negro de alguma peste. O tio Emilio achava que deveria banhá-los com creolina, mas ela não estava mais disposta a esse tipo de confusão, seria melhor o veterinário receitar algum pó inseticida ou alguma coisa para misturar na comida. A vizinha do lado tinha um gato sarnento, sabe-se lá se os gatos não eram capazes de contagiar os cães, nem que fosse através da cerca. Mas será que essa conversa de velha iria interessar a eles?, embora Luis tenha sido sempre carinhoso com os cães e quando menino até dormia com um deles aos pés da cama, o

avesso de Nico, que não gostava muito de cachorro. A vizinha do lado aconselhava espalhar pó de dedetê neles, porque se não for sarna, será outra coisa, os cachorros apanham qualquer peste pela rua; na esquina de Bacacay estava um circo de animais estranhos, vai ver havia micróbios pelo ar, essas coisas. Mamãe não aguentava mais sustos do garoto da costureira que havia queimado o braço com leite fervendo e Bobby sarnento.

Depois havia uma espécie de estrelinha azul (a caneta-tinteiro que grudava no papel, a exclamação de fastio de mamãe) e então algumas reflexões melancólicas sobre o quanto ela ficaria sozinha se Nico também fosse para a Europa como parecia, mas esse era o destino dos velhos, os filhos são como andorinhas que um belo dia vão embora, há que se ter resignação enquanto o corpo aguentar. A vizinha do lado...

Alguém esbarrou em Luis, soltou-lhe uma rápida declaração de direitos e obrigações com sotaque de Marselha. Compreendeu vagamente que estava atrapalhando a passagem das pessoas que entravam pelo estreito corredor do metrô. O resto do dia foi igualmente vago, telefonou a Laura para dizer que não iria almoçar, passou duas horas num banco de jardim relendo a carta de mamãe, perguntando-se o que deveria fazer diante da insanidade. Falar com Laura, antes de qualquer outra coisa. Por que (não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo?) continuar ocultando de Laura o que aconteceu? Não podia mais fingir que esta carta tinha se extraviado como a outra, não podia mais acreditar que mamãe havia se enganado e escrito Nico em vez de Víctor, e que era tão penoso que estivesse ficando gagá. Definitivamente, essas cartas eram Laura, eram o que ia acabar acontecendo com Laura. Nem mesmo isso: o que havia acontecido desde o dia de seu casamento, a lua de mel em Adrogué, as noites em que haviam se desejado desesperadamente no navio que os levava para a França. Tudo era Laura, tudo ia ser Laura, agora que Nico queria vir para a Europa no delírio de mamãe. Cúmplices como sempre, mamãe estava falando de Nico para Laura, estava anunciando para Laura que Nico viria para a Europa, e dizia desse jeito, Europa e ponto, sabendo muito bem que Laura compreenderia que Nico ia desembarcar na França,

em Paris, numa casa na qual se fingia delicadamente tê-lo esquecido, coitadinho.

Fez duas coisas; escreveu ao tio Emilio indicando os sintomas que o inquietavam e pedindo que visitasse mamãe imediatamente, para certificar-se e tomar as medidas que o caso pedia. Bebeu um conhaque atrás do outro e andou a pé até a casa para pensar no caminho no que deveria dizer a Laura, porque afinal de contas tinha que falar com ela e informar o que estava acontecendo. De rua em rua foi sentindo o quanto lhe custava situar-se no presente, no que teria que ocorrer meia hora mais tarde. A carta de mamãe o enfiava, o afogava na realidade daqueles dois anos de vida em Paris, a mentira de uma paz fraudulenta, de uma felicidade da porta para fora, sustentada por diversões e espetáculos, de um pacto involuntário de silêncio no qual os dois se desuniam pouco a pouco, como em todos os pactos negativos. Sim, mamãe, sim, pobre Bobby sarnento, mamãe. Pobre Bobby, pobre Luis, quanta sarna, mamãe. Um baile do clube de Flores, mamãe, fui porque ele insistia, imagino que queria cortejar a sua conquista. Coitado do Nico, mamãe, com aquela tosse seca na qual ninguém ainda acreditava, com aquele terno de xadrez, aquele penteado de brilhantina, aquelas gravatas de rayon tão cafoninhas. E eu conversava um pouco, simpático, e como não vou dançar essa música com a noiva do meu irmão, oh, dizer noiva é exagerar, Luis, suponho que posso chamar você de Luis, não é? Mas sim, acho estranho que Nico ainda não tenha levado você lá em casa, mamãe vai gostar muito. Esse Nico é tão desajeitado, aposto que ainda nem falou com seu pai. Tímido, sim, sempre foi desse jeito. Como eu. Do que está rindo, não acredita? É que não sou o que pareço. Está um calor, não está? Sério mesmo, você tem que ir lá em casa, mamãe vai adorar. Nós três moramos sozinhos, com os cachorros. Mas, ô Nico, é uma vergonha, você escondeu essa moça, malandrão. Com a gente é assim, Laura. A gente diz cada coisa um para o outro... Agora, com licença, vou dançar esse tango com essa senhorita.

Tão pouca coisa, tão fácil, tão verdadeiramente brilhantina e gravata de *rayon*. Ela tinha rompido com Nico por engano, por cegueira, porque o irmão rato tinha sido capaz de vencer num

arrebatamento e virar sua cabeça. Nico não joga tênis, qual o que, ninguém o arranca do xadrez e da filatelia, faça-me o favor. Calado, o coitado é um pouca-coisa, Nico estava ficando para trás, perdido num canto do jardim, consolando-se com o xarope expectorante e o chimarrão amargo. Quando caiu de cama e ordenaram repouso absoluto, coincidiu justamente com um baile no Gimnasia y Esgrima de Villa del Parque. Eu não perderia uma coisa dessas, ainda mais que Edgardo Donato ia tocar e a coisa prometia. Mamãe achava que estava tudo bem que ele levasse Laura para passear, gostava dela como uma filha desde a tarde em que aparecera na sua casa pela primeira vez. Veja lá, mamãe, o garoto está meio fraco e é capaz de ficar imaginando bobagens, se for pensar nisso. Quem está doente como ele imagina cada coisa, na certa vai achar que estou me engraçando com Laura. E melhor ele não saber que nós vamos ao Gimnasia. Mas não disse isso a mamãe, ninguém lá em casa nunca ficou sabendo que Laura e eu estávamos saindo juntos. Até que o doente melhorasse, claro. E assim passou o tempo, os bailes, dois ou três bailes, as radiografias de Nico, depois o automóvel de Ramos, o tampinha, a noite de farra na casa da Beba, as bebidas, o passeio de carro até a ponte do arroio, uma lua, essa luta como uma janela de hotel lá no alto, e Laura no carro dizendo que não, um pouco de pilequinho, as mãos hábeis, os beijos, os gritos afogados, a manta de vicunha, a volta em silêncio, o sorriso de perdão.

O sorriso era quase o mesmo quando Laura abriu a porta para ele. Havia carne assada, salada, um pudim. Às dez vieram os vizinhos que eram seus companheiros de canastra. Tarde da noite, enquanto se preparavam para dormir, Luís tirou a carta do bolso e colocou-a no criado-mudo.

— Não falei nada antes, porque não queria deixar você aflita. Mas parece que mamãe...

Deitado, de costas para ela, esperou. Laura guardou a carta no envelope, apagou o abajur. Sentiu-a contra ele, não exatamente contra, mas a ouvia respirar perto de sua orelha.

— Você está vendo? — disse Luís, falando com cuidado.

— Estou. Você não acha que ela se enganou de nome?

Tinha de ser. Peão quatro rei; peão quatro rei. Perfeito.

— Vai ver, quis dizer Víctor — disse, enterrando lentamente as unhas na palma da mão.

— Ah, claro. Deve ser isso — disse Laura. Cavalo rei três bispo. Começaram a fingir que dormiam.

Laura aprovara a ideia de que tio Emilio fosse o único a ficar sabendo, e os dias passaram sem que tornassem a falar no assunto. Sempre que voltava para casa, Luis esperava uma frase ou um gesto insólito de Laura, um clarão naquela guarda perfeita de calma e de silêncio. Iam ao cinema como sempre, faziam amor como sempre. Para Luis já não existia em Laura outro mistério além de sua resignada adesão a essa vida na qual nada havia chegado a ser o que poderiam esperar dois anos antes. Agora a conhecia bem, na hora das confrontações definitivas tinha de admitir que Laura era como havia sido Nico, das que ficam para trás e só atuam por inércia, embora empregasse às vezes uma vontade enorme em não fazer nada, em não viver de verdade para nada. Teria se entendido muito melhor com Nico do que com ele, e os dois sabiam disso desde o dia de seu casamento, desde as primeiras posições assumidas que se seguem à morna aquiescência da lua de mel e do desejo. Agora Laura voltava a ter o pesadelo. Sonhava muito, mas o pesadelo era diferente, Luis o reconhecia entre os muitos movimentos de seu corpo, palavras confusas ou breves gritos de animal que se afoga. Tinha começado a bordo, quando ainda falavam de Nico porque Nico tinha acabado de morrer e eles haviam embarcado poucas semanas depois. Certa noite, depois de recordar Nico, e quando se insinuava o tácito silêncio que logo se instalaria entre eles, Laura tivera o pesadelo. Se repetia de tempos em tempos e era sempre o mesmo, Laura despertava com um gemido rouco, um sacudir convulso das pernas, e de repente o grito que era uma negação total, uma rejeição com as duas mãos e todo o corpo e toda a voz, de algo horrível que caía sobre seu sono como um enorme pedaço de matéria pegajosa. Ele a sacudia, a acalmava, trazia água que ela bebia soluçando, acossada ainda pelo outro lado de sua vida. Dizia não lembrar de nada, era algo horrível que não conseguia explicar, e acabava adormecendo levando seu segredo, porque Luis sabia que ela sabia, que acabava de se enfrentar com

aquele que entrava em seu sonho, sabe-se lá debaixo de que máscara horrenda, e cujos joelhos Laura abraçaria numa vertigem de espanto, talvez de amor inútil. Era sempre a mesma coisa, oferecia a ela um copo d'água, esperando em silêncio que Laura tornasse a apoiar a cabeça no travesseiro. Talvez um dia o espanto fosse mais forte que o orgulho, se é que aquilo era orgulho. Talvez então ele pudesse lutar ao seu lado. Talvez nem tudo estivesse perdido, talvez a nova vida chegasse a ser realmente outra coisa além daquele simulacro de sorrisos e cinema francês.

Diante da mesa de desenho, rodeado de pessoas indiferentes, Luis recobrava o sentido da simetria e do método que gostava de aplicar à vida. Já que Laura não tocava no assunto, esperando com aparente indiferença a resposta de tio Emilio, cabia a ele entender-se com mamãe. Respondeu sua carta limitando-se às notícias insignificantes das últimas semanas, e deixou para o *post-scriptum* uma frase de correção: "Então, Víctor fala em vir para a Europa. Todo mundo acaba viajando, deve ser por causa da propaganda das agências de viagens. Diga a ele que escreva, podemos mandar informações úteis. Diga também que pode contar com a nossa casa."

Tio Emilio respondeu depressa, secamente como era próprio de um parente tão próximo e tão ressentido pelo que no velório de Nico havia qualificado de inqualificável. Sem ter-se aborrecido pessoalmente com Luis, havia demonstrado seus sentimentos com a sutileza habitual em casos parecidos, esquecendo por dois anos seguidos o dia de seu aniversário. Agora se limitava a cumprir com seu dever de cunhado de mamãe, e mandava secamente os resultados. Mamãe estava muito bem mas quase não falava, coisa compreensível levando-se em conta os muitos desgostos dos últimos tempos. Dava para se notar que estava muito solitária na casa de Flores, o que era lógico uma vez que nenhuma mãe que viveu a vida toda com seus dois filhos pode sentir-se à vontade numa casa enorme e cheia de recordações. Quanto às frases em questão, tio Emilio havia procedido com o tato que a delicadeza do assunto requeria, mas lamentava informar que não conseguira descobrir grande coisa porque mamãe não estava disposta a muita conversa e

inclusive o havia recebido na sala de visitas, coisa que nunca fazia com o cunhado. A uma insinuação de caráter terapêutico, havia respondido que tirando o reumatismo sentia-se perfeitamente bem, embora naqueles dias estivesse cansada por ter de passar tantas camisas. Tio Emilio tentara saber de que camisas se tratava, mas ela se limitara a uma inclinação de cabeça e a um oferecimento de xerez e bolachinhas Bagley.

Mamãe não lhes deu tempo suficiente para discutir a carta de tio Emilio e sua manifesta ineficiência. Quatro dias mais tarde chegou uma carta registrada, embora mamãe soubesse de sobra que não há necessidade de mandar cartas registradas a Paris. Laura telefonou para Luís e pediu-lhe que fosse o mais rápido possível. Meia hora mais tarde encontrou-a respirando pesado, perdida na contemplação de umas flores amarelas sobre a mesa. A carta estava na lareira, e Luís tornou a deixá-la onde estava depois da leitura. Foi sentar-se ao lado de Laura, esperou. Ela sacudiu os ombros.

— Ficou louca — disse.

Luís acendeu um cigarro. A fumaça fez com que ele chorasse. Compreendeu que o jogo continuava, que era a sua vez de mover as peças. Mas esse jogo estava sendo disputado por três jogadores, talvez quatro. Agora tinha a certeza de que mamãe também estava na frente do tabuleiro. Pouco a pouco deslizou pelo sofá, e deixou que seu rosto vestisse a inútil máscara das mãos unidas. Ouvia Laura chorar, e lá embaixo os meninos da zeladora corriam aos gritos.

A noite é a melhor conselheira, etcétera. E trouxe a eles um sono pesado e silencioso, depois que os corpos se encontraram numa batalha monótona que, no fundo, não haviam desejado. Uma vez mais fechava-se o acordo tácito: pela manhã fariam do tempo, do crime de Saint-Cloud, de James Dean. A carta continuava sobre a lareira e enquanto bebiam chá não puderam deixar de vê-la, mas Luis sabia que ao voltar do trabalho já não a encontraria. Laura apagava as pegadas com sua fria e eficaz diligência. Um dia, outro dia, outro dia mais. Uma noite riram muito com as histórias dos vizinhos, com um programa de Fernandel. Falou-se de ir ver uma peça de teatro, de passar um fim de semana em Fontainebleau.

Sobre a mesa de desenho acumulavam-se dados desnecessários, tudo coincidia com a carta de mamãe. O navio chegava efetivamente a Le Havre na sexta-feira, dia 17, pela manhã, e o trem especial entrava em Saint-Lazare às 11:45h. Na quinta-feira viram a peça de teatro e se divertiram muito. Duas noites antes, Laura havia tido outro pesadelo, mas ele nem se incomodou de trazer-lhe água, e deixou que ela se tranquilizasse sozinha, dando-lhe as costas. Depois Laura dormiu em paz, de dia andava ocupada cortando e costurando um vestido de verão. Falaram de comprar uma máquina de costura elétrica quando terminassem de pagar a geladeira. Luis encontrou a carta de mamãe na gaveta do criado-mudo e levou-a para o escritório. Telefonou para a companhia de navegação, embora tivesse certeza de que mamãe dava as datas corretas. Era sua única segurança, porque no resto não dava nem para pensar. E aquele imbecil do tio Emilio. O melhor seria escrever a Matilde, por mais afastados que estivessem, Matilde compreenderia a urgência de intervir, de proteger mamãe. Mas realmente (não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo?) era necessário proteger mamãe, justamente mamãe? Por um momento pensou em pedir uma ligação internacional e falar com ela. Lembrou-se do xerez e das bolachinhas Bagley, deu de ombros. Tampouco havia tempo de escrever para Matilde, e embora na verdade houvesse tempo, talvez fosse preferível esperar pela sexta-feira, dia 17, antes de... O conhaque não ajudava mais nem mesmo a não pensar, ou pelo menos a pensar sem sentir medo. Lembrava-se cada vez com mais clareza da cara de mamãe nas últimas semanas de Buenos Aires, depois do enterro de Nico. O que ele havia entendido como sendo dor surgia agora como outra coisa, algo em que havia uma desconfiança rancorosa, uma expressão de animal que sente que vai ser abandonado num terreno baldio longe da casa, para se desfazer dele. Agora começava a ver de verdade a cara de mamãe. Só agora a via de verdade naqueles dias em que toda a família fazia rodízio para visitá-la, dar os pêsames por Nico, acompanhá-la de tarde, e também Laura e ele vinham de Adrogué para fazer companhia, estar com mamãe. Ficavam apenas um pouco porque depois aparecia tio Emilio, ou Víctor, ou Matilde, e todos

eram uma mesma repulsa fria, a família indignada pelo que tinha acontecido, por Adrogué, porque eram felizes enquanto Nico, coitadinho, enquanto Nico. Jamais suspeitariam até que ponto haviam colaborado para embarcá-los no primeiro navio que estava à mão; como se houvessem se associado para pagar-lhes as passagens, levá-los carinhosamente a bordo com presentes e lenços de adeus.

Claro que seu dever de filho obrigava-o a escrever em seguida para Matilde. Ainda era capaz de pensar coisas assim antes do quarto conhaque. No quinto pensava de novo e ria (atravessava Paris a pé para estar mais sozinho e desanuviar a cabeça), ria de seu dever de filho, como se os filhos tivessem deveres, como se fossem deveres da quarta série, os sagrados deveres para a sagrada professora do imundo quarto ano. Porque seu dever de filho não era escrever a Matilde. Para que fingir (não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo?) que mamãe estava louca? A única coisa que podia ser feita era não fazer nada, deixar que se passassem os dias, menos a sexta-feira. Quando se despediu como sempre de Laura dizendo-lhe que não viria almoçar porque tinha de terminar uns cartazes com urgência, sentia tanta certeza do resto que poderia ter acrescentado: "Se você quiser, vamos juntos." Refugiou-se no café da estação, menos para disfarçar que para poder ter a pobre vantagem de ver sem ser visto. As 11:35h descobriu Laura por sua saia azul, seguiu-a à distância, viu-a olhar o quadro de horários e consultar um funcionário, comprar um passe para a plataforma, entrar e juntar-se às pessoas com o ar dos que esperam. Atrás de uma empilhadeira carregada de caixas de frutas olhava Laura que parecia duvidar entre ficar perto da saída da plataforma ou continuar por ela. Olhava-a sem surpresa, como se fosse um inseto cujo comportamento pudesse ser interessante. O trem chegou quase em seguida e Laura misturou-se com as pessoas que se aproximavam das janelas dos vagões buscando cada uma o seu, entre gritos e mãos que apareciam como se dentro do trem todos estivessem se afogando. Deu a volta na empilhadeira e entrou na plataforma no meio de mais caixas de frutas e manchas de óleo. De onde estava veria os passageiros saindo, veria Laura passar outra

vez, seu rosto cheio de alívio porque o rosto de Laura, não estaria cheio de alívio? (Não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo?) E depois, dando-se ao luxo de ser o último uma vez que passassem os últimos viajantes e os últimos carregadores, então seria sua vez de sair, desceria à praça cheia de sol para beber um conhaque no café da esquina. E naquela mesma tarde escreveria a mamãe sem a menor referência ao ridículo episódio (mas não era ridículo) e depois teria coragem e falaria com Laura (mas não teria coragem e não falaria com Laura). De qualquer maneira, conhaque, sem a menor dúvida, e que tudo mais fosse para o inferno. Vê-los passar assim em cachos, abraçando-se com gritos e lágrimas, a parentada desunida, um erotismo barato como um carrossel de parque de diversões varrendo a plataforma, entre malas e pacotes e finalmente, finalmente, quanto tempo, como você está queimada, Ivette, mas sim, havia um tremendo sol, filha. Decidido a buscar semelhanças, por prazer ou para se aliar à imbecilidade, dois dos homens que passavam perto deviam ser argentinos pelo corte de cabelo, pelos paletós, pelo ar de segurança disfarçando o atordoamento de entrar em Paris. Um, principalmente, se parecia com Nico, para buscar semelhanças. O outro não, e na realidade nem aquele, bastava ver seu pescoço muito mais grosso e a cintura muito mais larga. Para buscar semelhanças por puro prazer, esse outro que já havia passado e avançava na direção da saída, com uma só maleta na mão esquerda, Nico era canhoto como ele, tinha as costas um pouco largas, essa forma de ombros. E Laura devia ter pensado a mesma coisa porque vinha atrás olhando para ele, no rosto uma expressão que ele conhecia bem, o rosto de Laura quando despertava do pesadelo e erguia-se na cama olhando fixamente o ar, olhando, agora sabia, olhando aquele que se afastava dando-lhe as costas, consumada a indescritível vingança que a fazia gritar e debater-se nos sonhos.

Buscando semelhanças, naturalmente o homem era um desconhecido, viram-no de frente quando pôs a maleta no chão para pegar a passagem e entregá-la na saída. Laura saiu primeiro da estação, deixou que ela tomasse distância e se perdesse na parada do ônibus. Entrou no café da esquina e se jogou em cima de um

banquinho no balcão. Mais tarde não lembrava se havia pedido alguma coisa para beber, se isso que queimava sua boca era o gosto do conhaque barato. Trabalhou a tarde toda nos cartazes, sem nenhum descanso. A cada momento pensava que teria de escrever a mamãe, mas foi deixando passar até a hora da saída. Atravessou Paris a pé, ao chegar em casa encontrou a zeladora no saguão e ficou um tempinho conversando com ela. Gostaria de poder ficar conversando com a zeladora ou com os vizinhos, mas todos iam entrando nos apartamentos e a hora do jantar estava chegando. Subiu devagar (na verdade sempre subia devagar para não cansar os pulmões e não tossir) e ao chegar ao terceiro andar apoiou-se na porta antes de tocar a campainha, descansando um momento na atitude de quem escuta o que acontece no interior de uma casa. Depois chamou com os dois toques curtos de sempre.

— Ah, é você — disse Laura, oferecendo-lhe uma face fria. — Já começava a me perguntar se você ia ficar até mais tarde. A carne deve estar mais do que cozida.

Não estava mais do que cozida, porém não tinha gosto de nada. Se naquele momento tivesse sido capaz de perguntar a Laura por que havia ido à estação, talvez o café tivesse recobrado o sabor, ou o cigarro. Mas Laura não saiu de casa o dia inteiro, disse isso como se necessitasse mentir ou esperasse que ele fizesse um comentário irônico sobre a data, as manias lamentáveis de mamãe. Mexendo o café, com os cotovelos sobre a toalha, deixou passar o momento outra vez. A mentira de Laura já não importava, era mais uma entre tantos beijos indiferentes, tantos silêncios onde tudo era Nico, onde não havia nada nela ou nele que não fosse Nico. Por que (não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo?) não servir a mesa para três? Por que não ir embora, por que não fechar a mão e explodi-la contra esse rosto triste e sofrido que a fumaça do cigarro deformava, fazia ir e vir como entre duas águas, parecia encher pouco a pouco de ódio como se fosse o próprio rosto de mamãe? Talvez estivesse no outro cômodo, ou talvez esperasse apoiado na porta como ele havia esperado, ou já se havia instalado onde sempre havia sido o amo, no território branco e morno dos lençóis onde tantas vezes havia acudido nos sonhos de Laura. Ali esperaria,

deitado de costas, fumando também um cigarro, tossindo um pouco, rindo com uma cara de palhaço como a cara dos últimos dias, quando já não lhe sobrava nenhuma gota de sangue sadio nas veias.

Passou para o outro quarto, foi até a mesa de trabalho, acendeu o abajur. Não precisava reler a carta de mamãe para responder como devia. Começou a escrever, querida mamãe. Escreveu: querida mamãe. Jogou o papel fora, escreveu: querida mamãe. Sentia a casa como uma mão que estivesse se fechando sobre ele. Tudo era mais estreito, mais sufocante. O apartamento era suficiente para dois, estava planejado exatamente para dois. Quando levantou os olhos (acabara de escrever: mamãe), Laura estava na porta, olhando para ele. Luis soltou a caneta.

— Você não achou que ele está muito mais magro? — perguntou.

Laura fez um gesto. Um brilho paralelo descia por suas faces.

— Um pouco — disse ela. — A gente vai mudando...

Os bons serviços

A Marta Mosquera, que me falou em Paris a respeito de madame Francinet.

Já faz algum tempo que acender o fogo me dá um trabalhão. Os fósforos não são como os de antes, agora é preciso botá-los de cabeça para baixo e esperar que a chama ganhe força; a lenha vem úmida, e por mais que eu recomende a Frédéric que me traga madeira seca, sempre cheira a molhado e acende mal. Desde que minhas mãos começaram a tremer tudo é muito mais trabalhoso. Antes eu arrumava uma cama em dois segundos, e os lençóis ficavam como recém-passados. Agora tenho que dar voltas e mais voltas ao redor da cama, e madame Beauchamp fica zangada e diz que se me paga por hora é para que eu não perca tempo alisando uma dobra aqui e outra acolá. Tudo porque minhas mãos tremem, e porque os lençóis de hoje em dia não são como os de antes, tão firmes e grossos. O doutor Lebrun disse que não tenho nada, somente é preciso tomar muito cuidado, não apanhar frio e deitar cedo. "E esse copo de vinho de vez em quando, hein, madame Francinet? Seria melhor que o suprimíssemos, e também o Pernod do meio-dia." O doutor Lebrun é um médico jovem, com boas ideias para os jovens. No meu tempo, ninguém acreditaria que o vinho faz mal. E depois eu nunca bebo o que se diz beber, como Germaine, do terceiro, ou o bruto do Félix, o carpinteiro. Não sei por que agora lembro do coitado do monsieur Bebê, a noite em que me fez beber um copo de uísque. Monsieur Bebê! Monsieur Bebê! Na cozinha do apartamento de madame Rosay, a noite da festa. Eu saía muito, então, ainda andava de casa em casa, trabalhando por hora. Na de

monsieur Renfeld, na das irmãs que ensinavam piano e violino, em tantas casas, todas muito boas. Hoje em dia, mal posso ir três vezes por semana à casa de madame Beauchamp, e acho que não vai durar muito. Agora já não me recomendaria à madame Rosay, e madame Rosay não viria me buscar, agora monsieur Bebê não se encontraria comigo na cozinha. Não, principalmente monsieur Bebê.

Quando madame Rosay chegou em casa já era tarde, e ficou só um instante. Na verdade, minha casa é de um cômodo só, mas como lá dentro tenho o fogão e o que sobrou dos móveis quando Georges morreu, e foi preciso vender tudo, acho que tenho o direito de chamar de casa. Seja como for, existem três cadeiras, e madame Rosay tirou as luvas, sentou-se e disse que a sala era pequena mas simpática. Eu não estava impressionada por madame Rosay, embora preferisse estar mais bem vestida. Tomou-me de surpresa, e estava com a saia verde que uma de minhas irmãs tinha me dado de presente. Madame Rosay não olhava para nada, quero dizer que olhava para tudo e desviava o olhar em seguida, como para se desligar do que havia olhado. Tinha o nariz um pouco franzido; vai ver, não gostava do cheiro de cebola (eu gosto muito de cebola) ou do xixi do coitado do Minouche. Mas eu estava contente por madame Rosay ter vindo, e disse isso a ela.

— Ah, sim, madame Francinet. Eu também estou contente por tê-la encontrado, porque ando tão ocupada... — Franzia o nariz como se os afazeres cheirassem mal. — Quero dizer que... Ou seja, madame Beauchamp pensou que talvez a senhora pudesse dispor da noite de domingo.

— Mas naturalmente — disse eu. — O que posso fazer nos domingos, depois de ir à missa? Entro um instante em casa de Gustave, e...

— Sim, claro — disse madame Rosay. — Se a senhora está livre no domingo, gostaria que me ajudasse em casa. Daremos uma festa.

— Uma festa? Parabéns, madame Rosay.

Mas madame Rosay não pareceu gostar disso, e levantou-se de repente.

— A senhora ajudará na cozinha, e vai ter muito o que fazer. Se puder ir às sete, meu mordomo explicará o que for preciso.

— Naturalmente, madame Rosay.

— Este é o meu endereço — disse madame Rosay, e me deu um cartão de visitas creme. — Quinhentos francos, está bem?

— Quinhentos francos.

— Vamos dizer seiscentos. À meia-noite estará livre, e terá tempo para apanhar o último metrô. Madame Beauchamp me disse que a senhora é de confiança.

— Oh, madame Rosay!

Quando ela saiu quase ri, ao pensar que estive a ponto de oferecer uma xícara de chá (teria de procurar alguma que não estivesse lascada). Às vezes, não percebo com quem estou falando. Só quando vou à casa de uma senhora me contendo e falo como uma criada. Deve ser porque na minha casa não sou criada de ninguém, ou porque acho que ainda vivo em nosso apartamentinho de três cômodos, quando Georges e eu trabalhávamos na fábrica e não passávamos necessidade. Ou talvez porque de tanto ralhar com o coitado do Minouche, que faz xixi debaixo do fogão, acho que também sou uma senhora como madame Rosay.

Quando eu ia entrar na casa, quase perco um salto do sapato. Disse em seguida: "Boa sorte quero ver aqui e agora, diabo, cai fora." E toquei a campainha.

Apareceu um senhor de costeletas grisalhas como no teatro, e me mandou entrar. Era um apartamento enorme que cheirava a cera de assoalho. O senhor de costeletas era o mordomo e tinha cheiro de benjoim.

— Até que enfim — disse ele, e apressou-se em me fazer continuar por um corredor que levava aos quartos de serviço. — Na próxima vez, chame na porta da esquerda.

— Madame Rosay não tinha me dito nada.

— A senhora não tem por que pensar nessas coisas. Alice, esta é madame Francinet. Dê a ela um de seus aventais.

Alice me levou ao seu quarto, depois da cozinha (e que cozinha), e me deu um avental grande demais. Parece que madame

Rosay havia dito a ela que me explicasse tudo, mas no começo achei que a história dos cachorros era engano, e fiquei olhando para Alice, para a verruga que Alice tinha embaixo do nariz. Ao passar pela cozinha tudo o que eu tinha conseguido ver era tão luxuoso e reluzente que só a ideia de estar ali naquela noite, limpando coisas de cristal e preparando as bandejas com as guloseimas que se comem nessas casas, me parecia melhor que ir a qualquer teatro ou campo. Vai ver foi por isso que no começo não entendi direito a questão dos cachorros, e fiquei olhando para Alice.

— Ah, é isso — disse Alice, que era bretã, estava na cara. — A senhora falou.

— Mas, como? E esse senhor de costeletas, não pode cuidar dos cães?

— O senhor Rodólos é o mordomo — disse Alice, com santo respeito.

— Bem, se não for ele, qualquer um. Não entendo por que tem de ser eu.

Alice ficou de repente insolente.

— E por que não, madame...?

— Francinet, às suas ordens.

— ...madame Francinet? Não é um trabalho difícil. Fido é o pior, a senhorita Lucienne fez dele um malcriado...

E me explicava, novamente amável feito uma gelatina.

— Açúcar a toda hora, e o tenho na barra da saia. Monsieur Bebê também estraga tudo, mima tanto, a senhora sabe... Mas Médor é muito bom, e Fifine não vai sair do seu canto.

— Então — disse eu, que não saía do meu assombro —, tem muito cachorro.

— Ah, sim, muitíssimos.

— Num apartamento! — disse, indignada e sem poder disfarçar.
— Não sei o que a senhora...

— Senhorita.

— Desculpe. Não sei o que a senhorita vai pensar. Mas no meu tempo, senhorita, os cães viviam nos canis, e posso dizer isso muito bem porque meu finado esposo e eu tínhamos uma casa ao lado da villa de monsieur... — Mas Alice não me deixou explicar. Não é que

dissesse alguma coisa, mas dava para ver que estava impaciente e isso eu percebo logo nas pessoas. Fiquei quieta, e ela começou a me dizer que madame Rosay adorava os cães, e que o senhor respeitava todos os seus gostos. E havia também a sua filha, que tinha herdado o mesmo gosto.

— A senhorita anda louca com o Fido, e com certeza comprará uma cadela da mesma raça, para que tenham filhotes. Tem só seis: Médor, Fifine, Fido, a Petite, Chow e Hannibal. O pior é Fido, a senhorita Lucienne acostumou-o muito mal. Não está ouvindo? Com certeza está latindo na entrada.

— E onde vou ter que ficar para cuidar deles? — perguntei com ar despreocupado, para que Alice não achasse que eu me sentia ofendida.

— Monsieur Rodólos vai levá-la até o quarto dos cachorros.

— Quer dizer que os cães têm um quarto? — disse eu, sempre com muita naturalidade. No fundo, Alice não tinha culpa, mas devo dizer a verdade e a verdade é que eu bem que podia ter dado umas bofetadas nela ali mesmo.

— Claro que têm seu quarto — disse Alice. — A senhora quer que os cães durmam cada um em seu colchão, e mandou arrumar um quarto só para eles. Vamos já levar uma cadeira, para que possa sentar e vigiá-los.

Ajeitei o avental da melhor maneira possível, e voltamos para a cozinha. Justamente naquele momento abriu-se outra porta e madame Rosay entrou. Usava uma *robe de chambre* azul, com peles brancas, e o rosto cheio de creme. Parecia um bolo, e perdão pela comparação. Mas estava muito amável e dava para ver que minha chegada tinha tirado um peso de cima dela.

— Ah, madame Francinet. Alice já deve ter explicado de que se trata. Talvez mais tarde a senhora possa ajudar em alguma outra tarefa mais leve, secar os copos ou coisas assim, mas o mais importante é manter meus tesouros quietos. São deliciosos, mas não conseguem ficar juntos, e principalmente sozinhos; num instante começam a brigar, e não posso *tolerar* a ideia de que Fico morda Chow, coitadinho, ou que Médor... — baixou a voz e aproximou-se um pouco. — Além disso, vai ter de vigiar muito a Petite, uma

pomeroniana de olhos preciosos. Acho que... o momento está chegando... e não gostaria que Médor, ou que Fido... a senhora entende? Amanhã vou mandar levá-la para a nossa chácara, mas até lá, quero que seja vigiada. E eu não sei onde colocá-la, a não ser no quarto, com os outros. Pobre tesouro, tão delicada! Não consigo me afastar dela a noite inteira. A senhora vai ver, eles não dão nenhum trabalho. Pelo contrário, vai se divertir vendo como eles são inteligentes. De vez em quando vou dar uma olhada para saber como eles estão.

Percebi que não era uma frase amável e sim uma advertência, mas madame Rosay continuava sorrindo debaixo do creme com cheiro de flores.

— Lucienne, minha filha, também irá, naturalmente. Ela não consegue ficar longe de Fido. Até dorme com ele, imagine só... Mas isso ela já estava dizendo a alguém na imaginação, porque ao mesmo tempo deu meia-volta para sair, e não tornei a vê-la. Alice, apoiada na mesa, me olhava com ar de idiota. Não é que eu despreze as pessoas, mas me olhava com ar de idiota.

— A que horas é a festa? — perguntei, reparando que sem querer continuava falando no mesmo tom de madame Rosay, essa maneira de fazer as perguntas meio de lado, como quem pergunta a um cabide ou a uma porta.

— Já vai começar — disse Alice, e monsieur Rodólos, que entrava naquele momento tirando uma poeirinha de seu terno preto, concordou com ar importante.

— É sim, eles devem estar chegando — disse, fazendo um sinal a Alice, para que cuidasse de umas preciosas bandejas de prata. — Monsieur Fréjus e monsieur Bebê já chegaram, e querem coquetéis.

— Esses dois sempre chegam cedo — disse Alice. — E também bebem... Já expliquei tudo a madame Francinet, e madame Rosay disse o que ela tem de fazer.

— Ah, perfeitamente. Então é melhor levá-la até o quarto onde ela deve ficar. Depois trarei os cães; o patrão e monsieur Bebê estão brincando com eles na sala.

— A senhorita Lucienne estava com Fido no quarto dela disse Alice.

— Sim, ela mesma vai levá-lo para madame Francinet. Então, por favor, queira me acompanhar, senhora...

Foi assim que me vi sentada numa cadeirinha austríaca exatamente no meio de um enorme quarto cheio de colchões pelo chão, e onde havia uma casinha com teto de palha, igual às choças dos negros, que segundo me explicou o senhor Rodólos era um capricho da senhorita Lucienne com seu Fido. Os seis colchões estavam jogados a esmo, e havia tigelinhas com água e comida. A única lâmpada elétrica pendia justo em cima da minha cabeça, e dava uma luz muito fraca. Disse isso ao senhor Rodólos, e também que tinha medo de adormecer quando estivesse sozinha com os cachorros.

— Ah, não vai dormir não, madame Francinet — respondeu ele. — Os cães são muito carinhosos, mas malcriados, e será preciso cuidar deles o tempo todo. Espere aqui um momento.

Quando fechou a porta e me deixou sozinha, sentada no meio daquele quarto tão esquisito, com cheiro de cachorro (mas cheiro limpo) e todos os colchões pelo chão, me senti meio estranha porque era quase estar sonhando, principalmente com aquela luz amarela em cima da cabeça e aquele silêncio. Claro que o tempo passaria rápido e não seria tão desagradável, mas a cada instante eu sentia como se alguma coisa estivesse errada. Não porque tivessem me chamado para aquilo sem me prevenir, mas talvez o estranho era ter de fazer aquele trabalho, ou talvez eu realmente achasse que estava errado. O chão brilhava de tão bem encerado, e dava para ver que os cachorros faziam suas necessidades em outro lugar porque não havia nenhum cheiro, a não ser o próprio cheiro deles que não é tão ruim depois de um certo tempo. Mas o pior era ficar sozinha esperando, e quase me alegrei quando a senhorita Lucienne entrou trazendo Fido, um pequinês horrível (não aguento os pequineses), e o senhor Rodólos veio gritando e chamando os outros cinco cães até que todos entraram no quarto. A senhorita Lucienne estava linda, toda de branco, e tinha um cabelo platinado que chegava até os ombros. Beijou e acariciou Fido durante muito tempo, sem se importar com os outros que bebiam e brincavam, e depois trouxe Fido até onde eu estava e me olhou pela primeira vez.

— É a senhora que vai cuidar deles? — disse. Tinha a voz um pouco esganiçada, mas não se pode negar que era muito bonita.

— Sou madame Francinet, às suas ordens — respondi, cumprimentando.

— Fido é muito delicado. Tome. Sim, nos braços. Não vai sujá-la, eu mesma dou banho nele todas as manhãs. Como estava dizendo, é muito delicado. Não deixe que ele se misture com esses aí. E de vez em quando, ofereça água para ele.

O cachorro ficou quieto em meu colo, mas ainda assim me dava um pouco de nojo. Um dinamarquês enorme e cheio de manchas negras aproximou-se e começou a cheirá-lo, como os cães fazem, e a senhorita Lucienne soltou um grito e depois deu-lhe um pontapé. O senhor Rodólos não se movia da porta, e dava para ver que estava acostumado.

— Está vendo, está vendo? — gritava a senhorita Lucienne. — Isso é o que não quero que aconteça, e a senhora não deve deixar acontecer. Mamãe já explicou, não é? A senhora vai ficar aqui até que a *party* termine. E se Fido passar mal e começar a chorar, bata na porta para que este aqui me avise.

Foi embora sem olhar para mim, depois de pegar outra vez o pequinês nos braços e beijá-lo até o cão gemer. Monsieur Rodólos ficou um minuto mais.

— Os cachorros não são maus, madame Francinet — disse ele. — Mas se por acaso houver algum problema, bata na porta, que eu virei. Fique tranquila — acrescentou, como se tivesse pensado nisso no último instante, e foi embora fechando a porta com todo cuidado. Quis saber se ele tinha passado a chave por fora, mas resisti à tentação de ir ver, porque acho que teria me sentido pior.

A verdade é que cuidar dos cães não foi difícil. Eles não brigavam, e o que madame Rosay dissera de Petite não era certo, ou pelo menos ainda não havia começado. Naturalmente, assim que a porta foi fechada, soltei o pequinês asqueroso e deixei-o misturar-se tranquilamente com os outros. Era o pior, puxava briga o tempo todo, mas eles não faziam nada e até o convidavam para brincar. De vez em quando bebiam ou comiam a carne das tigelas, que parecia boa. Que me perdoem, mas quase dava fome ver aquela carne tão

bonita nas tigelas.

Às vezes, de longe, podia-se ouvir alguém e não sei se era porque estava sabendo que iam tocar música (Alice havia dito isso na cozinha), mas achei que estava ouvindo um piano, embora talvez fosse em outro apartamento. O tempo parecia não passar, sobretudo por causa da única luz que pendia do teto, tão amarela. Quatro dos cães dormiram logo, e Fido e Fifine (não sei se era Fifine, mas achei que devia ser) brincaram um pouco dando mordidinhas nas orelhas, e terminaram bebendo muita água e deitando-se um contra o outro no colchão. Às vezes eu achava que estava ouvindo passos lá fora, e corria para pegar Fido nos braços, caso a senhorita Lucienne entrasse. Mas não veio ninguém e passou-se muito tempo, até que comecei a cochilar na cadeira, e bem que gostaria de ter apagado a luz de uma vez e dormir de verdade num dos colchões vazios.

Não vou dizer que fiquei triste quando Alice veio me buscar. Alice estava com o rosto muito vermelho, e via-se que ainda estava excitada pela festa e por tudo que haviam comentado na cozinha, as outras empregadas e monsieur Rodólos.

— Madame Francinet, a senhora é uma maravilha — disse. — A patroa com certeza vai ficar muito satisfeita e irá chamá-la toda vez que houver uma festa. A última que veio não conseguiu fazer eles ficarem quietos, e até a senhorita Lucienne teve que parar de dançar e vir cuidar deles. Veja só como dormem!

— Os convidados já foram? — perguntei, um pouco envergonhada por causa dos cumprimentos.

— Os convidados, já. Mas tem outros que são de casa, e sempre ficam um pouco mais. Todos beberam muito, posso garantir. Até o patrão, que nunca bebe em casa, veio à cozinha muito contente e fez piadinhas para Ginette e para mim, sobre como o jantar tinha sido bem servido, e nos deu cem francos de presente. Acho que a senhora também vai ganhar uma gorjeta. Ainda estão dançando, a senhorita Lucienne com seu noivo, e monsieur Bebê e seus amigos estão brincando de disfarçar.

— Então tenho de ficar?

— Não, a patroa disse que quando o deputado e os outros fossem embora, era para soltar os cachorros. Eles adoram brincar

com os cachorros no salão. Vou levar o Fido, e a senhora só precisa vir comigo até a cozinha.

Fui atrás dela, cansadíssima e morta de sono, mas cheia de curiosidade para ver alguma coisa da festa, nem que fossem os copos e pratos na cozinha. E vi, porque havia montões empilhados em todas as partes, e garrafas de champanha e de uísque, algumas ainda com um fundo de bebida. Na cozinha usavam lâmpadas compridas de luz azul e fiquei deslumbrada ao ver tantos armários brancos, tantas prateleiras enormes onde brilhavam talheres e çarolas. Ginette era uma ruiva pequenina, que também estava muito excitada e recebeu Alice com risinhos e gestos. Parecia bastante sem-vergonha, como tantas nestes tempos.

— Continuam do mesmo jeito? — perguntou Alice, olhando para a porta.

— Sim — disse Ginette, agitada. — A senhora é que ficou tomando conta dos cachorros?

Eu sentia sede e sono mas não me ofereciam nada, nem mesmo onde me sentar. Estavam entusiasmadas demais com a festa, com tudo que tinham visto enquanto serviam a mesa ou recebiam os casacos na entrada. Uma campainha soou, e Alice, que continuava com o pequinês nos braços, saiu correndo. Veio monsieur Rodólos e passou sem me olhar, voltando em seguida com os cinco cães que saltavam e faziam festa para ele. Vi que estava com a mão cheia de torrões de açúcar, e que os distribuía para que os cachorros o seguissem até o salão. Eu me apoiei na grande mesa do centro, tentando não olhar muito para Ginette, que assim que Alice voltou continuou a falar de monsieur Bebê e dos disfarces, de monsieur Fréjus, da pianista que parecia tuberculosa e de como a senhorita Lucienne havia discutido com o pai. Alice apanhou uma das garrafas que estavam pela metade, e levou-a à boca com uma grosseria que me deixou tão desconcertada que não sabia para onde olhar; mas o pior foi que em seguida passou a garrafa para a ruiva, que acabou de esvaziá-la. As duas riam como se também tivessem bebido muito durante a festa. Talvez por isso não pensassem que eu sentia fome e, principalmente, sede. Com certeza se estivessem em pleno juízo teriam percebido. As pessoas não são más e muitas desatenções são

cometidas por falta de cuidado com o que se faz; acontece a mesma coisa nos ônibus, nos armazéns e nas repartições públicas.

A campainha tocou de novo, e as duas moças saíram correndo. Ouviam-se altas gargalhadas, e de vez em quando, o piano. Eu não entendia por que me faziam esperar; era só me pagar e deixar-me ir embora. Sentei-me numa cadeira e pus os cotovelos em cima da mesa. Meus olhos despencavam de sono e por isso não percebi que alguém acabava de entrar na cozinha. Primeiro ouvi um ruído de copos que se chocavam, e um assovio muito suave. Pensei que era Ginette e virei-me para perguntar o que iam fazer comigo.

— Oh, desculpe, senhor — disse, levantando-me. — Não sabia que o senhor estava aqui.

— Não estou, não estou — disse o homem, que era muito jovem. — Loulou, venha ver!

Cambaleava um pouco, apoiando-se numa prateleira. Havia enchido um copo com uma bebida branca, e olhava-o contra a luz como se desconfiasse. A chamada Loulou não aparecia, de maneira que o jovem senhor aproximou-se de mim e disse para eu sentar. Era louro, muito pálido, e estava vestido de branco. Quando percebi que estava vestido de branco em pleno inverno, perguntei-me se estava sonhando. Isso não é maneira de dizer, quando vejo alguma coisa esquisita sempre me pergunto com todas as letras se não estou sonhando. Poderia ser, porque às vezes tenho sonhos com coisas estranhas. Mas aquele senhor estava ali, sorrindo com ar de cansaço e quase de enfado. Dava pena ver como era pálido.

— A senhora deve ser quem cuida dos cães — falou, e começou a beber.

— Sou madame Francinet, às suas ordens — disse.

Era tão simpático, e não me dava nenhum temor. Era mais o desejo de ser útil, de dar alguma atenção para ele. Agora, estava olhando outra vez a porta aberta.

— Loulou! Vem ou não vem? Aqui tem vodca. Por que a senhora estava chorando, madame Francinet?

— Oh, não, senhor. Devo ter bocejado, um momento antes de o senhor entrar. Estou um pouco cansada, e a luz no quarto dos... no outro quarto, não era muito boa. E quando a gente boceja...

— ...os olhos choram — disse ele.

Tinha uns dentes perfeitos, e as mãos mais brancas que já vi em um homem. Endireitando-se de repente, foi ao encontro de um jovem que entrava cambaleando.

— Esta senhora — explicou — é a que nos livrou destas bestas asquerosas. Loulou, diga boa noite.

Levantei-me outra vez e cumprimentei. Mas o senhor chamado Loulou nem olhava para mim. Havia encontrado uma garrafa de champanha na geladeira, e tentava fazer a rolha saltar. O jovem de branco se aproximou para ajudá-lo, e os dois começaram a rir e a forcejar com a garrafa. Quando a gente ri perde a força, e nenhum dos dois conseguia abrir a garrafa. Então resolveram abri-la ao mesmo tempo, e cada um puxava para um lado, até que terminaram apoiando-se um no outro, cada vez mais alegres mas sem conseguir abrir a garrafa. Monsieur Loulou dizia: "Bebê, Bebê, por favor, vamos embora...", e monsieur Bebê ria cada vez mais e o empurrava, brincando, até que conseguiu abrir a garrafa e deixou cair um grande jorro de espuma na cara de monsieur Loulou, que soltou um palavrão e esfregou os olhos, indo de um lado a outro.

— Coitado, querido, está bêbado demais — dizia monsieur Bebê, pondo as mãos de monsieur Loulou para trás e empurrando-o para fora da cozinha. — Vá fazer companhia à pobre Nina que está muito triste... — E ria, mas agora sem vontade.

Depois voltou, e achei que estava mais simpático que nunca. Tinha um tique nervoso que fazia com que levantasse uma sobrancelha. Repetiu o tique duas ou três vezes, olhando para mim.

— Coitada da madame Francinet — disse tocando minha cabeça muito suavemente. — Deixaram a senhora sozinha, e com certeza ninguém lhe deu nada para beber.

— Já devem estar vindo para dizer quando posso voltar para casa, senhor — respondi. Não me incomodava que tivesse tomado a liberdade de tocar minha cabeça.

— Poder voltar, poder voltar... Que necessidade alguém poderia ter de receber permissão para fazer alguma coisa? — disse monsieur Bebê, sentando-se na minha frente.

Havia erguido seu copo outra vez, mas deixou-o na mesa, foi

buscar um limpo e encheu-o com uma bebida cor de chá.

— Madame Francinet, vamos beber juntos — falou, estendendo o copo para mim. — A senhora com certeza gosta de uísque.

— Meu Deus, senhor — disse eu, assustada. — A não ser vinho, e aos sábados um pequeno Pernod na casa de Gustave, não sei o que é beber.

— Nunca tomou uísque? De verdade? — perguntou monsieur Bebê, admirado. — Um golinho só. A senhora vai ver como é bom. Vamos, madame Francinet, ânimo. O primeiro gole é mais difícil... — E começou a declamar um poema que não lembro mais, que falava de uns navegantes de algum lugar esquisito. Tomei um gole de uísque e achei tão perfumado que tomei outro, e depois mais um. Monsieur Bebê saboreava sua vodca e me olhava fascinado.

— Com a senhora é um prazer, madame Francinet — dizia. — Ainda bem que não é mais jovem, com a senhora dá para ser amigo... Basta olhar para ver que é boa, como uma tia do interior, alguém que a gente pode mimar, e que pode mimar a gente, mas sem perigo, sem perigo... Veja Nina, por exemplo, tem uma tia em Poitou que lhe manda frangos, cestas de legumes e até mel... Não é admirável?

— Claro que é, senhor — disse, deixando que me servisse mais um pouco, já que lhe dava tanto prazer. — É sempre agradável ter alguém que cuide da gente, principalmente quando já não se é tão jovem. Na velhice o único remédio é pensar na gente mesmo, porque os outros... Aqui estou eu, por exemplo. Quando meu Georges morreu...

— Beba mais um pouco, madame Francinet. A tia de Nina vive longe, e a única coisa que faz é mandar frangos... Não há perigo de histórias de família...

Eu estava tão tonta que já nem tinha medo do que aconteceria se monsieur Rodólos entrasse e me surpreendesse sentada na cozinha, conversando com um dos convidados. Eu gostava de olhar para monsieur Bebê, ouvir seu riso tão agudo, provavelmente por causa do efeito da bebida. E ele gostava que eu olhasse, e embora no começo tenha parecido um tanto desconfiado, depois não fazia outra coisa além de sorrir e beber, me olhando o tempo todo. Eu sei

que estava terrivelmente bêbado porque Alice tinha me contado tudo que ele havia bebido e, também, pela forma com que seus olhos brilhavam. Se não estivesse bêbado, o que estaria fazendo na cozinha, com uma velha como eu? Mas os outros também estavam bêbados, e no entanto monsieur Bebê era o único que me fazia companhia, o único que havia me dado uma bebida e acariciado minha cabeça, mesmo que não fosse lá muito correto fazer isso. Por esses motivos eu me sentia tão contente com monsieur Bebê, e olhava-o mais e mais, e ele gostava de ser olhado, porque uma ou duas vezes pôs-se um pouco de perfil, e tinha um nariz belíssimo, como uma estátua. Ele era todo uma estátua, principalmente com seu terno branco. Até o que bebia era branco, e estava tão pálido que fiquei com medo. Dava para ver que passava a vida recolhido, como tantos jovens de hoje em dia. Eu bem que gostaria de dizer isso a ele, mas quem era eu para dar conselhos a um senhor de sua categoria?, e além do mais não deu nem tempo, porque ouviu-se uma batida na porta e monsieur Loulou entrou arrastando o dinamarquês, amarrado com uma cortina que havia torcido para formar uma espécie de corda. Estava muito mais bêbado que monsieur Bebê, e quase caiu quando o dinamarquês deu meia-volta e enrolou suas pernas na cortina. Ouviam-se vozes no corredor, e apareceu um senhor grisalho, que devia ser monsieur Rosay, e em seguida madame Rosay muito vermelha e agitada, e um jovem magro e de cabelos negros como eu nunca tinha visto iguais. Todos tentavam socorrer monsieur Loulou, cada vez mais enrolado com o dinamarquês e a cortina, enquanto riam e brincavam aos gritos. Ninguém reparou em mim, até que madame Rosay me viu e ficou séria. Não deu para ouvir o que ele dizia ao senhor grisalho, que olhou para o meu copo (estava vazio, mas com a garrafa ao lado), e monsieur Rosay olhou para monsieur Bebê e fez um gesto de indignação, enquanto monsieur Bebê piscava um olho para ele, e inclinando-se para trás na cadeira dava gargalhadas. Eu estava muito confusa, e portanto achei melhor me levantar e cumprimentar todo mundo com um gesto de inclinação, e depois ficar de lado e esperar. Madame Rosay havia saído da cozinha, e um minuto depois entraram Alice e monsieur Rodólos que se aproximaram de mim e

disseram que os acompanhasse. Cumprimentei os presentes com um gesto de inclinação mas não creio que alguém tenha percebido, porque estavam tentando acalmar monsieur Loulou que de repente começou a chorar e dizia coisas incompreensíveis apontando para monsieur Bebê. A última coisa da qual me lembro é a risada de monsieur Bebê, jogado para trás em sua cadeira.

Alice esperou que eu tirasse o avental, e monsieur Rodólos me entregou seiscentos francos. Na rua estava nevando, e o último metrô havia passado há tempos. Tive que caminhar mais de uma hora até chegar em casa, mas o calor do uísque me protegia, e também a lembrança de tantas coisas e o muito que eu havia me divertido na cozinha, no final da festa.

O tempo voa, como diz Gustave. A gente acha que é segunda-feira e já estamos na quinta. O outono termina, e de repente estamos em pleno verão. Toda vez que Robert aparece para me perguntar se não é preciso limpar a chaminé (Robert é muito bom, e me cobra a metade do que cobra dos outros inquilinos) percebo que o inverno está, como se diz, batendo na porta. Por isso não lembro bem quanto tempo havia passado até que vi monsieur Rosay outra vez. Veio ao cair da tarde, quase à mesma hora de madame Rosay na primeira vez. Ele também começou dizendo que vinha porque madame Beauchamp havia me recomendado, e sentou-se na cadeira com ar confuso. Ninguém se sente à vontade na minha casa, nem eu, quando há visitas que não são íntimas. Começo a esfregar as mãos como se estivessem sujas, e depois penso que os outros vão achar que elas realmente estão sujas, e não sei mais onde me enfiar. Ainda bem que monsieur Rosay estava tão confuso quanto eu, embora disfarçasse melhor. Batia devagar a bengala no chão, assustando muitíssimo Minouche, e olhava para todos os lados, para não encontrar meus olhos. Eu não sabia a que santo rezar, porque era a primeira vez que um senhor se conturbava tanto na minha frente, e não sabia o que se deve fazer nesses casos, a não ser oferecer uma xícara de chá.

— Não, não, obrigado — disse ele, impaciente. — Vim a pedido de minha esposa... A senhora com certeza se lembra de mim.

— Claro, monsieur Rosay. Aquela festa em sua casa, tão animada...

— Sim. Aquela festa. Justamente... quero dizer, isso não tem nada a ver com a festa, mas aquela vez a senhora nos foi muito útil, madame...

— Francinet, às suas ordens.

— Madame Francinet é claro. Minha mulher estava pensando... Veja, é um assunto delicado. Mas em primeiro lugar, quero tranqüilizá-la. O que vou propor não é... digamos... ilegal.

— Ilegal, monsieur Rosay?

— Bem, a senhora sabe, nos dias de hoje... Mas, repito: trata-se de algo muito delicado, mas perfeitamente correto, no fundo. Minha esposa está sabendo de tudo, e está de acordo. Digo isso para tranqüilizá-la.

— Se madame Rosay está de acordo, para mim está tudo certo — falei para que ele se sentisse mais à vontade, embora não soubesse grande coisa de madame Rosay e na verdade a achasse antipática.

— Enfim, a situação é a seguinte madame... Francinet, claro madame Francinet. Um de nossos amigos... talvez seja melhor dizer um de nossos conhecidos, acaba de falecer em circunstâncias muito especiais.

— Oh, monsieur Rosay, meus mais sentidos pêsames!

— Obrigado — disse monsieur Rosay, e fez uma cara muito estranha, como se fosse gritar de raiva ou começar a chorar. Um gesto de verdadeiro louco, que me deu medo. Ainda bem que a porta estava meio aberta, e a oficina de Fresnay fica logo ali, ao lado. — Este senhor... trata-se de um modista muito conhecido... vivia sozinho, ou seja, afastado da família, compreende? Não tinha ninguém além de seus amigos, pois os clientes, a senhora sabe, não contam numa hora dessas. Pois bem, por uma série de razões que seriam complicadas explicar, seus amigos pensamos que, para fins do sepultamento...

Como falava bem! Escolhia cada palavra, golpeando o chão devagar com a bengala, e sem olhar para mim. Era como ouvir os comentários no rádio, só que monsieur Rosay falava mais devagar, e

além disso era óbvio que ele não estava lendo. O mérito era, então, muito maior. Eu me senti tão admirada que perdi a desconfiança, e aproximei minha cadeira um pouco mais. Sentia uma espécie de calor no estômago, pensando que um senhor tão importante vinha me pedir um serviço, fosse o que fosse. E estava morta de medo, e esfregava as mãos sem saber o que fazer.

— Achamos — dizia monsieur Rosay — que uma cerimônia à qual só comparecessem os amigos, uns poucos... enfim, não teria a importância necessária no caso deste senhor... nem traduziria a consternação (falou assim mesmo) que sua perda produziu... A senhora compreende? Achamos que se a senhora fizesse um ato de presença no velório, e naturalmente no enterro... digamos, na qualidade de uma parente próxima do falecido... entende o que quero dizer? Uma parente muito próxima... digamos, uma tia... e até me atreveria a sugerir...

— Sim, monsieur Rosay? — perguntei, no auge da fascinação.

— Bem, tudo depende da senhora, é claro... Mas se recebesse uma recompensa adequada... pois não se trata, é claro, de incomodá-la a troco de nada... Nesse caso não é verdade, madame Francinet?... Se a retribuição fosse da sua conveniência, como veremos num instante... achamos que a senhora poderia estar presente como se fosse... a senhora entende... digamos, a mãe do falecido... Deixe-me explicar-lhe bem... A mãe que acaba de chegar da Normandia, informada de seu falecimento, e que acompanhará seu filho até a tumba... Não, não, antes de dizer qualquer coisa... Minha esposa pensou que talvez a senhora aceitasse ajudar-nos por amizade... e de minha parte, meus amigos e eu combinamos oferecer-lhe dez mil francos... estaria bem assim, madame Francinet?, dez mil francos por sua ajuda... Três mil neste momento, e o resto quando sairmos do cemitério, depois que...

Eu abri a boca, só porque ela abriu sozinha, mas monsieur Rosay não me deixou dizer nada. Estava muito avermelhado e falava rapidamente, como se quisesse acabar com tudo aquilo o mais depressa possível.

— Se a senhora aceita, madame Francinet... como tudo indica, uma vez que confiamos em sua ajuda e não estamos pedindo

nada... irregular vamos dizer assim... nesse caso, dentro de meia hora minha esposa e a empregada estarão aqui, com as roupas adequadas... e o automóvel, é claro, para levá-la à casa... Claro, será necessário que a senhora... como dizer?, que a senhora abrace a ideia de que é... a mãe do falecido... Minha esposa dará as informações necessárias e a senhora, naturalmente, deverá dar a impressão, uma vez que esteja na casa... A senhora compreende... A dor, o desespero... Trata-se principalmente dos clientes — acrescentou. — Diante de nós bastará que guarde silêncio.

Não sei como havia aparecido em suas mãos um maço de notas muito novas, e quero cair dura e seca agora mesmo se souber como de repente as senti dentro da minha mão, e monsieur Rosay se levantou e foi embora murmurando e esquecendo de fechar a porta como todos que saem da minha casa.

Deus me perdoará isso e tantas outras coisas, eu sei. Não era muito correto, mas monsieur Rosay havia garantido que não era ilegal, e que dessa maneira eu estaria prestando uma ajuda muito valiosa (creio que haviam sido estas suas palavras). Não era correto que eu me fizesse passar pela mãe do senhor que havia morrido, e que era modista, porque não se deve fazer essas coisas, nem enganar os outros. Mas tinha que pensar nos clientes e se no enterro faltasse a mãe, ou pelo menos uma tia ou irmã, a cerimônia não teria a importância necessária nem daria sensação de dor produzida pela perda. Monsieur Rosay acabava de dizer essas mesmas palavras, e ele sabia mais que eu. Não era correto fazer aquilo, mas Deus sabe que mal ganho três mil francos por mês, me esfolando na casa de madame Beauchamp e em outros lugares, e agora ia ter dez mil só para chorar um pouco, por lamentar a morte daquele senhor que ia ser meu filho até que o enterrassem.

A casa ficava perto de Saint-Cloud, e me levaram num automóvel como eu nunca tinha visto igual, só por fora. Madame Rosay e a empregada haviam me vestido, e eu sabia que o finado se chamava monsieur Linard, o primeiro nome Octave, e que era filho único de sua mãe anciã, que morava na Normandia e que acabava de chegar no trem das cinco. A mãe anciã era eu, mas estava tão nervosa e confusa que ouvi muito pouco de tudo que madame

Rosay me dizia e recomendava. Lembro que rogou muitas vezes no automóvel (rogava, a palavra é esta mesmo, havia mudado muito desde a noite da festa) que não exagerasse em minha dor, que na verdade desse a impressão de estar terrivelmente fatigada e à beira de um ataque.

— Infelizmente não poderei estar ao seu lado — disse quando íamos chegando. — Mas faça o que lhe indiquei, e, além disso, meu esposo cuidará do que for necessário. Por favor, *por favor*, madame Francinet, principalmente quando vir jornalistas e senhoras... principalmente os jornalistas...

— A senhora não estará lá, madame Rosay? — perguntei espantadíssima.

— Não. A senhora não vai entender, seria complicado explicar. Meu esposo estará, ele tem interesses nos negócios de monsieur Linard... Naturalmente, estará lá por decoro... uma questão comercial e humana... Mas eu não entrarei, não me diz respeito... Não se preocupe por isso.

Na porta vi monsieur Rosay e vários outros senhores. Aproximaram-se, e madame Rosay fez uma última recomendação e esticou-se para trás no assento, para que não a vissem. Eu deixei monsieur Rosay abrir a porta e chorando aos gritos desci do carro enquanto monsieur Rosay me abraçava e me conduzia para dentro, seguido por alguns dos outros senhores. Não conseguia ver muito da casa, porque tinha um lenço cobrindo meus cabelos e que quase tapava meus olhos, e além disso chorava tanto que não enxergava nada, mas pelo cheiro podia-se notar o luxo e também pelos tapetes tão macios. Monsieur Rosay murmurava frases de consolo, e tinha a voz de quem também tivesse chorado. Num enorme salão com lustres cheios de franjas havia alguns senhores que me olhavam com muita compaixão e simpatia, e tenho certeza de que teriam vindo me consolar se monsieur Rosay não me tivesse feito seguir adiante, segurando-me pelos ombros. Num sofá consegui ver um senhor muito jovem, que tinha os olhos fechados e um copo na mão. Nem mesmo se mexeu ao me ouvir entrar, embora eu chorasse forte naquele momento. Abriram uma porta, e dois senhores saíram lá de dentro com um lenço na mão. Monsieur Rosay me empurrou

um pouco, e passei para um outro cômodo e cambaleando me deixei levar até onde estava o morto, e vi o morto que era meu filho, vi o perfil de monsieur Bebê mais louro e mais pálido que nunca, agora que estava morto.

Acho que me agarrei na beira da cama porque monsieur Rosay se assustou, e outros senhores me rodearam e me seguraram, enquanto eu olhava o rosto tão belo de monsieur Bebê morto, suas longas pestanas negras e seu nariz como de cera, e eu não podia acreditar que fosse monsieur Linard, o senhor que era modista e acabara de morrer, não podia me convencer de que esse morto ali na minha frente fosse monsieur Bebê. Sem perceber, juro, havia de verdade caído no choro, agarrada na beira da cama de carvalho maciço e de grande luxo, recordando como monsieur Bebê havia acariciado minha cabeça naquela noite de festa, e enchido meu copo de uísque, falado comigo e tomado conta de mim enquanto os outros se divertiam. Quando monsieur Rosay murmurou alguma coisa do tipo "Diga a ele filho, filho...", não me custou nada mentir, e creio que chorar por ele me fazia tão bem como se fosse uma recompensa por todo o medo que eu havia sentido até aquele momento. Nada me parecia estranho, e quando levantei os olhos e vi de um lado da cama monsieur Loulou com os olhos avermelhados e os lábios trêmulos, comecei a chorar aos gritos olhando o seu rosto, e ele chorava também apesar de sua surpresa, chorava porque eu estava chorando, e cheio de surpresa ao compreender que eu chorava como ele, de verdade, porque nós dois gostávamos de monsieur Bebê, e quase nos desafiávamos a cada lado da cama, sem que monsieur Bebê pudesse rir e caçoar como quando estava vivo, sentado na mesa da cozinha e rindo de todos nós.

Fui levada até um sofá do grande salão com lustres, e uma senhora que estava lá tirou um frasco de sais, e um criado pôs ao meu lado um carrinho com uma bandeja na qual havia café fervendo e um copo d'água. Monsieur Rosay estava muito mais tranquilo agora que percebia que eu era capaz de fazer o que me haviam pedido. Vi quando ele se afastou para falar com outros senhores, e passou um longo tempo sem que ninguém entrasse ou saísse da sala. No sofá da frente continuava sentado o jovem que eu havia

visto ao entrar, e que chorava com o rosto entre as mãos. De vez em quando ele tirava um lenço e assoava o nariz. Monsieur Loulou apareceu na porta e olhou-o um instante, antes de ir sentar-se ao seu lado. Eu sentia tanta pena dos dois, via-se que tinham sido muito amigos de monsieur Bebê, e eram tão jovens e sofriam tanto. Monsieur Rosay também os olhava de um canto da sala, onde estivera falando em voz baixa com duas senhoras que estavam a ponto de ir embora. E assim passavam-se os minutos, até que monsieur Loulou soltou uma espécie de gemido e afastou-se do outro jovem que olhava para ele furioso, e ouvi monsieur Loulou dizendo alguma coisa como "você nunca se importou com nada, Nina", e lembrei de alguém que se chamava Nina e que tinha uma tia em Poitou que mandava frangos e legumes. Monsieur Loulou ergueu os ombros e tornou a dizer que Nina era um mentiroso, em seguida levantou-se fazendo caras e gestos de raiva. Então monsieur Nina também se levantou, e os dois foram quase correndo ao quarto onde estava monsieur Bebê, e ouvi que discutiam, mas logo depois monsieur Rosay entrou para fazê-los calar a boca e não se ouviu mais nada, até que monsieur Loulou veio se sentar no sofá com o lenço molhado na mão. Bem atrás do sofá havia uma janela que dava para o pátio interno. Acho que, de tudo que havia naquela sala, o que melhor recordo é a janela (e também os lustres, tão luxuosos), porque no final da noite a vi mudar pouco a pouco de cor e tornar-se cada vez mais acinzentada e finalmente rosa, antes que o sol saísse. E esse tempo todo fiquei pensando em monsieur Bebê, e de repente não conseguia me conter e chorava, embora somente estivessem ali monsieur Rosay e monsieur Loulou, porque monsieur Nina havia ido embora ou estava em outro lugar da casa. E assim a noite passou, e de vez em quando eu não podia me conter ao pensar em monsieur Bebê tão jovem, e me punha a chorar, embora também fosse um pouco pelo cansaço, então monsieur Rosay veio se sentar ao meu lado, com uma cara muito estranha, e me disse que não era necessário continuar fingindo, e que me preparasse para quando fosse a hora do enterro e chegasse o pessoal e os jornalistas. Mas às vezes é difícil a gente saber quando se chora de verdade ou não, e pedi a monsieur Rosay que me deixasse ficar

velando monsieur Bebê. Ele parecia achar muito estranho que eu não quisesse ir dormir um pouco, e se ofereceu várias vezes para levar-me a um dormitório, mas enfim se convenceu e me deixou tranquila. Aproveitei um momento em que ele havia saído, provavelmente para ir ao toalete, e entrei outra vez no quarto onde estava monsieur Bebê.

Pensei que iria encontrá-lo sozinho, mas monsieur Nina estava lá, olhando para ele, parado aos pés da cama. Como não nos conhecíamos (quero dizer, ele sabia que eu era a senhora que se fazia de mãe de monsieur Bebê, mas não havíamos nos encontrado antes), nós dois nos olhamos com desconfiança, embora ele não tenha dito nada quando me aproximei e me pus ao lado de monsieur Bebê. Ficamos assim durante um certo tempo, e eu via que as lágrimas corriam por suas faces, e haviam feito uma espécie de sulco perto do nariz.

— O senhor também estava na noite da festa — disse, querendo distraí-lo. — Monsieur Bebê... monsieur Linard disse que o senhor estava muito triste, e pediu a monsieur Loulou que fosse lhe fazer companhia.

Monsieur Nina me olhou sem compreender. Movia a cabeça, e sorri para ele, para distraí-lo.

— A noite da festa na casa de monsieur Rosay — falei. — Monsieur Linard foi até a cozinha, e me ofereceu uísque.

— Uísque?

— Sim. Foi o único que me ofereceu algo para beber naquela noite... E monsieur Loulou abriu uma garrafa de champanha, e então monsieur Linard jogou espuma em seu rosto, e...

— Oh, cale-se, cale-se — murmurou monsieur Nina. — Não fale nesse nome... Bebê estava louco, realmente louco...

— E por isso o senhor estava triste? — falei só por falar, mas ele não me ouvia mais, olhava para monsieur Bebê como se perguntasse alguma coisa, e movia a boca repetindo sempre o mesmo, até que não consegui continuar olhando para ele. Monsieur Nina não era tão bonito como monsieur Bebê ou como monsieur Loulou, e me pareceu muito pequeno, embora as pessoas de preto sempre pareçam menores, como diz Gustave. Eu gostaria de

consolar monsieur Nina, tão aflito, mas monsieur Rosay entrou nesse momento e fez sinais para que eu voltasse para a sala.

— Já está amanhecendo, madame Francinet — disse. O coitado estava verde. — A senhora devia descansar um pouco. Não vai resistir ao cansaço, e daqui a pouco as pessoas começam a chegar. O enterro é às nove e meia.

Eu realmente estava caindo de cansaço, e era melhor dormir uma hora. Parece mentira, mas uma hora de sono acaba com qualquer cansaço. Por isso deixei que monsieur Rosay me levasse pelo braço, e quando atravessamos a sala com os lustres, a janela já estava de um rosa vivo, e senti frio apesar da lareira acesa. Naquele momento monsieur Rosay me soltou de repente, e ficou olhando para a porta que dava para a saída da casa. Havia entrado um homem com um cachecol no pescoço, e me assustei por um momento pensando que talvez tivessem nos descoberto (embora não fosse nada ilegal) e que o homem de cachecol fosse um irmão ou coisa parecida de monsieur Bebê. Mas não podia ser, com aquele ar tão rústico como se Pierre ou Gustave pudessem ser irmãos de alguém tão refinado como monsieur Bebê. Atrás do homem de cachecol vi de repente monsieur Loulou com o ar de quem tem medo, mas ao mesmo tempo parecia que estava contente por causa de alguma coisa que ia acontecer. Então monsieur Rosay me fez um sinal para que permanecesse onde estava e deu dois ou três passos na direção do homem de cachecol, mas parece que sem nenhuma vontade.

— O senhor, aqui?... — começou a dizer, com a mesma voz que usava para falar comigo, e que no fundo não era nada amável.

— Onde está Bebê? — perguntou o homem, com voz de quem andou bebendo ou gritando. Monsieur Rosay fez um gesto vago, tentando impedi-lo de seguir adiante, mas o homem avançou e afastou-o só com um olhar. Eu estava achando muito estranha aquela atitude tão grosseira num momento tão triste, mas monsieur Loulou, que havia ficado na porta (e creio que foi ele quem deixou aquele homem entrar), começou a gargalhar, e então monsieur Rosay chegou perto e deu-lhe bofetadas como se ele fosse uma criança, uma criança de verdade. Não ouvi bem o que diziam, mas

monsieur Loulou parecia contente apesar dos bofetões, e dizia alguma coisa como "Agora ela vai ver... agora essa puta vai ver...", e embora seja errado repetir suas palavras, disse várias vezes a mesma coisa até que de repente começou a chorar e cobriu o rosto, enquanto monsieur Rosay o empurrava e o arrastava até o sofá onde ficou gritando e chorando, e todos haviam se esquecido de mim, como sempre.

Monsieur Rosay parecia muito nervoso e não se decidia a entrar no quarto fúnebre, mas depois de um instante ouviu-se a voz de monsieur Nina que reclamava de alguma coisa e monsieur Rosay decidiu-se e correu para a porta bem no momento em que monsieur Nina saía protestando, e eu poderia jurar que o homem de cachecol tinha dado alguns empurrões para expulsá-lo. Monsieur Rosay recuou, olhando para monsieur Nina, e os dois começaram a falar em voz muito baixa mas que ao mesmo tempo acabava sendo esganiçada, e monsieur Nina chorava de pesar e fazia tantos gestos, que me dava muita pena. Depois se acalmou um pouco e monsieur Rosay levou-o até o sofá onde estava monsieur Loulou, que ria de novo (era assim, riam de repente, do mesmo jeito que choravam), mas monsieur Nina fez um gesto de desprezo e foi se sentar em outro sofá perto da lareira. Eu fiquei num canto da sala, esperando que chegassem as senhoras e os jornalistas, conforme madame Rosay havia ordenado, e finalmente o sol bateu nos vidros da janela e o criado de libré fez entrar dois senhores muito elegantes e uma senhora, que olhou primeiro para monsieur Nina, talvez pensando que fosse da família, e depois para mim, e eu estava com o rosto coberto pelas mãos mas a via muito bem através dos dedos. Os senhores, e outros que entraram depois, iam ver monsieur Bebê, e depois se reuniam na sala, e alguns vinham até onde eu estava, acompanhados por monsieur Rosay, e me davam os pêsames e apertavam minha mão com muito sentimento. As senhoras também eram muito amáveis, principalmente uma delas, muito jovem e bonita, que sentou-se um momento ao meu lado e disse que monsieur Linard havia sido um grande artista e que sua morte era uma perda irreparável. Eu dizia sim a tudo, e chorava de verdade embora estivesse fingindo o tempo todo, mas me emocionava

pensar em monsieur Bebê lá dentro, tão bonito e tão bom, e no grande artista que ele havia sido. A jovem senhora acariciou várias vezes minhas mãos e disse que ninguém jamais esqueceria monsieur Linard, e que ela tinha certeza de que monsieur Rosay continuaria com a casa de modas, tal como sempre havia desejado monsieur Linard, para que seu estilo não se perdesse, e muitas outras coisas das quais já não me lembro, mas sempre cheias de elogios para monsieur Bebê. E então monsieur Rosay veio me buscar, e depois de olhar para os que me rodeavam, para que compreendessem o que iria acontecer, me disse em voz baixa que estava na hora de me despedir do meu filho, porque iam fechar o caixão. Senti um medo terrível, pensando que naquele momento teria de fazer a cena mais difícil, mas ele me segurou e me ajudou a levantar, e entramos no quarto onde estava apenas o homem do cachecol aos pés da cama, olhando para monsieur Bebê, e monsieur Rosay fez-lhe um sinal suplicante para que compreendesse que devia me deixar sozinha com meu filho, mas o homem respondeu com uma careta e sacudiu os ombros e não se mexeu. Monsieur Rosay não sabia o que fazer, e voltou a olhar para o homem implorando-lhe que sáísse, porque outros senhores que deviam ser os jornalistas acabavam de entrar atrás de nós, e realmente o homem não combinava com o ambiente, com aquele cachecol e aquela maneira de olhar para monsieur Rosay como se estivesse a ponto de insultá-lo. Não pude esperar mais, tinha medo de todos, estava certa de que ia acontecer alguma coisa terrível, e embora monsieur Rosay não reparasse em mim e continuasse fazendo sinais para convencer o homem a ir embora, aproximei-me de monsieur Bebê e comecei a chorar em prantos, e então monsieur Rosay me segurou porque realmente eu queria beijar a testa de monsieur Bebê, que para mim continuava sendo o melhor de todos, mas ele não deixava e dizia que eu me acalmasse, e depois me obrigou a voltar para a sala, consolando-me enquanto apertava meu braço até doer, mas este último aspecto só eu podia sentir, e não me importava. Quando cheguei ao sofá, o criado trouxe água e duas senhoras me abanaram com um lenço, e houve um grande movimento no outro cômodo, e novas pessoas entraram e se

aproximaram de mim até que já não consegui ver direito o que acontecia. Entre os que acabavam de chegar estava o padre, e me alegrei muito por ele ter vindo acompanhar monsieur Bebê. Logo seria a hora de ir para o cemitério, e era justo que o padre viesse conosco, com a mãe e os amigos de monsieur Bebê. Certamente eles também ficariam alegres por ele ter vindo, principalmente monsieur Rosay, que estava tão aflito por causa do homem de cachecol, e que se preocupava para que tudo estivesse do jeito que tinha de ser, para que todos soubessem como o enterro tinha sido bonito e como todos gostavam tanto de monsieur Bebê.

As babas do diabo

Nunca se saberá como isto deve ser contado, se na primeira ou na segunda pessoa, usando a terceira do plural ou inventando constantemente formas que não servirão para nada. Se fosse possível dizer: eu viram subir a lua, ou: em mim nos dói o fundo dos olhos, e principalmente assim: tu mulher loura eram as nuvens que continuam correndo diante de meus teus seus nossos vossos seus rostos. Que diabo.

Durante a narração, se fosse possível ir beber um chope por aí e a máquina continuasse sozinha (porque escrevo à máquina), seria a perfeição. E não é uma maneira de dizer. A perfeição, sim, porque o insondável que aqui é preciso contar é também uma máquina (de outra espécie, uma Cöntax 1.1.2) e de repente pode ser que uma máquina saiba mais de outra máquina que eu, tu, ela — a mulher loura — e as nuvens. Mas de bobo tenho apenas a sorte, e sei que se eu for embora, esta Remington ficará petrificada sobre a mesa com esse ar de duplamente quietas que as coisas móveis têm quando não se movem. Então tenho que escrever. Algum de nós tem que escrever, se é que isto vai ser contado. Melhor que seja eu que estou morto, que estou menos comprometido do que o resto; eu que não vejo mais que as nuvens e posso pensar sem me distrair, escrever sem me distrair (aí vai passando outra, com as beiradas cinzentas) e recordar sem me distrair, eu que estou morto (e vivo, não se trata de enganar ninguém, veremos quando chegar o momento, porque tenho que começar de algum modo e comecei por esta ponta, a de trás, a do começo, que afinal de contas é a melhor das pontas quando se quer narrar alguma coisa).

De repente me pergunto por que tenho de contar isto, mas se a

gente começa a se perguntar por que faz tudo que faz, se a gente se pergunta apenas por que aceita um convite para jantar (agora, passa uma pomba, e parece que um pardal) ou por que quando alguém nos contou um bom caso, em seguida surge como uma cócega no estômago e não dá para ficar tranquilo até entrar no escritório aí do lado e contar adiante a mesma história; só então a gente se sente bem, contente, e pode voltar ao trabalho. Que eu saiba ninguém explicou isso, portanto, o melhor é deixar os pudores de lado e contar, porque afinal ninguém se envergonha de respirar ou calçar sapatos; são coisas que a gente faz e quando acontece alguma coisa estranha, quando encontramos dentro do sapato uma aranha ou ao respirar nos sentimos como um vidro quebrado, então é preciso contar o que acontece, contar aos rapazes do escritório ou ao médico. Ai, doutor, cada vez que respiro... Sempre contar, sempre livrar-se dessa cócega incômoda no estômago.

E já que vamos contar, é melhor pôr um pouco de ordem, descer pela escada desta casa até o domingo sete de novembro, exatamente há um mês. A gente desce cinco andares e já está no domingo, com um sol inesperado para novembro em Paris, com muitíssima vontade de andar por aí, de ver coisas, de tirar fotos (porque éramos fotógrafos, sou fotógrafo). Já sei que o mais difícil vai ser encontrar a maneira de contar, e não tenho medo de me repetir. Vai ser difícil porque ninguém sabe direito quem é que verdadeiramente está contando, se sou eu ou isso que aconteceu, ou o que estou vendo (nuvens, às vezes uma pomba) ou se simplesmente conto uma verdade que é somente minha verdade, e então não é a verdade a não ser para meu estômago, para esta vontade de sair correndo e acabar com aquilo de alguma forma, seja lá o que for.

Vamos contar devagar, já se verá o que acontece à medida que escrevo. Se me substituírem, se já não sei o que dizer, se as nuvens se acabarem e começar alguma outra coisa (porque não pode ser que isto seja estar vendo ininterruptamente nuvens que passam, e às vezes uma pomba), se algo disso tudo... E depois do 'se', o que porei, como vou fechar corretamente a oração? Mas se começo a fazer perguntas não contarei nada; é melhor contar, talvez contar

seja uma resposta, pelo menos para alguém que esteja lendo.

Roberto Michel, franco-chileno, tradutor e fotógrafo amador nas horas vagas, saiu do número 11 da rue Monsieur-le-Prince no domingo sete de novembro passado (agora passam duas menorzinhas, com as beiradas prateadas). Fazia três semanas que estava trabalhando na versão para o francês do tratado sobre recusas e recursos de José Norberto Allende, professor da Universidade de Santiago. É raro ventar em Paris, e muito mais raro um vento que fazia redemoinhos nas esquinas e subia castigando as velhas persianas de madeira atrás das quais senhoras surpreendidas comentavam de diversas maneiras a instabilidade do tempo nesses últimos anos. Mas o sol também estava lá, cavalgando o vento e amigo dos gatos, e por isso nada me impedia de dar uma volta pelos embarcadouros do Sena e tirar umas fotos da Conciergerie e de Sainte-Chapelle. Eram apenas dez da manhã, e calculei que lá pelas onze haveria boa luz, a melhor possível no outono; para passar tempo, derivei até a ilha Saint-Louis e fiquei andando pelo Quai d'Anjou, olhei um pouco o hotel de Lauzun, recitei para mim mesmo uns fragmentos de Apollinaire que sempre me vêm à cabeça quando passo na frente do hotel de Lauzun (embora devesse ter recordado outro poeta, mas Michel é um teimoso), e quando de repente acabou o vento e o sol ficou pelo menos duas vezes maior (quero dizer, mais cálido, mas na verdade é a mesma coisa), sentei-me no parapeito e me senti terrivelmente feliz na manhã de domingo.

Entre as muitas maneiras de se combater o nada, uma das melhores é tirar fotografias, atividade que deveria ser ensinada desde muito cedo às crianças, pois exige disciplina, educação estética, bom olho e dedos seguros. Não se trata de estar tocando a mentira como qualquer repórter, e agarrar a estúpida silhueta do personagem que sai do número 10 de Downing Street, mas seja como for quando se anda com a câmara tem-se o dever de estar atento, de não perder este brusco e delicioso rebote de um raio de sol numa velha pedra, ou a carreira, tranças ao vento, de uma menininha que volta com um pão ou uma garrafa de leite. Michel sabia que o fotógrafo age sempre como uma permutação de sua maneira pessoal de ver o mundo por outra que a câmara lhe impõe,

insidiosa (agora passa uma grande nuvem quase negra), mas não desconfiava, sabedor de que bastava sair sem a Cóntax para recuperar o tom distraído, a visão sem enquadramento, a luz sem diafragma nem 1/250. Agora mesmo (que palavra, agora, que mentira estúpida) podia ficar sentado no parapeito sobre o rio, olhando passar as barcaças vermelhas e negras sem que me ocorresse pensar fotograficamente as cenas, nada mais que deixando-me ir no deixar-se ir das coisas, correndo imóvel com o tempo. E o vento já não soprava.

Depois continuei pelo Quai de Bourbon até chegar à ponta da ilha, onde existe a íntima pracinha (íntima por pequena e não por recatada, pois dá o peito inteiro ao rio e ao céu) que eu gosto e regosto. Não havia nada além de um casal e, claro, pombas; talvez alguma das que agora passam pelo que estou vendo. Num salto me instalei no parapeito e me deixei envolver e atar pelo sol, dando-lhe o rosto, as orelhas, as duas mãos (guardei as luvas no bolso). Não tinha vontade de tirar fotografias, e acendi um cigarro para ter o que fazer; creio que no momento em que aproximava o fósforo do cigarro vi pela primeira vez o rapazinho.

O que eu havia tomado por um casal parecia muito mais um menino com a mãe, embora ao mesmo tempo eu percebesse que não era um menino com a mãe, de que era um casal no sentido que damos sempre aos casais quando os vemos apoiados nos parapeitos ou abraçados nos bancos das praças. Como eu não tinha nada para fazer, me sobrava tempo para perguntar-me por que o rapazinho estava tão nervoso, tão como um potrinho ou uma lebre, metendo as mãos nos bolsos, tirando em seguida uma e depois a outra, passando os dedos pelos cabelos, mudando de posição, e principalmente por que tinha medo, pois isso se adivinhava em cada gesto, um medo sufocado pela vergonha, um impulso de atirar-se para trás que se percebia como se seu corpo estivesse à beira da fuga, contendo-se num último e doloroso decoro.

Tudo isso era tão claro, ali a cinco metros — e estávamos sozinhos contra o parapeito, na ponta da ilha — que no começo o medo do garoto não me deixou ver direito a mulher loura. Agora, pensando nisso, vejo-a muito melhor nesse primeiro momento em

que li seu rosto (de repente virou-se como um cata-vento de cobre, e os olhos, os olhos estavam lá), quando compreendi vagamente o que podia estar acontecendo com o menino e disse a mim mesmo que valia a pena ficar e olhar (o vento levava as palavras, os quase murmúrios). Creio que sei olhar, se é que sei alguma coisa, e que todo olhar goteja falsidade, porque é o que nos arremessa mais para fora de nós, sem a menor garantia, enquanto cheirar, ou (mas Michel se bifurca facilmente, não se deve deixá-lo declamar à vontade). De qualquer modo, quando de antemão se prevê a provável falsidade, olhar se torna possível; basta talvez escolher bem entre o olhar e o olhado, despir as coisas de tanta roupa alheia. E, claro, tudo isso é bem mais difícil.

Do garoto recordo a imagem antes que o verdadeiro corpo (isto se entenderá depois), enquanto agora tenho certeza de que da mulher recordo muito melhor seu corpo que sua imagem. Era delgada e esbelta, duas palavras injustas para dizer o que era, e vestia um casaco de peles quase negro, quase longo, quase belo. Todo o vento dessa manhã (agora soprava de leve, e não fazia frio) havia passado por seu cabelo louro que recortava seu rosto branco e sombrio — duas palavras injustas — e deixava o mundo de pé e horrivelmente sozinho diante de seus olhos negros, seus olhos que caíam sobre as coisas como duas águias, dois saltos no vazio, duas rajadas de lodo verde. Não descrevo nada, na verdade tento entender. E disse duas rajadas de lodo verde.

Sejamos justos, o menino estava muito bem vestido e usava umas luvas amarelas que eu podia jurar que eram de seu irmão maior, estudante de direito ou de ciências sociais; era gracioso ver os dedos das luvas saindo do bolso do paletó. Por um longo tempo não vi seu rosto, apenas um perfil nada bobo — pássaro sobressaltado, anjo de Fra Filippo, arroz-doce — e umas costas de adolescente que quer fazer judô ou que brigou algumas vezes por causa de uma ideia ou de uma irmã. Na marca dos 14, talvez dos 15, dava para adivinhá-lo vestido e alimentado por seus pais mas sem um centavo no bolso, tendo que deliberar com os colegas antes de decidir entre um café, um conhaque, um maço de cigarros. Andaria pelas ruas pensando nas companheiras de estudo, no bom

que seria ir ao cinema e ver o último filme, ou comprar romances ou gravatas ou garrafas de licor com rótulos verdes e brancos. Em sua casa (sua casa seria respeitável, seria almoço ao meio-dia e paisagens românticas nas paredes, com um vestíbulo escuro e um porta-guarda-chuvas de carvalho ao lado da porta), choveria devagar o tempo de estudar, de ser a esperança de mamãe, de parecer com papai, de escrever para a tia de Avignon. Por isso tanta rua, o rio todo para ele (mas sem um centavo) e a cidade misteriosa dos 15 anos, com suas marcas nas portas, seus gatos estremecedores, o saco de batata frita de trinta francos, a revista pornográfica dobrada em quatro, a solidão como um vazio no bolso, os encontros felizes, o fervor por tanta coisa incompreendida mas iluminada por um amor total, pela disponibilidade parecida com o vento e com as ruas.

Esta biografia era a do menino e a de qualquer menino, mas agora eu via este aqui isolado, feito único pela presença da mulher loura que continuava falando com ele. (Insistir cansa, mas acabam de passar duas nuvens desfiadas. Penso que aquela manhã não olhei nenhuma vez para o céu, porque assim que pressenti o que acontecia com o menino e a mulher não pude fazer outra coisa além de olhá-los, olhá-los e...) Resumindo, o menino estava inquieto e dava para adivinhar sem muito trabalho o que acabara de acontecer minutos antes, no máximo meia hora. O menino havia chegado até a ponta da ilha, viu a mulher e achou-a encantadora. A mulher esperava isso porque estava ali para esperar isso, ou talvez o menino tenha chegado antes e ela o tenha visto de um terraço ou de um automóvel, e saiu ao seu encontro, provocando o diálogo com qualquer pretexto, certa desde o começo que ele teria medo dela e tentaria escapar, e que naturalmente ficaria, domado e soberbo, fingindo a veteranaria e o prazer da aventura. O resto era fácil porque estava acontecendo a cinco metros de mim e qualquer um teria conseguido medir as etapas do jogo, a esgrima irrisória; seu maior encanto não era o presente, e sim a previsão do desenlace. O rapaz acabaria usando o pretexto de um outro encontro, uma obrigação qualquer, e se afastaria tropeçando e confuso, querendo caminhar com desenvoltura, despido debaixo do olhar debochado que o

seguiria até o fim. Ou talvez ficasse, fascinado ou simplesmente incapaz de tomar a iniciativa, e a mulher começaria a acariciar seu rosto, a despenteá-lo, falando-lhe já sem voz, e de repente o pegaria pelo braço para levá-lo embora, a menos que ele, com uma certa mágoa que já começava a dar outra cor ao desejo, o risco da aventura, se animasse a passar-lhe um braço pela cintura e beijá-la. Tudo isso podia acontecer mas ainda não acontecia, e perversamente Michel esperava, sentado no parapeito, aprontando quase que sem perceber a câmara para tirar uma foto pitoresca num canto da ilha com um casal nada comum falando e se olhando.

Curioso que a cena (o nada, quase: dois que estão aí, desigualmente jovens) tivesse uma aura inquietante. Pensei que era eu que colocava isso, e que minha foto, se a fizesse, restituiria as coisas à sua tola verdade. Gostaria de saber o que pensava o homem do chapéu cinza sentado ao volante do automóvel estacionado no cais que levava à passarela, e que lia o jornal ou dormia. Acabava de descobri-lo, porque as pessoas dentro de um automóvel estacionado quase desaparecem, se perdem nessa mísera gaiola privada da beleza que o movimento e o perigo dão. E no entanto o automóvel havia estado ali o tempo todo, formando parte (ou deformando essa parte) da ilha. Um automóvel: como dizer um poste de luz, um banco de praça. Nunca o vento, a luz do sol, essas matérias sempre novas para a pele e para os olhos, e também o menino e a mulher, únicos, colocados ali para alterar a ilha, mostrá-la para mim e outra maneira. Enfim, bem podia acontecer que também o homem do jornal estivesse atento ao que se passava e sentisse como eu esse gosto maligno da expectativa inteira. Agora a mulher havia girado suavemente até colocar o rapazinho entre ela e o parapeito, eu os via quase de perfil, e ele era mais alto, mas não muito mais alto, e no entanto ela parecia maior, parecia como que erguida sobre ele (seu riso, de repente, um açoite de plumas), esmagando-o com o simples estar ali, sorrir, passear a mão pelo ar. Por que esperar mais? Com um diafragma 16, com um enquadramento onde não entrasse o horrível automóvel preto, mas sim essa árvore, necessária para quebrar um espaço demasiado cinzento...

Levantei a câmara, fingi estudar um enquadramento que não os incluía, e fiquei na espreita, certo de que enfim os apanharia no gesto revelador, a expressão que resume tudo, a vida que o movimento mede com um compasso mas que uma imagem rígida destrói ao seccionar o tempo, se não escolhermos a imperceptível fração essencial. Não precisei esperar muito. A mulher avançava em sua tarefa de atar suavemente o garoto, de tirar-lhe fibra a fibra seus últimos restos de liberdade, em uma lentíssima tortura deliciosa. Imaginei os possíveis finais (agora aparece uma pequena nuvem espumosa, quase sozinha no céu), previ a chegada à casa (um andar baixo provavelmente, que ela saturaria de almofadas e gatos) e imaginei a aflição do garoto e sua decisão desesperada de disfarçá-la e deixar-se levar fingindo que para ele não se tratava de nada novo. Fechando os olhos, se é que os fechei, pus a cena em ordem, os beijos bricalhões, a mulher rejeitando com doçura as mãos que pretendiam despi-la como nos romances, numa cama que teria um edredom lilás, e obrigando-o, em vez disso, a deixar que ela tirasse a roupa dele, verdadeiramente mãe e filho debaixo de uma luz amarela de opalina, e tudo acabaria como sempre, talvez, mas talvez tudo ocorresse de outro modo, e a iniciação do adolescente não passasse, não deixariam que passasse, de um longo preâmbulo onde a falta de jeito, as carícias exasperantes, a corrida das mãos se resolvesse sabe-se lá em que, num prazer por separado e solitário, uma petulante negativa misturada com a arte de fatigar e desconcertar tanta inocência ferida. Podia ser assim, podia muito bem ser assim; aquela mulher não buscava um amante no garoto, e ao mesmo tempo se apoderava dele para um fim impossível de se entender se não fosse imaginado como um jogo cruel, desejo de desejar sem satisfação, de excitar-se para algum outro, alguém que de nenhuma maneira podia ser aquele garoto.

Michel é culpado de literatura, de fabricações irreais. Não há nada que o agrade mais que imaginar exceções, indivíduos fora da espécie, monstros nem sempre repugnantes. Mas aquela mulher convidava à invenção, dando talvez as pistas suficientes para acertar a verdade. Antes que fosse embora, e agora que encheria minha memória durante muitos dias, porque sou propenso à ruminação,

decidi não perder mais nenhum instante. Pus tudo no visor (com a árvore, o parapeito, o sol das onze) e tirei a foto. Bem a tempo de compreender que os dois tinham percebido e que estavam me olhando, o garoto surpreendido e interrogante, mas ela irritada, decididamente hostis seu corpo e seu rosto que haviam sido roubados, ignominiosamente presos numa pequena imagem química.

Poderia contar isso com muitos detalhes mas não vale a pena. A mulher disse que ninguém tinha o direito de tirar uma fotografia sem permissão, e exigiu que eu lhe entregasse o rolo do filme. Tudo isso com uma voz seca e clara, com sotaque de Paris, que ia subindo de cor e de tom a cada frase. Por mim, tanto fazia dar ou não o rolo do filme, mas qualquer um que me conheça sabe que, comigo, as coisas têm de ser pedidas com jeito. O resultado é que me limitei a formular a opinião de que a fotografia não só não estava proibida nos lugares públicos, como conta com o mais resoluto serviço oficial e privado. E conforme ia dizendo, gozava maldosamente ao ver como o garoto se retraía, ia ficando para trás sem nem se mexer — e de repente (parecia quase incrível) dava meia-volta e começava a correr, o coitado achando que caminhava e na realidade fugindo às carreiras, passando ao lado do automóvel, perdendo-se como um fio da Virgem no ar da manhã.

Mas os fios da Virgem também são chamados de babas do diabo, e Michel precisou aguentar minuciosas imprecações, ouvir ser chamado de intrometido e imbecil, enquanto se esmerava deliberadamente em sorrir e recusar com simples movimentos de cabeça, tanta carga barata. Quando estava começando a ficar cansado, ouvi a porta do automóvel batendo. O homem de chapéu cinza estava ali, olhando para nós. Só então compreendi que ele desempenhava um papel na comédia.

Começou a caminhar na nossa direção, levando na mão o jornal que fingia ler. Do que me lembro melhor é do trejeito que emoldurava sua boca, cobria seu rosto de rugas, alguma coisa mudava de lugar e de forma porque a boca tremia e o trejeito ia de um lado a outro dos lábios como uma coisa independente e viva, alheia à sua vontade. Mas todo o resto era fixo, palhaço enfarinhado

ou homem sem sangue, com a pele apagada e seca, os olhos metidos no fundo e os buracos do nariz negros e visíveis, mais negros que as sobrancelhas ou os cabelos ou a gravata negra. Caminhava cautelosamente, como se o pavimento machucasse seus pés; vi seus sapatos de verniz, de sola tão fina que devia denunciar cada aspereza da rua. Não sei por que eu havia descido do parapeito, não sei bem por que decidi não entregar-lhes a foto, negar-me a essa exigência na qual adivinhava medo e covardia. O palhaço e a mulher se consultavam em silêncio: fazíamos um perfeito triângulo insuportável, algo que tinha de se romper com um estalo. Ri na cara deles e comecei a andar, supondo que um pouco mais devagar que o garoto. Na altura das primeiras casas, do lado da passarela de ferro, virei-me para olhar para eles. Não se moviam, mas o homem havia deixado o jornal cair; e achei que a mulher, de costas para o parapeito, passeava as mãos pela pedra, com o clássico e absurdo gesto do acochado que busca a saída.

O que vem a seguir ocorreu aqui, quase agora mesmo, num quarto de um quinto andar. Passaram-se vários dias antes que Michel revelasse as fotos do domingo; as da Conciergerie e da Sainte-Chapelle eram o que deviam ser. Encontrou dois ou três enquadramentos de prova já esquecidos, uma tentativa frustrada de apanhar um gato assustadoramente encarapitado no telhado de um banheiro público e também a foto da mulher loura e do adolescente. O negativo era tão bom que preparou uma ampliação; a ampliação era tão boa que preparou outra muito maior, quase um pôster. Não pensou (agora se pergunta e se pergunta por quê) que só as da Conciergerie mereciam tanto trabalho. De toda a série, a instantânea na ponta da ilha era a única que o interessava; pregou a ampliação numa parede do quarto, e no primeiro dia passou um bom tempo olhando e recordando, nessa operação comparativa e melancólica da recordação frente à realidade perdida; recordação petrificada, como toda fotografia, onde não faltava nada, nem mesmo e principalmente o nada, verdadeiro fixador da cena. Estava a mulher, estava o garoto, rígida a árvore sobre suas cabeças, o céu tão fixo como as pedras do parapeito, nuvens e pedras confundidas numa só

matéria inseparável (agora passa uma com as beiradas afiadas, corre como um temporal). Nos dois primeiros dias aceitei o que havia feito, desde a foto em si até a ampliação na parede, e não me perguntei nem mesmo por que interrompia a toda hora a tradução do tratado de José Norberto Allende para reencontrar o rosto da mulher, as manchas escuras no parapeito. A primeira surpresa foi estúpida; nunca me havia ocorrido a ideia de pensar que quando olhamos uma foto de frente, os olhos repetem exatamente a posição e a visão da objetiva; são essas coisas que se dão por descartadas e que não ocorre a ninguém considerar. Da minha cadeira, com a máquina de escrever na frente, olhava a foto a três metros de distância, e então notei que havia me instalado exatamente no ponto de mira da objetiva. Desse jeito, estava muito bom; sem dúvida era a maneira mais perfeita de apreciar uma foto, embora a visão em diagonal pudesse ter seus encantos e até mesmo suas descobertas. A cada tantos minutos, por exemplo, quando não encontrava a maneira de dizer em bom francês o que José Alberto Allende dizia em tão bom espanhol, erguia os olhos e olhava a foto; às vezes me atraía a mulher, às vezes o garoto, às vezes o pavimento onde uma folha seca havia se situado admiravelmente para valorizar um setor lateral. Então descansava um pouco de meu trabalho e me incluía outra vez com prazer naquela manhã que empapava a foto, recordava ironicamente a imagem colérica da mulher reclamando da fotografia, a fuga ridícula e patética do garoto, a entrada em cena do homem do rosto branco. No fundo, estava satisfeito comigo mesmo; minha partida não havia sido tão brilhante, pois se aos franceses foi dado o dom da resposta imediata, não via bem por que havia optado por ir embora sem concluir uma demonstração de privilégios, prerrogativas e direitos do cidadão. O importante, o verdadeiramente importante era haver ajudado o garoto a escapar a tempo (isto, no caso de minhas teorias serem exatas, o que não estava suficientemente provado, mas a fuga em si parecia demonstrar). Intrrometido, eu tinha dado a oportunidade de finalmente aproveitar seu medo para algo útil; agora estaria arrependido, desprezado, sentindo-se pouco homem. Isso era melhor que a companhia de uma mulher capaz de olhar

como o olhavam na ilha; Michel é puritano de vez em quando, crê que não se deve corromper pela força. No fundo, aquela foto havia sido uma boa ação.

Mas não por boa ação a olhava entre parágrafo e parágrafo de meu trabalho. Naquele momento, não sabia por que a olhava, por que havia pregado a ampliação na parede; talvez aconteça assim com todos os atos fatais, e seja essa a condição de seu cumprimento. Creio que o tremor quase furtivo das folhas da árvore não me assustou, que continuei uma frase iniciada e a concluí. Os costumes são como grandes herbários, e afinal de contas uma ampliação de oitenta por sessenta parece uma tela onde projetam cinema, onde na ponta da ilha uma mulher fala com um garoto e uma árvore agita algumas folhas secas sobre suas cabeças.

Mas as mãos já eram demais. Acabava de escrever: *Donc, la seconde clé réside dans la nature intrinsèque des difficultés que les sociétés* — e vi a mão da mulher que começava a se fechar devagar, dedo a dedo. De mim não restou nada, uma frase em francês que jamais terminará, uma máquina de escrever que cai ao chão, uma cadeira que chia e treme, uma névoa. O garoto havia abaixado a cabeça, como os lutadores de boxe quando não aguentam mais e esperam o golpe de misericórdia; havia erguido a gola do sobretudo, parecia mais que nunca um prisioneiro, a perfeita vítima que ajuda a catástrofe. Agora a mulher falava junto ao seu ouvido, e a mão se abria outra vez para pousar em sua face, acariciá-la e acariciá-la, queimando-a sem pressa. O garoto estava menos aflito que receoso, uma ou duas vezes murmurou por cima do ombro da mulher e ela continuava falando, explicando alguma coisa que o fazia olhar a cada instante para o local onde Michel sabia muito bem que estava o automóvel com o homem de chapéu cinza, cuidadosamente descartado da fotografia mas refletido nos olhos do garoto e (como duvidar agora?) nas palavras da mulher, nas mãos da mulher, na presença ilusória da mulher. Quando vi o homem vir, parar perto deles e olhá-los, as mãos nos bolsos e um ar entre cansado e exigente, patrão que vai assoviar ao seu cão depois dos folguedos na praça, compreendi, se isso era compreender, o que ia acontecer, o que tinha de ter acontecido, o que teria de acontecer naquele

momento, entre aquelas pessoas, ali onde eu havia chegado para transgredir uma ordem, inocentemente imiscuído naquilo que não havia acontecido mas que agora ia acontecer, agora ia se cumprir. E o que então havia imaginado era muito menos horrível que a realidade, aquela mulher que não estava ali porque queria, não acariciava nem propunha nem alentava para seu próprio prazer, para levar o anjo despenteado e brincar com seu terror e sua graça cobiçada. O verdadeiro amo esperava, sorrindo petulante, já com a certeza de sua obra; não era o primeiro que mandava uma mulher na frente, para trazer-lhe os prisioneiros atados com flores. O resto seria tão simples, o automóvel, uma casa qualquer, as bebidas, as lâminas excitantes, as lágrimas tarde demais, o despertar no inferno. E eu não podia fazer nada, dessa vez não podia fazer absolutamente nada. Minha força tinha sido uma fotografia, essa, ali, onde se vingavam de mim mostrando-me sem disfarces o que ia acontecer. A foto havia sido tirada, o tempo havia corrido; estávamos tão longe uns dos outros, a corrupção certamente consumada, as lágrimas vertidas, e o resto, conjectura e tristeza. De repente a ordem se invertia, eles estavam vivos, movendo-se, decidiam e eram decididos, iam rumo a seu futuro; e eu do lado de cá, prisioneiro de outro tempo, de um quarto em um quinto andar, de não saber quem eram essa mulher, e esse homem e esse menino, de ser nada mais que a lente da minha câmara, algo rígido, incapaz de intervenção. Jogavam na minha cara o deboche mais horrível, o de decidir diante da minha impotência, o de que o menino olhasse outra vez o palhaço enfarinhado e eu compreendesse que ia aceitar, que a proposta continha dinheiro ou engano, e que não podia gritar-lhe que fugisse, ou simplesmente facilitar-lhe outra vez o caminho com uma nova fotografia, uma pequena e quase humilde intervenção que desmontasse os andaimes de baba e de perfume. Tudo iria resolver-se ali mesmo, naquele instante; havia um imenso silêncio que não tinha nada a ver com o silêncio físico. Aquilo se estendia, se armava. Acho que gritei, que gritei terrivelmente, e que naquele exato segundo soube que começava a me aproximar, dez centímetros, um passo, a árvore girava cadenciosamente seus galhos em primeiro plano, uma mancha do parapeito saía do quadro, o rosto da mulher,

virada para mim como que surpreendida, ia crescendo, e então girei um pouco, quero dizer que a câmara girou um pouco, e sem perder a mulher de vista começou a se aproximar do homem que me olhava com os buracos negros que tinha no lugar dos olhos, entre surpreso e raivoso olhava querendo me cravar no ar, e nesse instante consegui ver como um grande pássaro fora de foco que passava num voo só diante da imagem, e me apoiei na parede do meu quarto e fui feliz porque o menino acabava de escapar, eu o via correndo, outra vez em foco, fugindo com os cabelos todos ao vento, aprendendo enfim a voar sobre a ilha, a chegar à passarela, a se virar para a cidade. Pela segunda vez escapava deles, pela segunda vez eu o ajudava a escapar, o devolvia ao seu paraíso precário. Arfando, fiquei na frente deles; não havia necessidade de avançar mais, o jogo estava jogado. Da mulher via-se apenas um ombro e parte dos cabelos, brutalmente cortados pelo enquadramento da imagem; mas de frente estava o homem, a boca entreaberta, onde se via tremular sua língua negra, e levantava lentamente as mãos, aproximando-as do primeiro plano, um instante ainda em perfeito foco, e depois ele todo um vulto que apagava a ilha, a árvore, e eu fechei os olhos e não quis olhar mais, e cobri o rosto e desandei a chorar feito um idiota.

Agora passa uma grande nuvem branca, como todos esses dias, todo esse tempo incontável. O que resta por dizer é sempre uma nuvem, duas nuvens, ou longas horas de céu perfeitamente limpo, retângulo puríssimo cravado com alfinetes na parede do meu quarto. Foi o que vi ao abrir os olhos e secá-los com os dedos: o céu limpo, e depois uma nuvem que entrava pela esquerda, passeava lentamente sua graça e se perdia pela direita. E depois outra, e às vezes tudo se torna cinzento, tudo é uma nuvem enorme, e de repente explodem os respingos da chuva, vê-se chover longo tempo sobre a imagem, como um pranto ao contrário, e pouco a pouco o quadro se aclara, talvez o sol saia, e outra vez entram as nuvens, duas a duas, três a três. E as pombas, às vezes, e um ou outro pardal.

O perseguidor

In memoriam Ch. P.

Seja fiel até a morte
Apocalipse, 2.10

O make me a mask
Dylan Thomas

Dédée me telefonou de tarde dizendo que Johnny não estava bem, e fui ao hotel em seguida. Faz alguns dias que Johnny e Dédée moram num hotel da rue Lagrange, num cubículo do quarto andar. Foi só ver a porta do quarto para entender que Johnny está na pior das misérias; a janela dá para um pátio quase negro, e à uma da tarde é preciso deixar a luz acesa se alguém quiser ler o jornal ou ver a cara de quem estiver por ali. Não está frio, mas encontrei Johnny enrolado num cobertor, enfiado numa poltrona imunda que solta pedaços de estopa amarelada por todos os lados. Dédée está envelhecida, e o vestido vermelho fica muito mal nela; é um vestido para trabalho, para as luzes do palco; nesse quarto de hotel se transforma numa espécie de coágulo repugnante.

— O companheiro Bruno é fiel feito o mau hálito — disse Johnny como se fosse um cumprimento, levantando os joelhos até apoiar o queixo neles. Dédée ofereceu-me uma cadeira e tirei o maço de Gauloises do bolso. Trazia ainda uma garrafa de rum, mas não quis mostrá-la até ter uma ideia do que estava acontecendo. Creio que o mais irritante era a lâmpada com seu bocal arrancado dependurada, feito um olho, de um fio sujo de moscas. Depois de olhá-la uma ou

duas vezes, e estender a mão como uma viseira, perguntei a Dédée se não podíamos apagar a luz e ficarmos só com a claridade que vinha da janela. Johnny acompanhava minhas palavras e meus gestos com uma atenção desviada para outro ponto, como um gato que olha fixo mas a gente vê que está totalmente em outra; que é outra. Finalmente Dédée levantou-se e apagou a luz. No que restava, uma mistura de cinza e negro, nos reconhecemos melhor. Johnny tirou uma de suas longas mãos magras de debaixo do cobertor, e eu senti a mornura flácida de sua pele. Então Dédée disse que ia preparar nescafé. Fiquei feliz por saber que pelo menos têm uma lata de nescafé. Sempre que alguém tem uma lata de nescafé entendo que não está totalmente na miséria; ainda pode resistir um pouco.

— Faz tempo que a gente não se via — disse a Johnny. — Um mês, pelo menos.

— Você só não faz outra coisa além de contar o tempo — respondeu ele de mau humor. — O primeiro, o dois, o três, o vinte e um. Em tudo você põe um número. E essa aí é a mesma coisa. Sabe por que está furiosa? Porque perdi o sax. Mas, enfim, ela tem razão.

— Como é que você conseguiu perder o sax? — perguntei, percebendo no mesmo instante que era justamente o que não se pode perguntar a ele.

— No metrô — disse Johnny. — Para me garantir, eu tinha posto o sax debaixo do meu banco. Era magnífico viajar sabendo que o sax estava ali, debaixo das minhas pernas, garantido.

— Percebeu quando estava subindo a escada do hotel — disse Dédée, com a voz um pouco rouca. — E eu tive que sair feito uma louca para avisar todo mundo no metrô, na polícia.

Pelo silêncio que se seguiu entendi que tudo aquilo havia sido perda de tempo. Mas Johnny começou a rir como só ele faz, com um riso atrás dos dentes e dos lábios.

— Algum pobre coitado deve estar tentando arrancar dele algum som — disse. — Era um dos piores saxes que já tive; dava para ver que Doc Rodríguez havia tocado nele, estava completamente deformado no lado da alma. Como instrumento não era ruim, mas Rodríguez é capaz de estragar um Stradivarius, é só afiná-lo e

pronto, danou-se.

— E você consegue outro?

— É o que estamos vendo — disse Dédée. — Parece que Rory Friend tem um. O problema é que o contrato de Johnny...

— O contrato — Johnny arremedou. — Qual é essa do contrato? Tenho de tocar e ponto final, e não tenho nem sax nem dinheiro para comprar outro, e a rapaziada está do mesmo jeito que eu.

A última frase não é verdade, e nós três sabemos disso. Ninguém mais se atreve a emprestar um instrumento a Johnny, porque ele perde ou acaba com o instrumento num minuto. Perdeu o sax de Louis Rolling em Bordeaux, quebrou em três pedaços, pisoteando e batendo, o sax que Dédée havia comprado quando o contrataram para uma turnê na Inglaterra. Ninguém sabe quantos instrumentos já perdeu, empenhados ou quebrados. E em todos eles tocava como eu penso que somente um deus pode tocar um sax alto, supondo que tenham renunciado às liras e às flautas.

— Quando você começa, Johnny?

— Não sei. Hoje, não é, Dê?

— Não, depois de amanhã.

— Todo mundo sabe as datas menos eu — resmungou Johnny, cobrindo-se até as orelhas com o cobertor. — Podia jurar que era esta noite, e que hoje à tarde tinha de ensaiar.

— Dá no mesmo — disse Dédée. — A questão é que você não tem sax.

— Como é que dá no mesmo? Não é a mesma coisa. Depois de amanhã é depois de amanhã, e amanhã é muito depois de hoje. E hoje mesmo é bastante depois de agora, em que estamos conversando com o companheiro Bruno e eu me sentiria muito melhor se pudesse esquecer o tempo e beber alguma coisa quente.

— A água vai ferver num minuto, espera um pouco.

— Não me referia ao calor por ebulição — disse Johnny. Então tirei a garrafinha de rum e foi como se tivéssemos acendido a luz, porque Johnny abriu a boca, de par em par, maravilhado, e seus dentes começaram a brilhar, e até Dédée teve que sorrir ao vê-lo tão contente e assombrado. O rum com o nescafé estava bom e nós três nos sentimos muito melhor depois da segunda xícara e de um

cigarro. Naquela altura eu já havia percebido que Johnny se retraía pouco a pouco e que continuava fazendo alusões ao tempo, um tema que o preocupa desde que o conheço. Vi poucos homens preocupados daquele jeito por tudo que se refere ao tempo. É uma mania, a pior de suas manias, que aliás são tantas. Mas ele mostra essa mania e a explica com tal graça que ninguém consegue resistir. Lembro-me de um ensaio antes de uma gravação, em Cincinnati, e isso foi muito antes dele vir para Paris, em 49 ou 50. Naqueles dias Johnny estava em boa forma, e eu havia ido ao ensaio só para escutá-lo e para escutar Miles Davis. Todos tinham vontade de tocar, estavam felizes, andavam bem vestidos (lembro disso talvez por contraste, porque Johnny anda agora malvestido e sujo), tocavam com prazer, sem nenhuma impaciência, e o técnico de som fazia sinais de alegria atrás do vidro do estúdio, como um babuíno satisfeito. E justamente naquele momento, quando Johnny estava perdido em sua alegria, de repente deixou de tocar e soltando um murro no nada disse: "Estou tocando isso amanhã", e os rapazes ficaram perplexos, só uns dois ou três seguiram os compassos, como um trem que demora a parar, e Johnny batia na testa e repetia: "Eu já toquei isso amanhã, é horrível, Miles, eu já toquei isso amanhã", e não conseguiam tirá-lo dessa, e a partir daquele momento deu tudo errado, Johnny tocava sem vontade e querendo ir embora (para se drogar outra vez, disse o técnico de som morrendo de rir), e quando o vi sair, cambaleando e com a cara cinzenta, perguntei a mim mesmo se aquilo ainda ia durar muito.

— Acho que vou chamar o doutor Bernard — disse Dédée, olhando de soslaio para Johnny, que bebe seu rum de gole em gole — Você está com febre, e não come nada.

— O doutor Bernard é um pobre idiota — disse Johnny, lambendo o copo. — Vai me dar aspirinas, e depois vai dizer que adora o *jazz* por exemplo, Ray Noble. Veja só, Bruno. Se eu tivesse o sax o receberia com uma música que o faria descer de volta os quatro andares dando com o rabo em cada degrau.

— Seja do jeito que for, não vai fazer mal algum tomar as aspirinas — falei, olhando de viés para Dédée. — Se você quiser, eu telefono quando for embora, e Dédée não precisa descer. Mas escuta

aqui, esse contrato... Se você começa depois de amanhã, acho que dá para fazer alguma coisa. Eu também posso tentar arrancar um sax de Rory Friend. Na pior das hipóteses... A questão é que você vai ter que tomar mais cuidado, Johnny.

— Hoje não — disse Johnny, olhando a garrafa de rum. — Amanhã, quando eu tiver o sax. Então, a gente não precisa falar disso agora. Bruno, cada vez entendo mais que o tempo... Eu acho que a música ajuda sempre a compreender um pouco esse assunto. Bom, não a compreender, porque na verdade eu não compreendo nada. A única coisa que consigo é perceber que tem alguma coisa. Como esses sonhos, não é mesmo?, em que você começa a suspeitar que vai dar tudo errado, e tem um pouco de medo por antecipação; mas ao mesmo tempo não tem certeza de nada, e pode ser que tudo dê uma meia-volta, feito uma panqueca, e de repente você está na cama com uma garota linda e tudo é divinamente perfeito.

Dédée está lavando as xícaras e os copos num canto do quarto. Percebi que eles não têm nem água corrente no cubículo; vejo uma bacia com flores rosadas e uma jarra que me faz pensar num animal embalsamado. E Johnny continua falando com a boca meio tapada pelo cobertor, e também ele parece embalsamado com os joelhos contra o queixo, e sua cara negra e lisa que o rum e a febre começam a umedecer pouco a pouco.

— Li algumas coisas sobre isso, Bruno. É muito estranho, e na verdade tão difícil... Acho que a música ajuda, sabe? Não a entender, porque na verdade não entendo nada. — Bate na cabeça com a mão fechada. A cabeça tem o som de um coco. — Não tem nada aqui dentro, Bruno, nada mesmo. Isto aqui não pensa nem entende nada. Nunca me fez falta, para falar a verdade. Eu começo a entender dos olhos para baixo, e quanto mais embaixo melhor entendo. Mas isso não é realmente entender, aí estamos de acordo.

— A febre vai subir — resmungo Dédée lá do fundo do quarto.

— Oh, cale a boca. É verdade, Bruno. Nunca pensei em nada, só de repente percebo que o que pensei não tem graça, não é? Qual a graça de perceber que a gente pensou em alguma coisa? No caso, é a mesma coisa que você ou qualquer outro tivesse pensado. Não

sou eu, eu. Simplesmente tiro proveito do que penso, mas sempre depois, e é isso que não aguento. Ah, é difícil, é tão difícil... Não sobrou nenhum gole aí?

Dei a ele as últimas gotas de rum, justamente quando Dédée tomava a acender a luz; não dava para ver quase mais nada no quarto. Johnny está suando, mas continua enrolado no cobertor, e de vez em quando estremece e faz a poltrona ranger.

— Entendi isso quando era garotinho, quase que ao mesmo tempo em que aprendi a tocar sax. Na minha casa havia sempre uma confusão dos diabos, e não se falava em outra coisa além de dívidas, de hipotecas. Você sabe o que é uma hipoteca? Deve ser algo terrível, porque a velha puxava os cabelos toda vez que o velho falava da hipoteca, e acabavam aos sopapos. Eu tinha treze anos... mas você já ouviu tudo isso.

Ouvi, e como; e como tentei escrever isso, e escrever bem e veridicamente na minha biografia de Johnny.

— Por isso, lá em casa o tempo não acabava nunca, você sabe. De briga em briga, quase que sem comer. E para culminar, a religião, ah, isso sim, você não pode imaginar. Quando o professor me conseguiu um sax que se você visse ia morrer de rir, então acho que entendi em seguida. A música me tirava do tempo, embora não passe de uma maneira de dizer. Se você quiser saber o que realmente sinto, acho que a música me punha no tempo. Mas então é preciso crer que esse tempo não tem nada a ver com... bem, com a gente, vamos dizer.

Como faz tempo que conheço as alucinações de Johnny, e de todos os que vivem como ele, escuto atentamente mas sem me preocupar demais com o que ele diz. Em vez disso, fico me perguntando como ele fez para conseguir drogas em Paris. Terei que interrogar Dédée, sem mencionar sua possível cumplicidade. Johnny não vai resistir muito mais nesse estado. Droga e miséria não sabem andar juntas. Penso na música que está se perdendo, nas dezenas de gravações em que Johnny poderia continuar deixando essa presença, esse avanço tremendo que tem sobre qualquer outro músico. "Estou tocando isso amanhã" torna-se para mim de repente cheio de um sentido claríssimo, porque Johnny está sempre tocando

amanhã e o resto vem atrás, neste hoje que ele salta sem esforço com as primeiras notas de sua música.

Sou um crítico de *jazz* sensível o suficiente para compreender minhas limitações, e percebo que o que estou pensando está por baixo do plano onde o coitado do Johnny tenta avançar com suas frases truncadas, seus suspiros, suas raivas súbitas e seus prantos. Ele não se importa nem um pouco que eu o ache genial, e nunca se envaideceu por sua música estar muito além do que seus companheiros tocam. Penso com tristeza que ele está no princípio de seu sax, enquanto eu vivo obrigado a me conformar com o final. Ele é a boca e eu a orelha, para não dizer que ele é a boca e eu o... Todo crítico, ai, é o triste final de algo que começou como sabor, como delícia de morder e mascar. E a boca move-se outra vez, gulosamente a grande língua de Johnny recolhe um jorrinho de saliva dos lábios. As mãos fazem um desenho no ar.

— Bruno, se você um dia conseguisse escrever... Não por mim, entende?, isso não me importa... Mas deve ser bonito, porque eu sinto que deve ser bonito. Eu estava dizendo que quando comecei a tocar, ainda menino, entendi que o tempo mudava. Conteí isso uma vez para o Jim e ele me disse que todo mundo sente a mesma coisa, e quando a gente se abstrai... Disse assim mesmo, quando a gente se abstrai. Mas não, eu não me abstraio quando toco. Eu só mudo de lugar. É como um elevador, você está no elevador falando com as pessoas, e não sente nada esquisito, e no entanto nesse tempo você passa o primeiro andar, o décimo, o vigésimo primeiro, e a cidade ficou lá embaixo, e você está terminando a frase que havia começado ao entrar, e entre as primeiras e as últimas palavras existem 52 andares. Eu percebi quando comecei a tocar que entrava num elevador, mas era um elevador do tempo, se é que você entende. Não pense que eu me esquecia da hipoteca ou da religião. Só que naqueles momentos a hipoteca e a religião eram como o terno que a gente veste; eu sei que o terno está no guarda-roupa, mas não venha me dizer que nesse momento esse terno existe. O terno existe quando eu o visto, e a hipoteca e a religião existiam quando terminava de tocar e a velha entrava com o cabelo arrepiado e se queixava que eu me arrebetava suas orelhas com essa-

música-do-demônio.

Dédée trouxe outra xícara de nescafé, mas Johnny olha tristemente seu copo vazio.

— Essa questão no tempo é complicada, vive me pegando de tudo que é jeito. Aos poucos eu começo a reparar que o tempo não é como uma sacola que a gente vai enchendo. Quero dizer que mesmo que a gente mude o que vai colocando na sacola, só cabe uma determinada quantidade, e pronto. Está vendo minha mala, Bruno? Cabem dois ternos e dois pares de sapatos. Bem, agora imagine que você esvazia a minha mala e depois vai pôr de novo os dois ternos e os dois pares de sapatos e de repente vê que só cabem um terno e um par de sapatos. Mas o melhor não é isso. O melhor é quando você percebe que pode botar uma loja inteira na mala, centenas e centenas de ternos, como eu às vezes ponho a música no tempo quando estou tocando. A música e o que eu penso quando ando de metrô.

— Quando você anda de metrô.

— Eh, é isso, é isso — disse Johnny com ar malandro. — O metrô é uma grande invenção, Bruno. Viajando no metrô você percebe tudo que poderia caber na mala. Vai ver eu perdi o sax no metrô, pode ser...

Começa a rir, tosse, e Dédée olha inquieta para ele. Mas ele faz gestos, ri e tosse misturando tudo, sacudindo-se debaixo do cobertor, feito um chimpanzé. De seus olhos caem lágrimas, e ele as bebe, sempre rindo.

— É melhor não confundir as coisas — diz depois de um instante. — Perdi o sax, e pronto. Mas o metrô me serviu para perceber o truque da mala. Olha, essa questão das coisas elásticas é muito estranha, eu sinto isso em tudo que é lugar. Tudo é elástico, rapaz. As coisas que parecem duras têm uma elasticidade... — Pensa, concentrando-se. — ...uma elasticidade retardada — acrescenta surpreendentemente. Eu faço um gesto de admiração aprovatória. Bravo, Johnny. O homem que diz que não é capaz de pensar. Esse Johnny. E agora estou realmente interessado no que ele vai dizer, e ele percebe e me olha mais malandro que nunca.

— Você acha que vou conseguir outro sax para tocar depois de

amanhã, Bruno?

— Acho, mas você vai ter de tomar cuidado.

— Claro, vou ter de tomar cuidado.

— Um contrato de um mês — explica a coitada da Dédée. — Quinze dias na boate de Rémy, dois concertos e os discos. A gente poderia resolver tudo.

— Um contrato de um mês — arremeda Johnny com grandes gestos. — A boate de Rémy, dois concertos e os discos. Be-bata-bop bop bop, chrrr. O que existe é sede, uma sede, uma sede. E uma vontade de fumar, de fumar. Principalmente vontade de fumar.

Ofereço a ele o maço de Gauloises, embora saiba muito bem que ele está pensando na droga. Já é de noite, no corredor começa um ir e vir de gente, diálogos em árabe, uma canção. Dédée saiu, provavelmente para comprar alguma coisa para o jantar. Sinto a mão de Johnny em meu joelho.

— É uma boa moça, sabe? Mas estou cheio dela. Faz tempo que não a amo, que não aguento mais. Ainda me excita de vez em quando, sabe fazer amor como... — junta os dedos à italiana. — Mas tenho que me livrar dela, voltar para Nova York. Mais que qualquer outra coisa, tenho que voltar para Nova York, Bruno.

— Para quê? As coisas lá, para você, estavam piores que aqui. Não estou falando de trabalho, estou falando da vida. Aqui eu acho que você tem mais amigos.

— Sim, tem você, tem a marquesa, a rapaziada do clube... Você nunca fez amor com a marquesa, Bruno?

— Não.

— Bem, é uma coisa que... Mas eu estava falando do metrô, e não sei por que mudamos de assunto. O metrô é uma grande invenção, Bruno. Um dia comecei a sentir uma coisa no metrô, Bruno, depois esqueci... E então aconteceu de novo, dois ou três dias depois. E então entendi. É fácil explicar, sabe?, mas é fácil porque não é de fato uma verdadeira explicação. A verdadeira explicação simplesmente não dá para explicar. Você teria que tomar o metrô e esperar que aconteça, embora eu ache que isso só acontece comigo. É mais ou menos assim, veja. Mas você não fez mesmo amor com a marquesa? Você tem que pedir a ela que suba

no banquinho dourado que está no canto do quarto, ao lado de uma lâmpada muito bonita, e então... ah, olha ela aí de volta.

Dédée entra com um embrulho, e olha para Johnny.

— Sua febre subiu. Telefonei para o médico, ele virá às dez. Diz para você ficar tranquilo.

— Está bem, está bem, mas antes vou contar ao Buno a história do metrô. Outro dia deu para entender direito o que acontece. Comecei a pensar na minha velha, depois em Lan e nos meninos, e claro, naquele momento eu sentia que estava caminhando pelo meu bairro, e via as caras dos rapazes, os daquele tempo. Não era pensar, acho que já disse a você muitas vezes que eu não penso nunca; estou assim parado numa esquina vendo passar o que penso, mas não penso no que vejo. Entende? Jim diz que somos todos iguais, que em geral (fala assim, ele) a gente pensa sem querer. Vamos dizer que seja isso, a questão é que eu havia tomado o metrô na estação Saint-Michel e em seguida comecei a pensar em Lan e nos meninos, e a ver o bairro. Assim que me sentei, comecei a pensar. Mas ao mesmo tempo percebia que estava no metrô, e vi que depois de um minuto, mais ou menos, chegávamos a Odéon, e que as pessoas entravam e saíam. Então continuei pensando em Lan e vi minha velha quando voltava com as compras, e comecei a ver todos eles, a estar com eles de uma maneira belíssima, como há muito tempo eu não sentia. As lembranças sempre me dão nojo, mas naquela vez eu gostava de pensar nas crianças e vê-las. Se começo a contar tudo que vi, você não vai acreditar, porque eu iria falar um tempão. E isso, se eu economizasse detalhes. Por exemplo, para contar uma coisa só, eu via Lan com um vestido verde que ela punha quando ia ao Club 33 onde eu tocava com Hamp. Via o vestido com umas fitas, um laço, uma espécie de enfeite no lado e na gola... Não ao mesmo tempo, mas na verdade eu estava passeando ao redor do vestido de Lan e olhava para ele devagarzinho. E depois olhei a cara de Lan e a das crianças, e depois lembrei-me de Mike, que vivia no quarto ao lado, e de como Mike tinha me contado a história de uns cavalos selvagens em Colorado, e que ele trabalhava num rancho e falava estufando o peito como os domadores de cavalos..

— Johnny — disse Dédée lá do seu canto.

— Veja que conto somente um pedacinho de tudo que eu estava pensando e vendo. Quanto tempo faz que estou contando esse pedacinho?

— Não sei, uns dois minutos.

— Uns dois minutos — arremeda Johnny. — Dois minutos e contei um pedacinho de nada. Se eu contasse tudo que vi as crianças fazendo, e como Hamp tocava *Save it, pretty mamma*, e eu escutava cada nota, você entende?, cada nota, e Hamp não é dos que se cansam, e se eu contasse também que ouvi minha velha numa oração longuíssima, onde falava de repolhos, acho, pedia perdão pelo meu velho e por mim, e falava alguma coisa de uns repolhos... Bem, se eu contasse tudo isso em detalhes, passariam mais de dois minutos não é mesmo, Bruno?

— Se você realmente escutou e viu tudo isso, passariam uns bons quinze minutos — falei, rindo.

— Passariam uns bons quinze minutos, não é mesmo, Bruno? Então agora quero que você me diga lá como pode ser que de repente sinto que o metrô pára e saio da minha velha e de Lan e daquilo tudo, e vejo que estamos em Saint-Germain-des-Prés, que fica exatamente a um minuto e meio de Odéon.

Nunca me preocupo muito com as coisas que Johnny diz, mas agora, com seu jeito de olhar para mim, senti frio.

— Um minuto e meio, nada mais, pela sua conta, pela conta do tempo dessa aí — disse rancorosamente Johnny. — E também pelo do metrô e pelo do meu relógio, malditos. Então, como pode ser que eu tenha pensado durante quinze minutos, hein, Bruno? Como se pode pensar um quarto de hora em um minuto e meio? Juro que naquele dia eu não havia fumado nem um pedacinho, nem uma folhinha — acrescenta, como um menino que pede desculpas. — E depois tornou a me acontecer, agora começa a me acontecer em todos os lugares. Mas — acrescenta astutamente — só no metrô posso perceber porque viajar no metrô é como estar metido num relógio. As estações são os minutos, você entende?, é esse o tempo de vocês, de agora; mas eu sei que existe outro e andei pensando, pensando...

Cobre o rosto com as mãos e treme. Eu gostaria de já ter ido embora, e não sei como fazer para me despedir sem que Johnny se magoe, porque é terrivelmente suscetível com seus amigos. Se continuar assim vai ficar mal, e pelo menos com Dédée ele não vai falar dessas coisas.

— Bruno, se eu pudesse viver apenas como nesses momentos, ou como quando estou tocando e também o tempo muda... Você percebe o que poderia acontecer num minuto e meio... Então um homem, e não só eu mas também essa aí e você e todos os rapazes, poderiam viver centenas de anos, se a gente encontrasse a maneira poderíamos viver mil vezes mais do que estamos vivendo por culpa dos relógios, por causa dessa mania de minutos e de depois de amanhã...

Sorrio da melhor maneira que consigo, compreendendo vagamente que ele tem razão, mas o que ele suspeita e que eu pressinto de sua suspeita vai se apagar como sempre assim que eu estiver na rua e entrar na minha vida de todos os dias. Nesse momento tenho certeza de que Johnny diz alguma coisa que não nasce somente do fato de estar meio louco, tenho certeza de que a realidade escapa dele e deixa nele uma espécie de paródia que Johnny transforma em esperança. Tudo que Johnny me diz em momentos assim (e faz mais de cinco anos que Johnny me diz e diz a todo mundo coisas parecidas) não se pode escutar prometendo a si mesmo que depois pensará de novo no assunto. Assim que voltamos para a rua, assim que é a lembrança e não Johnny quem repete as palavras, tudo se torna uma invenção da maconha, um monótono agitar de mãos (porque há outros que dizem coisas parecidas, toda hora encontramos depoimentos parecidos) e depois da maravilha nasce a irritação, e pelo menos comigo acontece de sentir como se Johnny tivesse estado me gozando. Mas isso acontece sempre no dia seguinte, e não enquanto Johnny está falando, porque então sinto que existe alguma coisa que quer ceder em algum lugar, uma luz que procura se acender, ou ainda como se fosse necessário quebrar alguma coisa, quebrá-la de cima para baixo como um tronco enfiando-lhe uma cunha e martelando até o fim. E Johnny já não tem forças para martelar nada, e eu nem mesmo sei

que martelo precisaria para enfiar uma cunha que tampouco imagino.

Então no final da tarde deixei o quartinho, mas antes aconteceu uma dessas coisas que têm de acontecer — esta ou outra parecida — e foi que quando eu estava me despedindo de Dédée e dava as costas a Johnny, senti que alguma coisa ocorria, vi nos olhos de Dédée, e virei-me rapidamente (porque pode ser que eu tenha um pouco de medo de Johnny, este anjo que é como meu irmão, este irmão que é como um anjo) e vi Johnny tirando o cobertor de repente, e vi Johnny sentado na poltrona completamente nu, com as pernas levantadas e os joelhos junto ao queixo, tremendo mas rindo, nu da cabeça aos pés na poltrona imunda.

— Começa a fazer calor — disse Johnny. — Bruno, veja que linda cicatriz tenho entre as costelas.

— Cubra-se — mandou Dédée, envergonhada e sem saber o que dizer. Nos conhecemos bastante e um homem nu é apenas um homem nu, mas seja como for Dédée sentiu vergonha e eu não sabia o que fazer para não dar a impressão de que o que Johnny estava fazendo me chocava. E ele sabia disso e riu com sua bocarra inteira, obscenamente mantendo as pernas levantadas, o sexo pendendo na beira da poltrona como um macaco no zoológico, e a pele das coxas com umas manchas esquisitas que me deram um nojo infinito. Então Dédée agarrou o cobertor e o enrolou apressada, enquanto Johnny ria e parecia muito feliz. Eu me despedi vagamente, prometendo voltar no dia seguinte, e Dédée me acompanhou até o corredor, fechando a porta para que Johnny não ouvisse o que ela ia me dizer.

— Está desse jeito desde que voltamos da turnê pela Bélgica. Havia tocado tão bem em todos os lugares, e eu estava tão contente.

— Fico me perguntando de onde ele tirou a droga — disse, olhando-a nos olhos.

— Não sei. Andou bebendo vinho e conhaque quase que o tempo todo. Mas também fumou, embora menos que lá...

Lá é Baltimore e Nova York, são os três meses no hospital psiquiátrico de Bellevue, e a longa temporada em Camarillo.

— E verdade que Johnny tocou bem na Bélgica, Dédée?

— É sim, Bruno, acho que melhor que nunca. As pessoas ficaram enlouquecidas, e os rapazes da orquestra falaram isso muitas vezes. De repente aconteciam coisas estranhas como sempre, mas por sorte nunca diante do público. Eu achei... mas você está vendo, agora é pior que nunca.

— Pior que em Nova York? Você não o conheceu naqueles anos.

Dédée não é boba, mas nenhuma mulher gosta que falem de seu homem quando ainda não estava em sua vida, para não dizer que agora tem que aguentá-lo e o de antes são apenas palavras. Não sei como dizer e nem mesmo tenho tanta intimidade com ela, mas no final me decido.

— Calculo que vocês ficaram sem dinheiro.

— Temos esse contrato para começar depois de amanhã — disse Dédée.

— Você acredita que ele vai conseguir gravar e se apresentar em público?

— Ah, sim — disse Dédée um pouco surpreendida. — Johnny pode tocar melhor que nunca, se o doutor Bernard cortar sua gripe. O problema é o sax.

— Eu cuido disso. Pegue isso aqui, Dédée. Só que... Seria melhor que Johnny não ficasse sabendo.

— Bruno...

Com um gesto, e começando a descer a escada, detive as palavras imagináveis, a gratidão inútil de Dédée. Separado dela por quatro ou cinco degraus me foi mais fácil dizer-lhe.

— Por nada neste mundo ele deve fumar antes do primeiro concerto. Deixe-o beber um pouco, mas não dê a ele dinheiro para outra coisa.

Dédée não respondeu nada, embora eu tenha visto como suas mãos dobravam e dobravam as notas de dinheiro até fazê-las desaparecer. Pelo menos tenho a certeza de que Dédée não fuma. Sua única complicação pode nascer do medo ou do amor. Se Johnny se puser de joelhos, como o vi fazer em Chicago, e suplicar chorando... Mas é um risco como tantos outros com Johnny, e no momento haverá dinheiro para comer e para remédios. Na rua

levantei a gola da capa porque começava a chover, e respirei até meus pulmões doerem; senti que Paris cheirava a coisa limpa, a pão quente. Só agora percebi como era o cheiro do quarto de Johnny, o corpo de Johnny suando debaixo do cobertor. Entrei num café para tomar um conhaque e lavar a boca, talvez também a memória que insiste e insiste nas palavras de Johnny, suas histórias, sua maneira de ver o que eu não vejo e no fundo não quero ver. E me pus a pensar em depois de amanhã e era como uma tranquilidade, como uma ponte bem armada do balcão em diante.

Quando não se tem muita certeza de nada, o melhor é criar deveres para si próprio, como boias. Dois ou três dias depois pensei que tinha o dever de averiguar se a marquesa está facilitando maconha para Johnny Carter, e fui ao estúdio de Montparnasse. A marquesa é uma marquesa de verdade, tem rios de dinheiro, que vem do marquês, embora tenham se divorciado há tempos por causa da maconha e de outras razões parecidas. Sua amizade com Johnny vem de Nova York, provavelmente do ano em que Johnny ficou famoso da noite para o dia simplesmente porque alguém lhe deu a oportunidade de reunir quatro ou cinco rapazes que gostavam de seu estilo, e Johnny pôde tocar à vontade pela primeira vez e deixou todo mundo maravilhado. Este não é o momento de fazer crítica de *jazz*, e os interessados podem ler meu livro sobre Johnny e o novo estilo do pós-guerra, mas posso muito bem dizer que em 48 — digamos, até 50 — houve como uma explosão da música, mas uma explosão fria, silenciosa, uma explosão na qual cada coisa ficou em seu lugar e não houve gritos nem escombros, mas a casca do costume rachou-se em milhões de pedaços e até seus defensores (nas orquestras e no público) fizeram de alguma coisa que já não sentiam como antes uma questão de amor-próprio. Porque depois da passagem de Johnny pelo sax alto não dá para continuar ouvindo os músicos anteriores e achar que são o *non plus ultra*; é preciso conformar-se e aplicar essa espécie de resignação disfarçada que se chama sentido histórico e dizer que qualquer um daqueles músicos foi estupendo e continua sendo em-sua-época. Johnny passou pelo *jazz* como a mão que vira uma página, e ponto final.

A marquesa, que tem umas orelhas de lebre para tudo que seja música, sempre admirou muito Johnny e seus amigos do grupo. Imagino que deve ter dado a eles não poucos dólares na época do Club 33, quando a maioria dos críticos protestavam contra as gravações de Johnny e julgavam seu *jazz* com base em critérios mais do que apodrecidos. Provavelmente, também naquela época a marquesa começou a ir de vez em quando para a cama com Johnny, e a fumar com ele. Muitas vezes os vi juntos antes das sessões de gravação ou nos intervalos dos concertos e Johnny parecia bastante feliz ao lado da marquesa, embora em alguma plateia ou em sua casa Lan e as crianças estivessem esperando por ele. Mas Johnny jamais teve ideia do que é esperar nada, e tampouco imagina que alguém possa estar esperando por ele. Até sua maneira de deixar Lan plantada descreve-o de corpo inteiro. Vi o postal que mandou para ela de Roma, depois de quatro meses de ausência (tinha subido num avião com outros dois músicos sem que Lan soubesse de nada). O postal representava Rômulo e Remo, que Johnny sempre achou muito engraçado (uma de suas gravações tem esse nome), e dizia: "Ando solitário numa multidão de amores", que é um fragmento de um poema de Dylan Thomas lido por Johnny o tempo todo. Os agentes de Johnny nos Estados Unidos deram um jeito de reduzir parte de sua comissão e entregá-la a Lan, que por seu lado compreendeu logo que não tinha feito tão mal negócio livrando-se de Johnny. Alguém me disse que a marquesa também deu dinheiro a Lan, sem que Lan soubesse qual era a fonte. Não estranho porque a marquesa era loucamente boa e entende o mundo como as omeletes que prepara em seu estúdio quando os amigos começam a chegar aos montes, e que consiste em ter uma espécie de omelete permanente, na qual põe diversas coisas e vai tirando pedaços e oferecendo-os na medida do necessário.

Encontrei a marquesa com Marcel Gavoty e com Art Boucaya, e estavam justamente falando das gravações que Johnny tinha feito na tarde anterior. Caíram em cima de mim como se vissem chegar um arcanjo, a marquesa me beijou até se cansar e os rapazes deram tapinhas em minhas costas como costumam fazer os contrabaixistas e os sax-barítonos. Tive de me refugiar atrás de uma cadeira,

defendendo-me do jeito que dava, e tudo isso porque ficaram sabendo que sou quem providenciou o magnífico sax em que Johnny acaba de gravar quatro ou cinco de seus melhores improvisos. A marquesa disse em seguida que Johnny era um rato imundo, e que como estava brigado com ela (não contou por quê) o rato imundo sabia muito bem que era só ter pedido perdão da maneira certa que teria conseguido o cheque para comprar um sax. Naturalmente Johnny não quis pedir perdão desde que voltou a Paris — a briga parece ter sido em Londres, há dois meses — e por isso ninguém poderia saber que ele tinha perdido seu maldito sax no metrô, etcétera. Quando a marquesa começa a falar, a gente se pergunta se o estilo de Dizzy ficou grudado em seu idioma, pois é uma série interminável de variações nos registros mais inesperados, até que no fim a marquesa dá uma batida forte nas coxas, escancara a boca e começa a rir como se estivesse morrendo de cócegas. E então Art Boucaya aproveitou para me dar detalhes da sessão de ontem, que perdi por culpa da pneumonia da minha mulher.

— Tica é testemunha — disse Art, mostrando à marquesa que se torcia de rir. — Bruno, você não pode imaginar o que foi aquilo até ouvir os discos. Se Deus estava ontem em algum lugar, pode crer que era naquela maldita sala de gravação, onde fazia um calor dos infernos, aliás. Você lembra de *Willow Tree*, Marcel?

— E como lembro — disse Marcel. — O idiota pergunta se eu lembro. Estou tatuado da cabeça aos pés com *Willow Tree*.

Tica trouxe *highballs* para nós e ficamos à vontade para conversar. Na verdade falamos pouco da sessão de ontem, porque qualquer músico sabe que dessas coisas não dá para falar, mas o pouco que me disseram devolveu-me alguma esperança, e pensei que talvez meu sax traga boa sorte a Johnny. Em todo caso, não faltaram histórias que esfriaram um pouco essa esperança, como por exemplo Johnny ter tirado os sapatos entre uma gravação e outra, e passeado descalço pelo estúdio. Porém, reconciliou-se com a marquesa e prometeu ir ao estúdio tomar alguma coisa antes de sua apresentação desta noite.

— Você conhece a garota que está com o Johnny agora? — Tica quis saber. Fiz para ela uma descrição, a mais sucinta possível, mas

Marcel completou-a à francesa, com todo tipo de matizes e alusões que divertiram a marquesa muitíssimo. Não se fez a menor referência à droga, embora eu esteja tão apreensivo que parecia cheirá-la no ar do estúdio de Tica, para não falar que Tica ri de uma maneira que às vezes também noto em Johnny e em Art, e que delata os viciados. Eu me pergunto como Johnny terá feito para conseguir maconha, se estava brigado com a marquesa; minha confiança em Dédée despencou bruscamente, se é que de fato eu confiara nela. No fundo são todos iguais.

Invejo um pouco essa igualdade que os aproxima, que os torna cúmplices com tanta facilidade; do meu mundo puritano — não necessito confessar isso, qualquer um que me conheça sabe de meu horror à desordem moral — vejo-os como anjos enfermos, irritantes graças à irresponsabilidade, mas pagando seus pecados com coisas como os discos de Johnny, a generosidade da marquesa. E não digo tudo, e quisera forçar-me a dizer: os invejo, invejo Johnny, esse Johnny do outro lado, sem que ninguém saiba exatamente qual é esse outro lado. Invejo tudo menos sua dor, coisa que ninguém deixará de compreender, mas mesmo em sua dor deve haver instantes de alguma coisa que me é negada. Invejo Johnny e ao mesmo tempo me dá raiva que esteja se destruindo pelo mau exemplo de seus dons, pelo estúpido acúmulo de insensatez que sua pressão de vida exige. Penso que se Johnny pudesse orientar sua vida, inclusive sem sacrificar nada, nem mesmo as drogas, e se pilotasse melhor esse avião que há cinco anos voa às cegas, talvez acabasse na pior, na completa loucura, na morte, mas não sem antes haver tocado fundo o que busca em seus tristes monólogos *a posteriori*, em seus relatos de experiências fascinantes mas que sempre ficam na metade do caminho. E tudo isso asseguro na minha covardia pessoal, e talvez no fundo quisesse que Johnny acabasse de uma vez, como uma estrela que se arrebenta em mil pedaços e deixa os astrônomos abobados durante uma semana, e depois a gente vai dormir e amanhã é outro dia.

Parece que Johnny sentiu uma espécie de suspeita de tudo que andei pensando, porque me cumprimentou muito alegre ao entrar e veio quase que em seguida sentar-se ao meu lado, depois de beijar

a marquesa e fazê-la girar pelo ar, e trocar com ela e com Art um complicado ritual onomatopaico que produziu riso em todos nós.

— Bruno — falou Johnny, instalando-se no melhor sofá — o baú é uma maravilha e esses aí que digam o que tirei dele ontem. Tica soltava umas lágrimas que pareciam lâmpadas, e não acho que fosse por estar devendo dinheiro à costureira, hein, Tica?

Quis saber mais da sessão, mas para Johnny aquela enxurrada de orgulho foi suficiente. Começou quase em seguida a falar com Marcel sobre o programa daquela noite e de como os dois ficam bem com os novos ternos cinza com que iriam se apresentar. Johnny está realmente muito bem e dá para ver que faz dias que não fuma demais; deve ter exatamente a dose necessária para tocar com prazer. E justamente quando estou pensando nisso, Johnny põe a mão em meu ombro e se inclina para me dizer:

— Dédée me contou que naquela tarde eu me portei muito mal com você.

— Ora, nem pense nisso.

— Mas é que eu lembro muito bem. E se você quer saber, acho que na verdade eu estava formidável. Você deveria ficar feliz por eu ter me portado daquele jeito; não faço isso com ninguém, pode crer. É uma mostra de como aprecio você. Temos que ir juntos a algum lugar para falar de um montão de coisas. Aqui... — estica o lábio inferior, desdenhoso, e ri, sacudindo os ombros, parece estar dançando no sofá. — Velho Bruno. Dédée diz que eu me portei mal, de verdade.

— Você estava com gripe. Melhorou?

— Não era gripe. O médico foi me ver, e em seguida começou a me dizer que o *jazz*, que ele adora o *jazz*, e que tenho de ir alguma noite na casa dele para ouvir discos. Dédée me contou que você deu dinheiro para ela.

— Para que se ajeitassem até que você receba. Como vai ser hoje à noite?

— Bem, estou com vontade de tocar, e tocaria agora mesmo, se tivesse o sax, mas Dédée emperrou que só ela leva o sax ao teatro. É um sax formidável, ontem eu achei que estava fazendo amor com ele enquanto tocava. Se você visse a cara da Tica quando acabei...

Estava com ciúme, Tica?

E tornaram a rir aos gritos, e Johnny considerou conveniente correr pelo estúdio dando grandes saltos de alegria, e ele e Art dançaram sem música, erguendo e baixando as sobrelanceias para marcar o compasso. É impossível perder a paciência com Johnny ou com Art; seria como zangar com o vento porque está nos despenteando. Em voz baixa, Tica, Marcel e eu trocamos impressões sobre a apresentação desta noite. Marcel tem certeza de que Johnny vai repetir seu formidável êxito de 1951, quando veio pela primeira vez a Paris. Depois de ontem ele tem certeza de que tudo vai dar certo. Gostaria de me sentir tão tranquilo como ele, mas em todo caso não poderei fazer outra coisa além de me sentar nas primeiras filas e escutar o concerto. Pelo menos tenho a tranquilidade de que Johnny não está drogado como naquela noite de Baltimore. Quando disse isso a Tica, ela apertou-me a mão como se estivesse a ponto de cair na água. Art e Johnny foram até o piano, e Art está mostrando a Johnny um tema novo, e Johnny mexe a cabeça e cantarola. Os dois estão elegantíssimos em seus ternos cinza, embora a gordura que Johnny juntou nesses tempos o prejudique.

Falei com Tica sobre a noite de Baltimore, quando Johnny teve a primeira crise violenta. Enquanto falávamos olhei para ela, nos olhos, porque queria ter certeza de que ela me compreende, e que não cederá dessa vez. Se Johnny chegar a beber conhaque demais ou a fumar um pouco de droga, o concerto vai ser um fracasso e tudo se desmoronará. Paris não é um cassino de província, e todo mundo está de olho em Johnny. E enquanto penso nisso, não posso impedir o gosto ruim na boca, uma raiva que não é dirigida a Johnny ou às coisas que acontecem com ele; é contra mim e contra o pessoal que o rodeia, a marquesa e Marcel, por exemplo. No fundo somos um bando de egoístas sob pretexto de cuidar de Johnny, o que fazemos é salvar a ideia que temos dele, preparar-nos para os novos prazeres que Johnny nos dará, polir a estátua que erguemos juntos e defendê-la a qualquer preço. O fracasso de Johnny seria ruim para o meu livro (a qualquer momento sairá a tradução para o inglês e o italiano), e provavelmente uma parte de meu cuidado com Johnny está feita de coisas assim. Art e Marcel precisam dele para

ganhar o pão, e a marquesa, quem sabe o que a marquesa vê em Johnny além do talento. Tudo isso não tem nada a ver com o outro Johnny, e de repente percebi que talvez Johnny quisesse me dizer isso quando arrancou o cobertor e se mostrou nu como uma minhoca, Johnny sem sax, Johnny sem dinheiro e sem roupa, Johnny obcecado por alguma coisa que sua pobre inteligência não consegue entender mas que flutua lentamente em sua música, acaricia sua pele, prepara-o talvez para um salto imprevisível que nós jamais compreenderemos.

E quando se pensa coisas assim, a gente acaba sentindo de verdade um gosto ruim na boca, e toda a sinceridade do mundo não paga a momentânea descoberta de que somos uma pobre porcaria ao lado de alguém como Johnny Carter, que agora veio beber seu conhaque no sofá e me olha com ar de diversão. Já está na hora de irmos para a sala Pleyel. Que a música salve pelo menos o resto da noite, e cumpra a fundo uma de suas piores missões, a de colocar um bom biombo na frente do espelho para nós, apagar-nos do mapa por algumas horas.

Como é natural, amanhã escreverei para o *Jazz Hot* uma resenha do concerto desta noite. Mas aqui, com esta taquigrafia rabiscada sobre um joelho nos intervalos, não sinto o menor desejo de falar como crítico, ou seja, de sancionar comparativamente. Sei muito bem que para mim Johnny deixou de ser um *jazzman* e que seu gênio musical é como uma fachada, alguma coisa que o mundo inteiro pode chegar a compreender e admirar mas que encobre outra coisa, e essa outra coisa é a única coisa com a qual eu deveria me importar, talvez porque seja a única que importe de verdade para Johnny.

É fácil dizer, enquanto ainda sou a música de Johnny. Mas quando ela esfria... Por que não poderei fazer como ele, por que não poderei me atirar de cabeça na parede? Antecipo minuciosamente as palavras à realidade que elas pretendem me descrever, me escudo em considerações e suspeitas que não são mais que uma estúpida dialética. Acho que compreendo por que a ladainha exige instintivamente o cair de joelhos. A mudança de posição é o símbolo de uma mudança na voz, no que a voz vai articular, no próprio

articulado. Quando chego ao ponto de tocar essa mudança, as coisas que até um segundo antes me pareciam arbitrárias enchem-se de sentido profundo, simplificam-se extraordinariamente e ao mesmo tempo se aprofundam. Nem Marcel nem Art perceberam ontem que Johnny não estava louco quando tirou os sapatos na sala de gravações. Johnny precisava naquele instante tocar o chão com sua pele, atar-se à terra da qual sua música era uma confirmação e não uma fuga. Porque também sinto isso em Johnny, e que não foge de nada, não se droga para fugir como a maioria dos viciados, não toca o sax para se encolher atrás de um fosso de música, não passa semanas trancado em clínicas psiquiátricas para sentir-se ao abrigo das pressões que é incapaz de suportar. Até seu estilo, o mais autêntico nele, esse estilo que merece nomes absurdos sem precisar de nenhum, prova que a arte de Johnny não é uma substituição nem uma complementação. Johnny abandonou a linguagem *hot* mais ou menos corrente até dez anos atrás, porque essa linguagem violentamente erótica era passiva demais para ele. Em seu caso, o desejo se antepõe ao prazer e o frustra, porque o desejo exige avançar, buscar, negando por antecipação os encontros fáceis do *jazz* tradicional. Por isso, creio, Johnny não gosta muito dos *blues*, onde o masoquismo e a nostalgia... Mas disso tudo já falei em meu livro, mostrando como a renúncia à satisfação imediata induziu Johnny a elaborar uma linguagem que ele e outros músicos estão hoje levando às suas últimas possibilidades. Esse *jazz* dispensa todo erotismo fácil, todo wagnerianismo, digamos assim, para situar-se num plano aparentemente solto onde a música fica em absoluta liberdade, assim como a pintura subtraída ao representativo fica em liberdade para não ser nada além de pintura. Mas então, dono de uma música que não facilita os orgasmos nem as nostalgias, de uma música que eu gostaria de poder chamar de metafísica, Johnny parece contar com ela para se explorar, para morder a realidade que lhe escapa todos os dias. Vejo ali o alto paradoxo de seu estilo, sua agressiva eficácia. Incapaz de se satisfazer, vale como um estímulo contínuo, uma construção infinita cujo prazer não está no arremate e sim na reiteração exploradora, no emprego de faculdades que deixam atrás o imediatamente humano sem perder a humanidade. E

quando Johnny se perde como esta noite na criação contínua de sua música, sei muito bem que não está fugindo de nada. Ir a um encontro não pode ser nunca fugir, embora cada vez releguemos o lugar do encontro; e quanto ao que possa ficar para trás, Johnny o ignora e despreza soberanamente. A marquesa, por exemplo, acha que Johnny tem medo da miséria sem perceber que a única coisa que Johnny pode temer é não encontrar uma bisteca ao alcance do garfo quando tiver vontade de comê-la, ou uma cama quando sente sono, ou cem dólares na carteira quando achar normal ser dono de cem dólares. Johnny não se move num mundo de abstrações como nós; por isso sua música, essa admirável música que escutei esta noite, não tem nada de abstrata. Mas só ele pode fazer a contagem do que colheu enquanto tocava, e provavelmente já estará em outra, perdendo-se numa nova conjectura ou numa nova suspeita. Suas conquistas são como um sonho, esquece delas ao despertar, quando os aplausos o trazem de volta, ele que anda tão longe vivendo seu quarto de hora de um minuto e meio.

Seria como viver atado a um para-raios em plena tempestade e achar que não vai acontecer nada. Quatro ou cinco dias mais tarde encontrei Art Boucaya no Dupont do bairro latino, e nem deu tempo para virar os olhos para trás e anunciar as más notícias. Num primeiro momento senti uma espécie de satisfação que não tenho outro remédio a não ser qualificar de maligna, porque sabia muito bem que a calma não podia durar muito; mas depois pensei nas consequências e meu carinho por Johnny começou a se retorcer em meu estômago; então bebi dois conhaques enquanto Art me descrevia o que aconteceu. Em resumo, parece que naquela tarde Delaunay havia preparado uma sessão de gravação para apresentar um novo quinteto com Johnny à frente, Art, Marcel Gavoty e dois garotos muito bons de Paris no piano e na bateria. Tinha que começar às três da tarde e contavam com o dia inteiro e parte da noite para entrar no clima e gravar algumas coisas. E o que aconteceu? Aconteceu que Johnny chegou às cinco, quando Delaunay estava fervendo de impaciência, e depois de se jogar numa cadeira disse que não se sentia bem e que veio somente para

não estragar o dia dos rapazes, mas que não tem a menor vontade de tocar.

— Marcel e eu tentamos convencê-lo a descansar um pouco, mas ele só queria falar de sei lá que campos com umas urnas que havia encontrado, e falou delas durante meia hora. Depois começou a tirar montes de folhas que havia juntado em algum parque e guardado nos bolsos. Resultado, o chão do estúdio parecia um jardim botânico, os empregados andavam de um lado para outro com caras de fera, e, enquanto isso, ninguém gravava nada; veja só, o engenheiro de som estava há três horas fumando na cabina, e isso, em Paris, é muito para um técnico.

"No fim Marcel convenceu Johnny que o melhor era tentar, começaram a tocar, os dois, e nós seguíamos aos poucos, mais para vencer o cansaço de não fazer nada. Eu já havia percebido há tempos que Johnny tinha uma espécie de contração no braço direito, e quando começou a tocar garanto que era horrível ver isso. A cara cinzenta, você sabe, e de vez em quando, como um calafrio; eu não via a hora dele desabar no chão. E numa dessas ele dá um grito, olha todos nós um por um, muito devagar, e nos pergunta o que estamos esperando para começar a tocar *Amorous*. Você sabe, o tema de Álamo. Bem, Delaunay faz um sinal para o técnico, nos ajeitamos da melhor maneira possível, e Johnny abre as pernas, se planta como num bote que sacode, e desanda a tocar de um jeito que, juro, nunca havia ouvido, jamais. Isso durante três minutos, até que de repente solta um sopro capaz de arruinar até a harmonia celeste, e vai para um canto deixando todos nós em plena marcha, que acabássemos do jeito que desse.

"Mas agora vem o pior, é que quando acabamos, a primeira coisa que Johnny disse foi que tudo tinha ido para os diabos, e que aquela gravação não servia para nada. Naturalmente, nem Delaunay nem nós demos a menor confiança, porque apesar dos defeitos o solo de Johnny valia por mil dos que a gente ouve todo dia. Uma coisa diferente, que eu não sei explicar... Você vai escutar, imagina se Delaunay ou os técnicos pensam em destruir a gravação. Mas Johnny insistia feito louco, ameaçando arrebentar os vidros do estúdio se não provassem que o disco havia sido cancelado.

Finalmente, o engenheiro mostrou qualquer coisa e convenceu-o, e então Johnny propôs que gravássemos *Streptomicyne*, que saiu muito melhor e ao mesmo tempo muito pior, quero dizer que é um disco impecável e redondo mas já não tem aquela coisa incrível que Johnny havia gravado em *Amorous*"

Suspirando, Art acabou de beber sua cerveja e me olhou lugubrememente. Perguntei o que Johnny fez depois disso tudo, e ele me disse que depois de fartá-los com suas histórias sobre as folhas e os campos cheios de urnas, negou-se a continuar tocando e saiu aos tropeções do estúdio. Marcel tirou-lhe o sax para evitar que tornasse a perdê-lo ou pisoteá-lo, e com um dos garotos franceses levou-o ao hotel.

Que outra coisa eu poderia fazer além de ir vê-lo agora mesmo? Mas seja como for, deixei para amanhã. E na manhã seguinte encontrei Johnny na página policial do *Figaro*, porque durante a noite parece que Johnny incendiou o quarto do hotel e saiu correndo pelado pelos corredores. Tanto ele quanto Dédée saíram ilesos, mas Johnny está no hospital, debaixo de vigilância. Mostrei a notícia à minha mulher para alentá-la em sua convalescência, e em seguida fui ao hospital onde minhas credenciais de jornalista não serviram para nada. Só consegui saber que Johnny está delirando, e que dentro dele existe maconha suficiente para enlouquecer dez pessoas. A coitada da Dédée não foi capaz de resistir, de convencê-lo a continuar sem fumar; todas as mulheres de Johnny acabam sendo suas cúmplices, e tenho mais que certeza de que a droga foi fornecida pela marquesa.

Enfim, a questão é que fui imediatamente à casa de Delaunay para pedir que me deixe escutar *Amorous* o mais cedo possível. Sabe lá se *Amorous* não acaba sendo o testamento do pobre Johnny; e nesse caso, meu dever profissional...

Mas não, ainda não. Cinco dias mais tarde Dédée me telefonou dizendo que Johnny está muito melhor e quer me ver. Preferi não recriminá-la, primeiro porque suponho que é perda de tempo, e depois porque a voz da pobre Dédée parece sair de uma chaleira rachada. Prometi ir mais tarde, e disse a ela que talvez quando

Johnny estivesse melhor dê para organizar uma turnê pelo interior. Desliguei quando Dédée começava a chorar.

Johnny está sentado na cama, numa sala onde estão dois outros doentes que, ainda bem, dormem. Antes que eu dissesse qualquer coisa, ele agarrou minha cabeça com as duas mãos, e me beijou muitas vezes na testa e nas faces. Está terrivelmente magro, embora tenha me dito que lhe dão muita comida e que tem muita fome. No momento o que mais o preocupa é saber se os rapazes falam mal dele, se sua crise fez mal a alguém, e coisas assim. É quase inútil que eu responda, pois sabe muito bem que os concertos foram cancelados e que isso prejudica Art, Marcel e o resto do pessoal; mas me pergunta como se acreditasse que nesse ínterim aconteceu alguma coisa boa, alguma coisa que arrume o resto. E ao mesmo tempo não me engana, porque no fundo de tudo isso está sua soberana indiferença; Johnny não se importa nem um pouco que tudo tenha ido para os diabos, e o conheço bem demais para não perceber isso.

— O que você quer que eu diga, Johnny? As coisas podiam ter saído melhores, mas você tem o talento de pôr tudo a perder.

— Sim, não posso negar isso — disse Johnny cansadamente. — E tudo por causa das urnas.

Lembrei-me das palavras de Art, fiquei olhando para Johnny.

— Campos cheios de urnas, Bruno. Montões de urnas invisíveis, enterradas num campo imenso. Eu andava por lá e de vez em quando tropeçava em alguma coisa. Ah, você vai dizer que sonhei. Era assim, veja: de vez em quando eu tropeçava em uma urna, até notar que o campo todo estava cheio de urnas, que havia milhares e milhares, e que dentro de cada uma estavam as cinzas de um morto. Então lembro que me agachei e comecei a cavar com as unhas até que uma das urnas ficou à vista. Sim, eu lembro. Lembro que pensei: "Esta deve estar vazia, porque é a que está reservada para mim." Mas não, estava cheia de um pó cinza do jeito que eu sei muito bem que estavam as outras, embora não as tenha visto. Então... então foi quando começamos a gravar *Amorous*, acho.

Discretamente espiei o quadro de temperatura. Bastante normal, quem diria. Um médico jovem botou a cabeça na porta

cumprimentando-me com uma leve inclinação, e fez um gesto de ânimo para Johnny, um gesto quase esportivo, muito de bom moço. Mas Johnny não respondeu, e quando o médico foi embora sem passar da porta, vi que Johnny estava com os punhos cerrados.

— É isso que eles não entenderão nunca — disse ele. — São como um macaco com um espanador, como as garotas do conservatório de Kansas City, que achavam que tocavam Chopin, nada mais nada menos. Bruno, em Camarillo me colocaram num quarto com outros três, e pela manhã entrava um sujeito lavadinho e rosadinho que dava gosto. Parecia filho do Kleenex e do Tampax, pode crer. Uma espécie de imenso idiota que sentava ao meu lado na cama e me animava, eu, que queria morrer, e não pensava mais em Lan nem em ninguém. E o pior é que o sujeito se ofendia porque eu não prestava atenção nele. Parecia esperar que eu me sentasse na cama, encantado por causa da sua cara branca e dos cabelos bem penteados e das suas unhas cuidadas, e que melhorasse como esse pessoal que chega a Lourdes e joga fora a muleta e sai dando pulos...

"Bruno, esse sujeito e todos os outros sujeitos de Camarillo tinham certeza. Do quê, você quer saber? Não sei, juro, mas tinham certeza. Do que eram, acho, do que valiam, de seu diploma. Não, não é isso. Alguns eram modestos e não se achavam infalíveis. Mas até o mais modesto se sentia seguro. Isso era o que me irritava, Bruno, *que se sentissem seguros*. Seguros de quê?, diga lá, quando eu, um pobre-diabo com mais pestes que o demônio debaixo da pele, tinha bastante consciência para sentir que era tudo feito uma gelatina, que tudo ao redor tremia que só precisava prestar um pouco de atenção, sentir um pouco, calar um pouco, para descobrir os furos. Na porta, na cama: furos. Na mão, no jornal, no tempo, no ar: tudo cheio de furos, tudo esponja, tudo como um coador coando a si mesmo... Mas eles eram a ciência americana, você compreende, Bruno? O guarda-pó que os protegia dos buracos; não viam nada, aceitavam o já visto por outros, imaginavam que estavam vendo. E naturalmente não podiam ver os furos, e estavam muito seguros de si, convencidíssimos de suas receitas, suas seringas, sua maldita psicanálise, seus não fume e seus não beba... Ah, o dia em que

pude cair fora, subir no trem, olhar pela janela e ver como tudo ia ficando para trás, tudo se despedaçava, não sei se você viu como a paisagem vai se quebrando quando você a vê se afastar...

Fumamos Gauloises. Deram permissão a Johnny para beber um pouco de conhaque e fumar oito ou dez cigarros. Mas dá para ver que é seu corpo quem fuma, que ele está em outra, quase como se se negasse a sair do poço. Pergunto-me o que ele viu, o que sentiu nos últimos dias. Não quero excitá-lo, mas se ele pudesse falar por sua conta... Fumamos, calados, e às vezes Johnny estica os braços e me passa os dedos pelo rosto, como para me identificar. Depois brinca com seu relógio de pulso, olha-o com carinho.

— O problema é que eles se acham sábios — diz de repente. — Eles se acham muito sábios porque juntaram um montão de livros e comeram todos. Isso me faz dar risada, porque na verdade são boa gente e vivem convencidos de que o que estudam e o que fazem são coisas difíceis e profundas. No circo é a mesma coisa, Bruno, e com a gente é a mesma coisa. As pessoas acham que algumas coisas são o máximo da dificuldade, e por isso aplaudem o trapezista, ou me aplaudem. Eu não sei o que imaginam, que eu estou me arrebatando para tocar bem, ou que o trapezista rompe os tendões cada vez que dá um salto. Na verdade, as coisas verdadeiramente difíceis são outras tão diferentes, tudo que a gente acha que pode fazer a qualquer momento. Olhar, por exemplo, ou compreender um cão ou um gato. Essas são as dificuldades, as grandes dificuldades. Ontem à noite aconteceu de eu me olhar neste espelhinho, e garanto que foi tão terrivelmente difícil que quase me joguei da cama. Imagine que você está se vendo; só isso basta para ficar frio durante meia hora. Na verdade esse cara não sou eu, no primeiro momento senti claramente que não era eu. Agarrei-o de surpresa, de banda, e soube que não era eu. Eu sentia isso, e quando a gente sente alguma coisa... Mas é como em Palm Beach, em cima de uma onda despenca em você a segunda, e depois outra... Você nem acabou de sentir e já vem outra, vêm as palavras... Não, não são as palavras, é o que está nas palavras, essa espécie de cola-tudo, essa baba. E a baba vem e cobre você, e o convence que o do espelho é você. Claro, mas como entender? Mas

se sou eu, com meu cabelo, com esta cicatriz. E as pessoas não entendem que a única coisa que aceitam é a baba e por isso acham tão fácil se olhar no espelho. Ou cortar um pedaço de pão com uma faca. Você cortou um pedaço de pão com uma faca?

— Costuma acontecer comigo — disse eu, divertido.

— E ficou tranqüilão. Eu não consigo, Bruno. Uma noite joguei tudo tão longe que a faca quase arranca o olho de um japonês da mesa ao lado. Foi em Los Angeles, e deu uma confusão danada... Quando expliquei, me levaram preso. E eu achava aquilo tão simples de explicar a eles. Naquela época conheci o doutor Christie. Um cara sensacional, e olha que dos médicos eu penso que...

Passou a mão pelo ar, tocando-o por todos os lados, deixando-o como que marcado por sua passagem. Sorri. Tenho a sensação que está sozinho, completamente só. Sinto-me oco ao seu lado. Se Johnny resolvesse passar a mão através de mim, me cortaria como manteiga, como fumaça. Vai ver é por isso que às vezes roça a minha cara com os dedos, cautelosamente.

— Veja o pão ali, na toalha — diz Johnny, olhando o ar. — E uma coisa sólida, com uma cor belíssima, um perfume. Algo que eu não sou, algo diferente, fora de mim. Mas se eu o toco, se estico os dedos e o agarro, então alguma coisa muda, não acha? O pão está fora de mim, mas eu o toco com os dedos, sinto, sinto que isso é o mundo, mas se eu posso tocá-lo e senti-lo, então não se pode dizer realmente que seja outra coisa, ou você acha que se pode dizer?

— Querido, há milhares de anos que um montão de barbudos quebram a cabeça para resolver o problema.

— No pão é de dia — murmura Johnny, cobrindo o rosto. — E eu me atrevo a tocá-lo, a cortá-lo em dois, a enfiá-lo na boca. Não acontece nada, já sei; isso é terrível. Você entende que é terrível que não aconteça nada? Você corta o pão, mete a faca nele, e tudo continua como antes. Eu não compreendo, Bruno.

Começo a ficar inquieto com a cara de Johnny, com sua excitação. É cada vez mais difícil fazer com que ele fale de *jazz*, de suas lembranças, de seus planos, trazê-lo à realidade. (À realidade; escrevo isso e sinto nojo. Johnny tem razão, a realidade não pode ser isso, não é possível que ser crítico de *jazz* seja a realidade,

porque então existe alguém que está debochando de nós. Mas ao mesmo tempo não dá para seguir a corrente de Johnny, porque vamos acabar todos loucos.)

Agora adormeceu, ou pelo menos fechou os olhos e se faz de adormecido. Outra vez noto como é difícil saber o que ele está fazendo, o que é Johnny. Se está dormindo, se faz de conta que está dormindo, se acha que está dormindo. A gente está muito mais fora de Johnny que de qualquer outro amigo. Ninguém pode ser mais vulgar, mais comum, mais atado às circunstâncias de uma pobre vida; acessível por todos os lados, aparentemente. Não é nenhuma exceção, aparentemente. Qualquer um pode ser como Johnny, desde que aceite ser um pobre coitado enfermo e viciado e sem vontade e cheio de poesia e de talento. Aparentemente. Eu, que passei a vida admirando os gênios, Picasso, Einstein, toda a sagrada lista que qualquer um pode fabricar num minuto (e Gandhi, e Chaplin, e Stravinsky), estou disposto como qualquer um a admitir que esses fenômenos andam nas nuvens, e que com eles a gente não deve estranhar coisa alguma. São diferentes, não tem jeito. Em compensação, a diferença de Johnny é secreta, irritante de tão misteriosa, porque não tem nenhuma explicação. Johnny não é um gênio, não descobriu nada, faz *jazz* como vários milhares de negros e de brancos, e mesmo que faça melhor que todos eles, é preciso reconhecer que isso depende um pouco dos gostos do público, das modas, em suma, do tempo. Panassié, por exemplo, acha Johnny francamente ruim, e mesmo que a gente ache que o francamente ruim é Panassié, seja como for existe matéria aberta para polêmica. Tudo isso prova que Johnny não é nada do outro mundo, mas assim que penso isso me pergunto se justamente não existe em Johnny alguma coisa do outro mundo (que ele é o primeiro a desconhecer). Provavelmente riria muito se dissessem isso a ele. Eu sei muito bem o que ele pensa, o que vive dessas coisas. Digo: o que vive dessas coisas, porque Johnny... Mas não vou nessa, o que queria explicar a mim mesmo é que a distância que vai de Johnny até nós não tem explicação, não se fundamenta em diferenças explicáveis. E acho que ele é o primeiro a pagar as consequências disso, que o afeta

tanto quanto a nós. Dá vontade de dizer na mesma hora que Johnny é como um anjo entre os homens, até que uma elementar honradez obriga a engolir a frase, a dar-lhe a volta com formosura e a reconhecer que talvez o que aconteça é Johnny ser um homem entre os anjos, uma realidade entre as irrealidades que somos todos nós. E vai ver, é por isso que Johnny toca meu rosto com os dedos e me faz sentir tão infeliz, tão transparente, tão pouca coisa com minha boa saúde, minha casa, minha mulher, meu prestígio. Meu prestígio, principalmente. Principalmente meu prestígio.

Mas é a mesma coisa de sempre, saí do hospital e assim que pisei na rua, nas horas, em tudo que tenho de fazer, a omelete girou molemente pelo ar e deu a volta. Pobre Johnny, tão fora da realidade. (É assim, é assim. Para mim é mais fácil acreditar que é assim, agora que estou num café e a duas horas depois da minha visita ao hospital, do que tudo que escrevi aí em cima forçando-me feito um condenado a ser pelo menos um pouco decente comigo mesmo.)

Felizmente ficou tudo OK com a questão do incêndio, pois como era de se esperar a marquesa deu um de seus jeitos para que tudo ficasse OK. Dédée e Art Boucaya vieram me buscar no jornal, e fomos os três ao Vix para ouvir a já famosa — embora ainda secreta — gravação de *Amorous*. No táxi, Dédée me contou sem muita vontade como a marquesa havia tirado Johnny da confusão do incêndio, que aliás não passou de um colchão chamuscado e de um susto terrível em todos os argelinos que moram no hotel da rue Lagrange. Muita (paga), outro hotel (que Tica já conseguiu), e Johnny está convescente numa cama enorme e muito bonita, toma baldes de leite e lê o *Paris Match* e o *New Yorker* misturando às vezes seu famoso (e engordurado) livrinho de bolso com poemas de Dylan Thomas e anotações a lápis em todos os lugares.

Com estas notícias e um conhaque no café da esquina, nos instalamos na sala de audição para ouvir *Amorous* e *Streptomicyne*. Art pediu que apagassem as luzes e deitou-se no chão para escutar melhor. E então Johnny entrou e passou-nos a música pela cara, entrou ali embora esteja em seu hotel e metido na cama, e nos

varreu com sua música durante um quarto de hora. Compreendo que ele se enfureça com a ideia de que lancem *Amorous*, porque qualquer um percebe suas falhas, do sopro perfeitamente perceptível que acompanha alguns finais de frase, e principalmente a selvagem queda final, essa nota surda e breve que me pareceu um coração que se arrebenta, uma faca entrando em um pão (e ele falava de pão faz alguns dias). Em compensação, Johnny não perceberia o que para nós era terrivelmente belo, a ansiedade que busca saída nessa improvisação cheia de fugas em todas as direções, de interrogação, de um desesperado agitar de mãos. Johnny não pode compreender (porque o que para ele é fracasso para nós parece um caminho, ou pelo menos o indício de um caminho) que *Amorous* vai ficar como um dos maiores momentos do *jazz*. O artista que existe nele vai ficar frenético de raiva toda vez que ouvir esse arremedo de seu desejo, de tudo que quis dizer enquanto lutava, cambaleando, deixando escapar a saliva da boca junto com a música, mais que nunca sozinho diante do que persegue, do que mais foge dele quanto mais ele persegue. É curioso, foi preciso escutar isso, embora tudo convergisse para isso, para *Amorous*, para que eu entendesse que Johnny não é uma vítima, não é um perseguido como todo mundo acha, como eu mesmo dei a entender em minha biografia (aliás, a edição em inglês acaba de sair e vende como coca-cola). Agora sei que não é assim, que Johnny persegue em vez de ser perseguido, que tudo que está lhe acontecendo na vida são azares do caçador e não do animal acossado. Ninguém pode saber o que Johnny persegue, mas é assim, está aí, em *Amorous*, na maconha, em seus absurdos discursos sobre tantas coisas, nas recaídas, no livrinho de Dylan Thomas, em todo o pobre-diabo que é Johnny e que o engrandece e o converte num absurdo vivente, num caçador sem braços e sem pernas, numa lebre que corre atrás de um tigre que dorme. E me vejo na necessidade de dizer que no fundo *Amorous* me deu vontade de vomitar, como se isso pudesse me livrar dele, de tudo que nele corre contra mim e contra todos, essa massa negra deformada, sem mãos nem pés, esse chimpanzé enlouquecido que me passa os dedos pelo rosto e sorri, enternecido, para mim.

Art e Dédée não veem (acho que não querem ver) mais que a beleza formal de *Amorous*. Dédée inclusive gosta mais de *Streptomicyne*, onde Johnny improvisa com sua soltura habitual, o que o público entende por perfeição e que para mim é em Johnny na verdade distração, deixar a música correr, estar em outro lugar. Na rua, perguntei a Dédée quais são seus planos, e ela me disse que assim que Johnny possa sair do hotel (por enquanto, a polícia impede) um novo selo de discos o fará gravar o que quiser, e pagará muito bem. Art garante que Johnny está cheio de ideias estupendas e que ele e Marcel Gavoty vão 'trabalhar' as novidades com Johnny, embora depois das últimas semanas dê para ver que Art está meio por fora, e eu sei que anda em negociações com um agente para voltar a Nova York o mais cedo possível. Coisa que compreendo de sobra, pobre rapaz.

— Tica está se portando muito bem — disse rancorosamente Dédée. — Claro, para ela é muito fácil. Chega sempre no último momento, e só precisa abrir a bolsa e dar um jeito em tudo. Já eu...

Art e eu nos olhamos. O que poderíamos dizer a ela? As mulheres passam a vida dando voltas ao redor de Johnny e dos que são como Johnny. Não é estranho, não é necessário ser mulher para se sentir atraída por Johnny. Difícil é girar em torno dele sem perder a distância, como um bom satélite, um bom crítico. Art não estava em Baltimore na época, mas me lembro dos tempos em que conheci Johnny, quando vivia com Lan e com as crianças. Dava pena ver Lan. Mas depois de conviver um tempo com Johnny, de aceitar pouco a pouco o império de sua música, de seus terrores diurnos, de suas explicações inconcebíveis sobre coisas que jamais haviam ocorrido, de seus repentinos acessos de ternura, então a gente entendia por que Lan tinha aquela cara e como era impossível que tivesse outra cara e vivesse ao mesmo tempo com Johnny. Tica é outra coisa, deixa fugir pela via da promiscuidade, da grande vida, e além disso é cheia de dólar e isso é mais eficaz que uma metralhadora, pelo menos é o que diz Art Boucaya quando está ressentido com Tica ou com dor de cabeça.

— Venha o quanto antes — pediu-me Dédée. — Ele gosta de falar com você.

Gostaria de dar-lhe um sermão pelo incêndio (por causa do incêndio, do qual ela com certeza é cúmplice), mas seria tão inútil como dizer ao próprio Johnny que deve se transformar em um cidadão útil. No momento tudo vai bem, e é curioso (e inquietante) que assim que as coisas andam bem para os lados de Johnny eu me sinto imensamente contente. Não sou tão inocente a ponto de acreditar numa simples reação amistosa. Na verdade, é como um adiantamento, um respiro. Não necessito buscar explicações quando sinto isso tão claramente como posso sentir o nariz grudado na cara. Sinto raiva por ser o único que sente isso, que sofre disso o tempo todo. Sinto raiva que Art Boucaya, Tica ou Dédée não percebam que cada vez que Johnny sofre vai para a cadeia, quer se matar, incendeia um colchão ou corre pelado pelos corredores de um hotel, está pagando alguma coisa por eles, está morrendo por eles. Sem saber, e não como os que pronunciam grandes discursos no patíbulo ou escrevem livros para denunciar os males da humanidade ou tocam piano com o ar de quem está lavando os pecados do mundo. Sem saber, pobre saxofonista, com tudo que esta palavra tem de ridículo, de pouca coisa, de um a mais entre tantos pobres saxofonistas.

O problema é que se continuo assim vou acabar escrevendo mais sobre eu mesmo que sobre Johnny. Começo a parecer um evangelista e não acho a menor graça. Enquanto voltava para casa pensei com o cinismo necessário para recobrar a confiança, que em meu livro sobre Johnny só menciono de passagem, discretamente, o lado patológico de sua pessoa. Não me pareceu necessário explicar às pessoas que Johnny acredita passear por campos cheios de urnas ou que as pinturas se movem quando ele as olha; fantasmas da maconha, afinal de contas, que terminam com a cura de desintoxicação. Mas dava para dizer que Johnny me deixa como presente esses fantasmas, coloca-os no bolso como tantos outros lenços até que chega a hora de recuperá-los. E acho que sou o único que os aguenta, que convive com eles, que os teme; e ninguém sabe disso, nem mesmo Johnny. Posso confessar coisas assim a Johnny, como as confessaria a um homem realmente grande, ao mestre ante o qual nos humilhamos a troco de um conselho. Que

mundo é este, que tenho de carregar como um fardo? Que tipo de evangelista sou eu? Em Johnny não há a menor grandeza, soube desde que o conheci, desde que comecei a admirá-lo. Já faz tempo que isso não me surpreende, embora no começo essa falta de grandeza fosse desconcertante, talvez porque é uma dimensão que a gente não está disposto a aplicar ao primeiro que chega, principalmente aos *jazzmen*. Não sei por que (não sei por que) acreditei, num dado momento, que em Johnny havia uma grandeza que ele desmente dia a dia (ou que nós desmentimos, e de fato não é a mesma coisa; porque, para falar a verdade, em Johnny existe como o fantasma do outro Johnny que pôde ser, e esse outro Johnny está cheio de grandeza; dá para notar no fantasma a falta dessa dimensão que, no entanto, negativamente evoca e contém). Digo isto porque as tentativas que Johnny fez para mudar de vida, de seu aborto de suicídio até a maconha, são as que cabia esperar de alguém tão sem grandeza como ele. Creio que o admiro ainda mais por isso, porque é realmente o chimpanzé que quer aprender a ler, um pobre coitado que dá de cara com as paredes, e não se convence, e recomeça. Ah, mas se um dia o chimpanzé desandar a ler, que quebradeira em série, que dissipação, que salve-se quem puder, primeiro eu. É terrível que um homem sem grandeza alguma jogue-se dessa maneira contra a parede. Denuncia todos nós com o choque de seus ossos, nos despedaça com a primeira frase de sua música. (Os mártires, os heróis de acordo: agente sempre tem confiança neles. Mas Johnny!)

Sequências. Não sei dizer de maneira melhor, é como uma noção de que bruscamente se anuam sequências terríveis ou idiotas na vida de um homem, sem que se saiba que lei fora das leis classificadas decide que depois de certa chamada telefônica vem imediatamente a chegada da nossa irmã que vive em Auvernia, ou o leite vai ferver e cair no fogo. ou vamos ver do terraço um menino debaixo de um automóvel Como nos times de futebol e nas comissões diretoras, pareceria que o destino nomeia sempre alguns suplentes, para o caso de falharem alguns titulares. E assim é que nesta manhã, quando ainda durava em mim a alegria por saber que Johnny Carter

estava melhor e alegre, me telefonaram com urgência para o jornal, e quem telefona é Tica, e a notícia é que em Chicago acaba de morrer Bee, a filha caçula de Lan e Johnny, e que naturalmente Johnny está feito louco e seria bom que eu fosse dar uma mão aos amigos.

Tornei a subir uma escadaria de hotel — e já lá se vão tantas, em minha amizade com Johnny — para encontrar Tica tomando chá, Dédée molhando uma toalha. Art. Delaunay e Pepe Ramírez falando em voz baixa das últimas notícias de Lester Young, e Johnny muito quieto na cama, com uma toalha na frente e um ar perfeitamente tranquilo e quase desdenhoso. Imediatamente guardei no bolso minha cara de cerimônia, limitando-me a apertar forte a mão de Johnny, acender um cigarro e esperar.

— Bruno, está doendo aqui — disse Johnny depois de algum tempo, tocando o lugar convencional do coração. — Bruno, ela era como uma pedrinha branca na minha mão. E eu não sou nada mais que um pobre cavalo amarelo, e ninguém, ninguém limpará as lágrimas de meus olhos.

Tudo isso dito solenemente, quase recitado, e Tica olhando para Art, e os dois trocando sinais de indulgência, aproveitando que Johnny está com o rosto coberto por uma toalha molhada e não pode vê-los. Pessoalmente, as frases baratas me repugnam, mas tudo isso que Johnny disse, além de parecer — pelo menos, para mim — lido em algum lugar, me soou como uma máscara que começasse a falar, assim de oco, assim de inútil. Dédée veio com outra toalha e trocou a que estava, e no intervalo pude vislumbrar o rosto de Johnny e vi que está cinzento, com a boca torta e os olhos apertados até se enrugarem. E como sempre acontece com Johnny, as coisas aconteceram de um jeito diferente do que eu esperava, e Pepe Ramírez quase não o conhece mas ainda está sob os efeitos da surpresa e creio que do escândalo, porque depois de um tempinho Johnny sentou-se na cama e começou a xingar lentamente, mastigando cada palavra, e soltando-as depois como um pião, passou a insultar os responsáveis pela gravação de *Amorous*, sem olhar para ninguém mas cravando os olhos em todos nós como alfinetes numa cortiça, só com a incrível obscenidade de suas

palavras, e assim ficou dois minutos insultando todos os de *Amorous*, começando por Art e Delaunay, passando por mim (embora eu...) e acabando em Dédée, em Cristo onipotente e na puta que os pariu todos, sem a menor exceção. E isso foi no fundo, isso e a coisa da pedrinha branca, a oração fúnebre de Bee, que morreu de pneumonia em Chicago.

Serão 15 dias vazios; montanhas de trabalho, artigos jornalísticos, visitas aqui e ali — um bom resumo da vida de um crítico, desse homem que só pode viver do que é emprestado, das novidades e das decisões alheias. Falando disso, certa noite estaremos Tica, Baby Lennox e eu no Café de Flore, cantarolando muito alegres *Out of nowhere* e comentando um solo de piano de Billy Taylor que nós três achamos bom, principalmente Baby Lennox, que além do mais se vestiu na moda de Saint-Germain-des-Prés e que só vendo. Baby verá Johnny aparecer, com o arroubo de seus vinte anos, e Johnny a olhará sem vê-la e continuará ao largo até sentar-se sozinho em outra mesa, completamente bêbado ou sonado. Sentirei a mão de Tica no joelho.

— Está vendo?, tornou a fumar ontem à noite. Ou esta tarde. Essa mulher...

Respondi-lhe dizendo que Dédée é tão culpada como qualquer outra, a começar por ela mesma, que fumou dúzias de vezes com Johnny e tornará a fumar quando sentir vontade. Desabará em mim uma enorme vontade de ir embora e ficar sozinho, como sempre é impossível chegar perto de Johnny, ficar com ele e ao seu lado. Verei Johnny fazer desenhos na mesa com o dedo, ficar olhando o garçom que pergunta o que ele vai beber, e finalmente Johnny desenhará no ar uma espécie de flecha e a segurará com as duas mãos como se pesasse uma enormidade, e nas outras mesas as pessoas começarão a se divertir com muita discrição como corresponde no Flore. Então Tica dirá: "Merda", e passará para a mesa de Johnny, e depois de fazer um pedido ao garçom começará a falar junto ao ouvido de Johnny. Nem é preciso dizer que Baby me confiará suas mais caras esperanças, mas eu direi a ela que nessa noite é preciso deixar Johnny tranquilo e que as boas meninas vão cedo para a

cama, se possível na companhia de um crítico de *jazz*. Baby rirá amavelmente, sua mão acariciará meu cabelo, e depois ficaremos tranquilos vendo passar a moça que cobre o rosto com uma camada de cal e pinta de verde os olhos e até a boca. Baby dirá que não acha tão feio assim, e eu pedirei a ela que cante para mim baixinho um desses *blues* que a estão fazendo famosa em Londres e Estocolmo. E depois voltaremos a *Out of nowhere*, que esta noite nos persegue interminavelmente como um cão que também fosse de cal e de olhos verdes.

Passarão por ali dois dos rapazes do novo quinteto de Johnny, e aproveitarei para perguntar como foi a noite; assim ficarei sabendo que Johnny mal pôde tocar, mas que o que tocou valeu por todas as ideias de um John Lewis somadas, supondo que ele seja capaz de ter alguma ideia porque, como disse um dos rapazes, a única coisa que sempre tem à mão são as notas para tapar um buraco, o que não quer dizer a mesma coisa. E eu me perguntarei então até quando Johnny vai conseguir resistir, e principalmente o público que acredita em Johnny. Os rapazes não aceitarão a cerveja, Baby e eu ficaremos sozinhos de novo, e acabarei cedendo às suas perguntas e explicarei a Baby, que realmente merece o apelido, por que Johnny está doente e acabado, por que os rapazes do quinteto estão cada dia mais cheios de tudo, por que a coisa vai explodir de repente como já explodiu em San Francisco, em Baltimore e em Nova York meia dúzia de vezes.

Entrarão outros músicos que tocam no bairro, e alguns irão até a mesa de Johnny e o cumprimentarão, mas ele olhará para eles como de longe, com uma cara horrivelmente idiota, os olhos úmidos e mansos, a boca incapaz de conter a saliva que brilha em seus lábios. Será engraçado observar o duplo comportamento de Tica e de Baby, Tica apelando ao seu domínio sobre os homens para afastá-los de Johnny com uma rápida explicação e um sorriso, Baby soprando-me no ouvido sua admiração por Johnny e como seria bom levá-lo a um hospital para que o desintoxicassem, e tudo isso simplesmente porque está no cio e gostaria de ir para a cama com Johnny naquela mesma noite, coisa aliás impossível, como dá para ver, e que me alegra bastante. Como me acontece desde que a

conheço, pensarei em como seria bom poder acariciar as coxas de Baby e estarei a um passo de propor uma bebida em outro lugar mais tranquilo (ela não vai querer e no fundo eu também não, porque nessa outra mesa estaremos atados e infelizes) até que de repente, sem nada que anuncie o que vai acontecer, veremos Johnny se levantar lentamente, olhar-nos e reconhecer-nos, vir até nós — digamos até eu, porque Baby não conta — e ao chegar à mesa se dobrará um pouco, com toda naturalidade, como quem vai apanhar uma batata frita no prato, e o veremos ajoelhar-se na minha frente, com toda naturalidade se porá de joelhos e me olhará nos olhos, e eu verei que está chorando, e saberei sem palavras que Johnny está chorando pela pequena Bee.

Minha reação é tão natural, quis levantar Johnny, evitar que fizesse o ridículo, e no final o ridículo quem fez fui eu porque não há nada mais lamentável que um homem esforçando-se para mover outro que está muito bem do jeito que está, que se sente perfeitamente bem na posição que lhe deu na veneta, de maneira que os fregueses do Flore, que não se alarmam por pequenas coisas, me olharam de maneira pouco gentil, e mesmo que a maioria ali não soubesse que aquele negro ajoelhado é Johnny Carter, me olharam como as pessoas olhariam para alguém que subisse num altar e puxasse Cristo para arrancá-lo da cruz. O primeiro a me recriminar foi Johnny, chorando silenciosamente e erguendo os olhos e me olhando, e entre isso e a censura evidente do pessoal do bar não tive outro remédio além de tornar a me sentar na frente de Johnny, sentindo-me pior que ele, querendo estar em qualquer lugar que não fosse aquela cadeira e na frente de Johnny ajoelhado.

O resto até que não foi tão ruim, embora eu não saiba quantos séculos se passaram sem que ninguém se mexesse, sem que as lágrimas deixassem de correr pelo rosto de Johnny, sem que seus olhos estivessem continuamente fixos nos meus enquanto eu tentava oferecer-lhe um cigarro, acender outro para mim, fazer um gesto de entendimento a Baby, que estava, me parece, a ponto de sair correndo ou de começar a chorar. Como sempre, foi Tica quem arrumou tudo, sentando-se com sua grande tranquilidade em nossa mesa, puxando uma cadeira para o lado de Johnny e colocando a

mão em seu ombro, sem forçá-lo, até que por fim Johnny endireitou-se um pouco e passou daquele horror à conveniente atitude do amigo sentado, apenas levantando alguns centímetros os joelhos e deixando que entre suas nádegas e o chão (ia dizer e a cruz, realmente isso é contagioso) se interpusesse a aceitabilíssima comodidade de uma cadeira. As pessoas se cansaram de olhar Johnny, ele de chorar, e nós de nos sentirmos feito cães. De repente entendi o carinho que alguns pintores têm pelas cadeiras, qualquer uma das cadeiras do Flore me pareceu de repente um objeto maravilhoso, uma flor, um perfume, o perfeito instrumento da ordem e da honradez dos homens em sua cidade.

Johnny tirou um lenço, pediu desculpas sem forçar a mão e Tica pediu que trouxessem um café duplo, que deu para ele. Baby foi maravilhosa, e renunciando de repente a toda sua estupidez quando se trata de Johnny, começou a cantarolar *Mamie's blues* sem dar a impressão de que era de propósito, e Johnny olhou para ela e sorriu e me parece que Tica e eu pensamos ao mesmo tempo que a imagem de Bee se perdia pouco a pouco no fundo dos olhos de Johnny, e que uma vez mais Johnny aceitava voltar ao nosso lado por algum tempo, acompanhar-nos até a próxima fuga. Como sempre, assim que passou o momento em que me sinto feito um cão, minha superioridade diante de Johnny me permitiu mostrar-me indulgente, falar de tudo um pouco sem entrar em zonas demasiado pessoais (teria sido horrível ver Johnny deslizar da cadeira, tornar a...), e por sorte Tica e Baby se portaram como anjos e o pessoal do Flore foi se renovando ao longo de uma hora, o que fez com que os fregueses da uma da manhã nem mesmo suspeitassem o que acabara de acontecer, ainda que na verdade não tenha acontecido grande coisa, se a gente for pensar bem. Baby foi a primeira a ir embora (é uma garota estudiosa, a Baby; às nove da manhã já vai estar ensaiando com Fred Callender para gravar de tarde) e Tica tomou seu terceiro copo de conhaque e se ofereceu para nos levar em casa. Então Johnny disse que não, que preferia continuar conversando comigo, e Tica achou que estava tudo bem e foi embora, não sem antes pagar a conta de todo mundo, como compete a uma marquesa. E Johnny e eu tomamos um copinho de

chartreuse, uma vez que entre amigos essas fraquezas são permitidas, e começamos a caminhar por Saint-Germain-des-Prés porque Johnny insistiu que lhe faria bem caminhar e eu não sou dos que, nessas circunstâncias, deixam os amigos caírem.

Pela rue de l'Abbaye vamos descendo até a praça Furstenberg, que faz Johnny recordar perigosamente um teatro de brinquedo que pelo que parece ganhou de seu padrinho quando tinha oito anos. Tento levá-lo pela rue Jacob temendo que as lembranças o devolvam a Bee, mas pode-se dizer que Johnny tinha encerrado o capítulo pelo resto da noite. Anda tranquilo, sem titubear (outras vezes o vi cambalear na rua, e não por estar bêbado; alguma coisa nos reflexos que não funciona), e o calor da noite e o silêncio das ruas nos faz bem. Fumamos Gauloises, nos deixamos ir até o rio, e diante de um dos tambores de latão dos livreiros do Quai de Conti, uma lembrança qualquer ou o assovio de algum estudante traz às nossas bocas um tema de Vivaldi e nós dois começamos a cantá-lo com muito sentimento e entusiasmo, e Johnny diz que se tivesse com seu sax passaria a noite tocando Vivaldi, coisa que me parece exagerada.

— Enfim, tocaria também um pouco de Bach e de Charles Ives — diz Johnny, condescendente. — Não sei por que os franceses não se interessam por Charles Ives. Você conhece suas canções? A do leopardo, você devia conhecer a canção do leopardo. *Le leopard...*

E com sua fraca voz de tenor se espalha sobre o leopardo, e nem é preciso dizer que muitas das frases que canta não têm nada a ver com Ives, coisa que nem preocupa Johnny quando ele tem certeza de que está cantando alguma coisa boa. Finalmente nos sentamos no parapeito, diante da rue Gît-le-Coeur, e fumamos outro cigarro porque a noite está magnífica e dentro de um instante o tabaco nos obrigará a beber cerveja num café e nós gostamos disso por antecipação. Quase não presto atenção quando ele menciona meu livro pela primeira vez, porque em seguida torna a falar de Charles Ives e de como se divertiu em usar muitas vezes temas de Ives em seus discos, sem que ninguém percebesse (nem o próprio Ives, suponho), mas eu logo começo a pensar no livro e tento trazer o assunto de volta.

— Ah, eu li algumas páginas — diz Johnny. — Na casa de Tica falavam muito do seu livro mas eu não entendia nem o título. Ontem Art trouxe a edição inglesa e então fiquei sabendo de algumas coisas. Está muito bom o seu livro.

Adoto a atitude natural nesses casos, misturando um ar de displicente modéstia com uma certa dose de interesse, como se sua opinião fosse revelar — a mim, o autor — a verdade sobre o meu livro.

— É como num espelho — diz Johnny. — No princípio eu achava que ler o que escrevem sobre a gente era mais ou menos como a gente se olhar, e não olhar o espelho. Admiro muito os escritores, é incrível o que eles dizem. Toda aquela parte sobre as origens do *bebop*...

— Bem, eu não fiz outra coisa além de transcrever literalmente o que você mesmo me contou em Baltimore — digo, me defendendo sem saber de quê.

— Sim, está tudo lá, mas na verdade é como num espelho — emperra Johnny.

— E o que você queria? Os espelhos são fiéis.

— Faltam coisas, Bruno — diz Johnny. — Você está sabendo muito mais que eu, mas acho que faltam coisas.

— As que você esqueceu de me dizer — respondo bastante irritado. Esse macaco selvagem é capaz de... (Terei de falar com Delaunay, seria lamentável que uma declaração imprudente pusesse a perder o saudável esforço crítico que... *Por exemplo, o vestido vermelho de Lan* — está dizendo Johnny. E em todo caso aproveitar as novidades desta noite para incorporá-las a uma nova edição; até que seria bom. *Tinha um cheiro como de cachorro* está dizendo Johnny — *e é a única coisa que vale nesse disco*. Sim, escutar atentamente e proceder com rapidez, porque em mãos de outra gente estes possíveis desmentidos poderiam ter consequências lamentáveis. *E a urna do meio, a maior, cheia de um pó quase azul* — está dizendo Johnny — *e tão parecida com uma caixinha de pó de arroz da minha irmã*. Enquanto não passe das alucinações... o pior seria que desmentisse as ideias de fundo, o sistema estético que tantos elogios... — *E além do mais o cool não é nem de longe o que*

você escreveu — está dizendo Johnny. Atenção.)

— Como que não é o que eu escrevi? Johnny, tudo bem que as coisas mudem, mas não faz nem seis meses que você...

— Faz seis meses — diz Johnny, descendo do parapeito e acotovelando-se para descansar a cabeça entre as mãos. — *Six months ago*. Ah, Bruno, o que eu poderia tocar neste instante se estivesse com os rapazes... E, a propósito: muito inteligente o que você escreveu sobre o sax e o sexo, muito bonito o jogo de palavras. *Six months ago. Six, sax, sex*. Positivamente válido, Bruno. Maldito Bruno.

Não vou começar a dizer que sua idade mental não lhe permite compreender que esse inocente jogo de palavras encobre um sistema de ideias bastante profundo (Leonard Feather achou-o exatíssimo, quando expliquei a ele em Nova York) e que o paraerotismo do *jazz* evolui desde os tempos do *washboard* etc. É a mesma coisa de sempre, de repente me alegra poder pensar que os críticos são muito mais necessários do que eu mesmo estou disposto a reconhecer (em particular, nisto que eu escrevo) porque os criadores, desde o inventor da música até Johnny, passando por toda a maldita lista, são incapazes de extrair as consequências dialéticas de sua obra, postular os fundamentos e a transcendência do que estão escrevendo ou improvisando. Deveria lembrar disso nos momentos de depressão em que me dá pena não ser nada mais que um crítico. — *O nome da estrela é Ajenjo* — está dizendo Johnny, e de repente ouço sua outra voz, a voz de quando está... como dizer isso, como descrever Johnny quando está do lado de fora, solitário outra vez, já saído? Inquieto, desço do parapeito, olho de perto. E o nome da estrela é Ajenjo, não há nada a ser feito.

— O nome da estrela é Ajenjo — diz Johnny, falando para suas duas mãos. — E seus corpos serão jogados nas praças da grande cidade. Faz seis meses.

Embora ninguém me veja, embora ninguém saiba, encolho os ombros para as estrelas (o nome da estrela é Ajenjo). Voltamos ao mesmo de sempre: "Isto estou tocando amanhã." O nome da estrela é Ajenjo e seus corpos serão jogados faz seis meses. Nas praças da grande cidade. Saído, distante. E eu com sangue no olho,

simplesmente porque não quis me dizer mais nada do meu livro, e na realidade não cheguei a saber o que ele acha do livro que tantos milhares de fãs estão lendo em dois idiomas (e dentro de pouco em três, e já estão falando da edição espanhola, parece que em Buenos Aires não tocam só tango).

— Era um vestido lindo — diz Johnny. — Você nem queira saber como ficava bem na Lan, mas vai ser melhor eu explicar isso diante de um uísque, se é que você está com dinheiro aí. Dédée me deu só trezentos francos.

Ri debochado olhando o Sena. Como se ele não soubesse onde arranjar bebida e maconha. Começa a me explicar que Dédée é muito boa (e do livro, nada) e que faz isso por bondade, mas ainda bem que está com o companheiro Bruno (que escreveu um livro, mas nada) e é melhor ir até um café do bairro árabe, onde deixam a gente em paz sempre que dê para ver que pertencemos um pouco à estrela Ajenjo (isto penso eu, estamos entrando pelo lado de Saint-Sévérin e são duas da manhã, hora em que minha mulher costuma despertar e ensaiar tudo que vai me dizer junto com o café com leite). Com Johnny é assim, assim bebemos um horrível conhaque barato, assim dobramos a dose e nos sentimos tão felizes. Mas do livro nada, somente a caixa de pó de arroz em forma de cisne, a estrela, pedaços de coisas que vão passando por pedaços de frases, por pedaços de olhares, por pedaços de sorrisos, por gotas de saliva sobre a mesa, grudadas na borda do corpo (do copo de Johnny). Sim, existem momentos em que eu gostaria que ele já estivesse morto. Suponho que muitos no meu caso pensariam do mesmo jeito. Mas como se resignar que Johnny morra levando o que não quer me dizer esta noite, e que da morte continue caçando, continue saído (eu já não sei mais como escrever tudo isso), ainda que isso leve a minha paz, a cátedra, essa autoridade que é dada pelas teses incontroversas e os enterros bem conduzidos?

De vez em quando Johnny interrompe um longo tamborilar sobre a mesa, olha para mim, faz um gesto incompreensível e torna a tamborilar. O dono do café nos conhece desde os tempos em que vínhamos com um guitarrista árabe. Faz tempo que Ben Aifa gostaria de ir dormir, somos os únicos no café rastaquera que fede a pimenta

e a pastéis engordurados. Eu também estou caindo de sono mas a cólera me segura, uma raiva surda e que não é contra Johnny, mas sim como quando a gente faz amor a tarde inteira e sente a necessidade de um chuveiro, de que a água e o sabão levem embora isso que começa a se tornar rançoso, a mostrar muito claramente o que no princípio... E Johnny marca um ritmo obstinado na mesa, e de vez em quando cantarola, quase sem me olhar. Pode muito bem acontecer de ele não tornar a fazer nenhum comentário sobre o livro. As coisas vão levando-o de um lado a outro, amanhã será uma mulher, outra confusão qualquer, uma viagem. O mais prudente seria tirar disfarçadamente dele a edição em inglês, e para isso falar com Dédée e pedir a ela esse favor em troca de tantos outros. É absurda esta inquietação, esta quase cólera. Não era mesmo de se esperar qualquer entusiasmo da parte de Johnny; na verdade, nunca me passou pela cabeça que ele fosse ler o livro. Sei muito bem que o livro não diz a verdade sobre Johnny (tampouco mente), mas que se limita à música de Johnny. Por discricção, por bondade, não quis mostrar nua sua incurável esquizofrenia, os sórdidos bastidores da droga, a promiscuidade dessa vida lamentável. Impus a mim mesmo mostrar as linhas essenciais, destacando o que verdadeiramente conta, a arte incomparável de Johnny. O que mais poderia dizer? Mas pode ser que exatamente nesse ponto ele esteja me esperando, como sempre na espreita de algo, tocando para dar um desses saltos absurdos e dos quais saímos todos machucados. E é aí que ele talvez esteja me esperando para desmentir todas as bases estéticas sobre as quais fundamentei a razão última de sua música, a grande teoria do *jazz* contemporâneo que tantos elogios me valeram em todos os lados.

Honestamente, o que me importa a sua vida? A única coisa que me inquieta é que se deixe levar por essa conduta que não sou capaz de seguir (digamos que não quero seguir) e acabe desmentindo as conclusões de meu livro. Que espalhe por aí que minhas afirmações são falsas, que sua música é outra coisa.

— Escuta, você acaba de dizer que no livro faltavam coisas.

(Agora, atenção.)

— Faltavam coisas, Bruno? Ah, sim, disse que faltavam coisas.

Olha, não é só o vestido vermelho de Lan. Tem as... Serão realmente urnas, Bruno? Ontem à noite tornei a vê-las, um campo imenso, mas já não estavam tão enterradas. Algumas tinham inscrições e desenhos, dava para ver gigantes com capacetes como no cinema, e nas mãos uns bastões enormes. E terrível andar no meio das urnas e saber que não tem mais ninguém, que sou o único que anda no meio delas procurando. Não fique aflito, Bruno, eu não me importo que você tenha esquecido de pôr tudo isso. Mas, Bruno — e levanta um dedo que não treme —, você esqueceu foi de mim.

— Ora Johnny.

— De mim, Bruno, de mim. E não é culpa sua não ter podido escrever o que eu tampouco sou capaz de tocar. Quando você diz por aí que minha verdadeira biografia está nos meus discos, sei que você acredita nisso de verdade e além do mais soa muito bem, mas não é nada disso. E se eu mesmo não soube tocar como devia, tocar o que sou de verdade... dá para você ver que não dá para pedir milagres, Bruno. Está um calor danado aqui, vamos embora.

Sigo Johnny pela rua, vagamos por alguns metros até que numa ruela um gato branco nos interpela, e Johnny fica um longo tempo acariciando-o. Bem, é o suficiente; na praça Saint-Michel encontrarei um táxi para levá-lo ao hotel e ir para casa. Afinal, não foi tão terrível; por um instante temi que Johnny houvesse elaborado uma espécie de antiteoria do livro, e que a provaria comigo antes de soltá-la por aí a todo vapor. Pobre Johnny acariciando um gato branco. No fundo, a única coisa que disse é que ninguém sabe nada de ninguém, e isso não é nenhuma novidade. Toda biografia dá isso como fato consumado e continua, que diabo. Vamos, Johnny, vamos para casa que já é tarde.

— Não pense que é só isso — diz Johnny, erguendo-se de repente como se soubesse o que estou pensando. — Tem Deus, meu querido. E aí sim, você não deu uma dentro.

— Vamos, Johnny, vamos embora que é tarde.

— Tem o que você e os que são como meu companheiro Bruno chamam de Deus. O tubo de pasta de dentes pela manhã, chamam isso de Deus. A lata de lixo, chamam isso de Deus. O medo de explodir, chamam de Deus. E você teve a desfaçatez de misturar-me

com essa porcaria, escreveu que minha infância, e minha família, e sei lá o quê de heranças ancestrais... Um montão de ovos podres e você cacarejando no meio, muito contente com o seu Deus. Não quero o seu Deus, que nunca foi o meu.

— A única coisa que eu disse é que a música negra...

— Não quero o seu Deus — repete Johnny. — Por que você me fez aceitar o seu Deus no livro? Eu não sei se existe Deus, eu toco a minha música, eu faço meu Deus, não preciso das suas invenções, Bruno, deixa suas invenções para Mahalia Jackson e para o papa, e você vai arrancar essa parte do livro agora mesmo.

— Se você insiste — digo por dizer. — Na segunda edição.

— Estou sozinho que nem esse gato, e muito mais sozinho ainda porque eu sei disso, e ele não. Maldito, está cravando as unhas na minha mão. Bruno, o *jazz* não é somente música, eu não sou somente Johnny Carter.

— É justamente isso o que eu queria dizer quando escrevi que às vezes você toca como...

— Como se chovesse no meu rabo — diz Johnny, e pela primeira vez na noite sinto que ele se enfureceu. — Não se pode dizer nada, que imediatamente você traduz para o seu idioma sujo. Se quando eu toco você vê os anjos, a culpa não é minha. E o pior, o que você verdadeiramente esqueceu de dizer no livro, Bruno, é que eu não valho nada, que o que toco e as pessoas aplaudem não vale nada, realmente não vale nada.

Modéstia rara, de verdade, a essa hora da noite. Este Johnny...

— Como posso explicar? — grita Johnny pondo as mãos em meus ombros, sacudindo-me para a direita e a esquerda. (*La paix!*, gritam de uma janela.) — Não é uma questão de mais música ou de menos música, é outra coisa... por exemplo, é a diferença entre Bee estar morta e estar viva. O que eu toco é Bee morta, você sabia?, enquanto o que eu quero, o que eu quero... E por isso às vezes piso no sax e as pessoas acham que passei da conta na bebida. Claro que estou mesmo sempre bêbado quando faço isso, porque pensando bem, um sax custa muito dinheiro.

— Vamos por aqui. Vou levar você para o hotel de táxi.

— Você é um poço de bondade, Bruno — caçoa Johnny. — O

companheiro Bruno anota em sua caderneta tudo que eu digo, menos as coisas importantes. Nunca acreditei que você pudesse se enganar tanto, até Art me passar o livro. No começo achei que você falava de outro, de Ronnie ou de Marcel, e depois Johnny por aqui e Johnny por ali, ou seja, que se tratava de mim, e eu me perguntava: mas eu sou este aí? e dá-lhe comigo em Baltimore, e o Birdland, e que meu estilo... Escuta — acrescenta quase que friamente —, não é que eu não entenda que você escreveu um livro para o público. Está muito bom e tudo que você diz sobre minha maneira de tocar e de sentir o *jazz* acho perfeitamente OK. Para que vamos continuar discutindo o livro? Um lixo no Sena, essa palha que flutua ao lado do cais, o seu livro. E eu essa outra palha, e você essa garrafa que passa por ali cabeceando. Bruno, eu vou morrer sem ter encontrado... sem...

Eu o seguro por baixo dos braços, o apoio no parapeito do cais. Está se afundando no delírio de sempre, murmura pedaços de palavras, cospe.

— Sem ter encontrado — repete. — Sem ter encontrado...

— O que você queria encontrar, meu irmão? — digo. — Não dá para pedir o impossível, o que você encontrou já é suficiente para...

— Para você, já sei — diz rancorosamente Johnny. — Para Art, para Dédé, para Lan... Você não sabe como... Sim, às vezes a porta começou a abrir... Olhe as duas palhas, encontraram-se, estão dançando, uma na frente da outra... E bonito, hein?.. Começou a abrir... O tempo... eu falei para você, acho, que essa coisa do tempo... Bruno, a minha vida inteira procurei em minha música que essa porta enfim abrisse. Um nada, um bocadinho... Lembro que em Nova York, uma noite... Um vestido vermelho. Sim, vermelho, e ficava lindo nela. Bem, uma noite estávamos com Miles e Hal... acho que estávamos fazia uma hora dando na mesma nota, sozinhos, tão felizes... Miles tocou uma coisa tão bonita que quase me joga para fora da cadeira, e então me soltei, fechei os olhos, voava. Bruno, eu juro que voava... Eu me ouvia como se fosse de um lugar longíssimo mas dentro de mim, ao meu lado, alguém que estivesse de pé... Não exatamente alguém... Olha a garrafa, é incrível como cabeceia... Não era alguém, a gente busca comparações... Era a segurança, o

encontro como em alguns sonhos, você não acha?, quando tudo está resolvido, Lan e as meninas esperam você com um peru no forno, no automóvel nenhum sinal vermelho faz você parar, tudo roda suave feito uma bola de bilhar. E o que havia ao meu lado era como eu mesmo mas sem ocupar nenhum lugar, sem estar em Nova York, e acima de tudo sem tempo, sem que depois... sem que houvesse depois... Por um instante, não houve nada além de sempre... E eu não sabia que era mentira, que aquilo acontecia porque estava perdido na música, e que assim que acabasse de tocar, porque afinal de contas alguma vez tinha que deixar o coitado do Hal matar a vontade no piano, naquele mesmo instante eu cairia de cabeça em mim...

Chora docemente, esfrega os olhos com as mãos sujas. Eu não sei mais o que fazer, é tão tarde, do rio sobe a umidade, vamos nos resfriar.

— Acho que eu quis nadar sem água — murmura Johnny. — Acho que eu quis ter o vestido vermelho de Lan mas sem Lan. E Bee está morta, Bruno. Eu acho que você tem razão, que seu livro está ótimo.

— Ora, Johnny, não vou me ofender pelo que você achar de ruim nele.

— Não é nada disso, seu livro está bom porque... porque não tem urnas, Bruno. É como o que Satchmo toca, tão limpo, tão puro. Você não acha que o que Satchmo toca é como um aniversário ou uma boa ação? Nós... Olha, eu digo que quis nadar sem água. Achei que... mas tem de ser idiota... achei que um dia encontraria outra coisa. Não estava satisfeito, pensava que as coisas boas, o vestido vermelho de Lan, e até Bee, eram como ratoeiras, não sei me explicar de outro jeito... armadilhas para que a gente se conforme, você sabe, para que a gente diga que está tudo certo. Bruno, eu acho que Lan e o *jazz*, sim, até o *jazz*, eram como anúncios numa revista, coisas bonitas para que eu ficasse de acordo como você fica porque você tem Paris e sua mulher e seu trabalho... Eu tinha o meu sax... e meu sexo, como diz o livro. Tudo que fazia falta. Armadilhas, querido... porque não pode ser que não exista outra coisa, não pode ser que a gente esteja tão perto, tão do outro lado da porta...

— A única coisa que conta é dar de si tudo que for possível — digo, me sentindo insuperavelmente estúpido.

— E ganhar todos os anos a eleição de *Down Beat*, claro — concorda Johnny. — Claro que sim, claro que sim, claro que sim. Claro que sim.

Pouco a pouco levo Johnny para a praça. Por sorte, há um táxi na esquina.

— Mais que tudo, não aceito seu Deus — murmura Johnny. — Não me venha com essa, não permito. E se realmente estiver do outro lado da porta, maldito seja, se eu me importar. Não tem nenhum mérito passar para o outro lado porque ele abriu a porta para você. Arrombá-la na porrada, isso sim. Arrebentá-la a porradas, ejacular contra a porta, mijar um dia inteiro contra a porta. Aquela vez em Nova York eu acho que abri a porta com minha música, até que tive de parar e então o maldito fechou a porta na minha cara só porque nunca rezei para ele, porque não vou rezar nunca, porque não quero saber de nada com esse porteiro de libré, esse abridor de portas em troca de uma gorjeta, esse...

Pobre Johnny, depois se queixa que a gente não coloque essas coisas num livro. Três da madrugada, santo Deus.

Tica voltou para Nova York, Johnny voltou para Nova York (sem Dédéé, agora bem instalada na casa de Louis Perron, que promete como trombonista). Baby Lennox voltou para Nova York. A temporada em Paris não era lá grande coisa, e eu sentia saudade de meus amigos. Meu livro sobre Johnny vendia muito bem em todos os lados, e naturalmente Sammy Pretzal falava de uma possível adaptação em Hollywood, coisa sempre interessante quando se calcula a relação franco-dólar. Minha mulher continuava furiosa por causa da minha história com Baby Lennox, aliás nada demais, afinal Baby Lennox é acentuadamente promíscua e qualquer mulher inteligente deveria compreender que essas coisas não comprometem o equilíbrio conjugal, além do que Baby já havia retornado a Nova York com Johnny, finalmente deu-se o prazer de ir com Johnny no mesmo barco. Já estaria fumando maconha com Johnny, perdida como ele, pobre moça. E *Amorous* acabava de sair em Paris, justo

quando a segunda edição do meu livro entrava na gráfica e falava-se de traduzi-lo ao alemão. Eu havia pensado muito nas possíveis modificações da segunda edição. Honrado na medida em que a profissão permite, perguntava-me se não teria sido necessário mostrar sob outra luz a personalidade de meu biografado. Discuti isso várias vezes com Delaunay e Hodeir, eles não sabiam realmente o que me aconselhar porque achavam que o livro era maravilhoso e que as pessoas gostavam dele do jeito que estava. Senti que os dois temiam um contágio literário, que eu acabasse tingindo a obra com matizes que pouco ou nada tinham a ver com a música de Johnny, pelo menos da forma que nós a entendíamos. Senti que a opinião de pessoas autorizadas (e minha decisão pessoal, seria tolo negá-lo a essa altura das coisas) justificava deixar a segunda edição tal qual. A leitura minuciosa das revistas especializadas dos Estados Unidos (quatro reportagens sobre Johnny, notícias sobre uma nova tentativa de suicídio, dessa vez com tintura de iodo, sonda gástrica e três semanas de hospital, de novo tocando em Baltimore como se tudo bem) tranquilizou-me bastante, a não ser pela pena que essas recaídas lamentáveis me causavam. Johnny não havia dito nenhuma palavra comprometedoras sobre o livro. Exemplo (em *Stomping Around*, uma revista musical de Chicago, entrevista de Teddy Rogers com Johnny): "Você leu o que Bruno V... escreveu a seu respeito em Paris?" "Sim. Está muito bom." "Nada a dizer sobre o livro?" "Nada, além de que está muito bom. Bruno é um grande rapaz". Ficava faltando saber o que poderia dizer Johnny quando estivesse bêbado ou drogado, mas pelo menos não havia rumores de algum desmentido por sua parte. Decidi não tocar na segunda edição do livro, continuar apresentando Johnny como o que era no fundo: um pobre coitado de inteligência apenas medíocre, dotado como tantos músicos, tantos jogadores de xadrez e tantos poetas do dom de criar coisas maravilhosas sem ter a menor consciência (no máximo o orgulho do lutador de boxe que se sabe forte) das dimensões de sua obra. Tudo me induzia a conservar tal e qual esse retrato de Johnny; não era o caso de criar complicações com um público que quer muito *jazz* mas nada de análises musicais ou psicológicas, nada que não seja a satisfação momentânea e bem delineada, as mãos que

marcam o ritmo, as caras que amolecem beatificadamente, a música que passeia pela pele, se incorpora ao sangue e à respiração, e depois basta, nada de razões profundas.

Primeiro chegaram os telegramas (a Delaunay, para mim, de tarde já saíam nos jornais com comentários idiotas); vinte dias depois recebi carta de Baby Lennox, que não havia se esquecido de mim. "Em Bellevue ele foi tratado esplendidamente, e fui buscá-lo quando saiu. Vivíamos no apartamento de Mike Russolo, que está numa turnê pela Noruega. Johnny estava muito bem, e embora não quisesse tocar em público aceitou gravar discos com os rapazes do Club 28. A você posso dizer, na verdade estava muito fraco (eu imagino o que Baby queria dar a entender com isso, depois de nossa aventura em Paris) e de noite me dava medo a forma com que respirava e se queixava. A única coisa que me consola — acrescenta Baby deliciosamente —, é que morreu contente e sem saber. Estava assistindo televisão e de repente caiu no chão. Disseram-me que foi instantâneo." De onde se deduzia que Baby não estava presente, e foi assim porque depois soubemos que Johnny vivia na casa de Tica e havia passado cinco dias com ela, preocupado e abatido, falando em abandonar o *jazz*, ir morar no México e trabalhar no campo (todo mundo passa por isso em determinado momento da vida, é quase monótono), e que Tica o vigiava e fazia o possível para tranquilizá-lo e obrigá-lo a pensar no futuro (Tica disse isso depois, como se ela ou Johnny houvessem tido alguma vez a menor ideia de futuro). Na metade de um programa de televisão que Johnny achava muito engraçado, ele começou a tossir, de repente dobrou-se bruscamente etc. Não estou tão certo de que a morte fosse instantânea como Tica declarou à polícia (tentando sair da confusão descomunal em que havia se metido por causa da morte de Johnny em seu apartamento, a maconha ao alcance da mão, algumas confusões anteriores da pobre Tica e os resultados não totalmente convincentes da autópsia. Dá para imaginar tudo que um médico poderia encontrar no fígado e nos pulmões de Johnny). "Nem queira saber o que sua morte me doeu, embora pudesse contar a você outras coisas" — acrescentava docemente esta querida Baby — "mas algum dia, quando tiver ânimo, escreverei ou contarei (parece que

Rogers quer me contratar para Paris e Berlim) tudo que é necessário que você saiba, você que era o melhor amigo de Johnny." E depois de uma página inteira dedicada a insultar Tica, que para ela não apenas era a causadora da morte de Johnny como também do ataque a Pearl Harbor e da Peste Negra, a coitadinha da Baby terminava: "Antes que eu esqueça, um dia em Bellevue ele perguntou muito por você, suas ideias se misturavam e pensava que você estava em Nova York e que não queria ir vê-lo, falava sempre de uns campos cheios de coisas, e depois chamava você e dizia palavrões, coitado. Você sabe o que é a febre. Tica disse a Bob Carey que as últimas palavras de Johnny foram alguma coisa como: 'Oh, faça-me uma máscara', mas imagine só se naquele momento..." Eu imaginava, e como. "Tinha ficado muito gordo", acrescentava Baby no final de sua carta, "e arfava ao caminhar." Eram os detalhes que cabia esperar de uma pessoa tão delicada como Baby Lennox.

Tudo isso coincidiu com a aparição da segunda edição do meu livro, por sorte tive tempo de incorporar uma nota necrológica redigida a todo vapor, e uma fotografia do enterro onde apareciam vários *jazzmen* famosos. Dessa forma a biografia ficou, digamos completa. Talvez não seja correto eu dizer isso, mas como é natural me situo em um plano meramente estético. Já falam de uma nova tradução, acho que para o sueco ou o norueguês. Minha mulher está encantada com a notícia.

As armas secretas

É curioso as pessoas acharem que arrumar uma cama é exatamente a mesma coisa que arrumar uma cama, que estender a mão é sempre a mesma coisa que estender a mão, que abrir uma lata de sardinhas é abrir até o infinito a mesma lata de sardinhas. "Tudo é excepcional", pensa Pierre alisando de modo desajeitado o cobertor azul gasto. "Ontem chovia, hoje teve sol, ontem eu estava triste, hoje Michèle virá. A única coisa invariável é que jamais conseguirei que esta cama tenha um aspecto apresentável." Não faz mal, as mulheres gostam da desordem do seu quarto de solteiro, podem sorrir (a mãe aparece em todos os dentes) e arrumar as cortinas, mudar de lugar um vaso ou uma cadeira, dizer só mesmo você poderia ter a ideia de botar esta mesa onde não há luz. Michèle dirá provavelmente coisas assim, andará tocando e movendo livros e abajures, e ele a deixará olhando-a o tempo todo, esticado na cama ou afundado no velho sofá, olhando-a através da fumaça de um Gauloise e desejando-a.

"Seis da tarde, a hora grave", pensa Pierre. A hora dourada em que o bairro inteiro de Saint-Sulpice começa a mudar, a preparar-se para a noite. Logo as moças estarão saindo no cartório do tabelião, o marido de madame Lenótre arrastará sua perna pela escada, se ouvirão as vozes das irmãs do sexto andar, inseparáveis na hora de comprar o pão e o jornal. Michèle não pode demorar mais, a não ser que se perca ou se atrase pela rua, com sua especial aptidão para deter-se em qualquer lugar e começar a viajar pelos pequenos mundos particulares das vitrines. Depois, contará: um urso de corda, um disco de Couperin, uma corrente de bronze com uma pedra azul, as obras completas de Stendhal, a moda de verão. Razões tão

compreensíveis para chegar um pouco tarde. Outro Gauloise, outro gole de conhaque. Sente vontade de escutar algumas canções de MacOrlan, busca sem muito esforço entre montões de papéis e cadernos. Na certa Roland ou Babette levaram o disco; bem que podiam avisar, quando levassem alguma das suas coisas. E por que Michèle não chega? Senta-se na beira da cama, amassando o cobertor. Pronto, agora vai ter de esticar de um lado e do outro, reaparecerá a maldita ponta do travesseiro. Há um terrível cheiro de cigarro, Michèle franzirá o nariz e dirá que há um terrível cheiro de cigarro. Centenas e centenas de Gauloises fumados em centenas e centenas de dias: uma tese, algumas amigas, duas crises hepáticas, livros, aborrecimento. Centenas e centenas de Gauloises? Sempre o surpreende descobrir-se propenso ao nímio, dando importância a detalhes. Lembra-se de velhas gravatas jogadas no lixo há dez anos, da cor de um selo do Congo Belga, orgulho de sua infância filatélica. Como se no fundo da memória soubesse exatamente quantos cigarros fumou na vida, qual o gosto de cada um, em que momento o acendeu, onde jogou o toco fumado. Vai ver, as cifras absurdas que às vezes aparecem em seus sonhos são mostras dessa implacável contabilidade. "Mas então, Deus existe", pensa Pierre. O espelho do armário devolve-lhe o sorriso, obrigando-o como sempre a recompor o rosto, jogar para trás a mecha de cabelo negro que Michèle ameaça cortar. Por que Michèle não chega? "Porque não quer entrar no meu quarto", pensa Pierre. Mas para poder um dia cortar a mecha da frente ela terá que entrar em seu quarto e se deitar em sua cama. Alto preço paga Dalila, não se chega assim à toa ao cabelo de um homem. Pierre diz a si mesmo que é um idiota por haver pensado que Michèle não quer subir ao seu quarto. Pensou-o em silêncio, como que de longe. Às vezes o pensamento parece ter que abrir caminho por incontáveis barreiras, até se anunciar e ser ouvido. É estúpido pensar que Michèle não quer subir ao seu quarto. Se não chega é porque está absorta diante de uma vitrine de uma loja de ferragens ou de qualquer coisa, encantada com a visão de uma pequena foca de porcelana ou uma litografia de Zao-Wu-Ki. Parece vê-la, e ao mesmo tempo percebe que está imaginando uma carabina de cano duplo, justamente quando traga a

fumaça do cigarro e sente-se perdoado por sua bobagem. Uma carabina de cano duplo não tem nada de mais, mas o que pode fazer a esta hora e no seu quarto a ideia de uma carabina de cano duplo, e essa sensação de saudade? Não gosta dessa hora em que tudo se vira para o lilás, para o cinza. Estira indolentemente o braço para acender o abajur da mesa. Por que Michèle não vem? Não virá mais, é inútil continuar esperando. Será preciso pensar que realmente não quer vir ao seu quarto. Enfim, enfim. Nada de olhar pelo lado trágico; outro conhaque, o livro começado, descer para comer alguma coisa no bistrô de León. As mulheres são sempre as mesmas, em Enghien ou em Paris, jovens ou maduras. Sua teoria dos casos excepcionais começa a desmoronar, a ratinha retrocede antes de entrar na ratoeira. Mas qual ratoeira? Um dia ou outro, antes ou depois... Está esperando por ela desde as cinco, embora sua chegada fosse prevista para as seis; alisou, especialmente para ela, o cobertor azul, subiu como um idiota numa poltrona, espanador na mão, para soltar uma insignificante teia de aranha que não fazia mal a ninguém. E seria tão natural que naquele mesmo momento ela descesse do ônibus em Saint-Sulpice e se aproximasse da sua casa, parando diante das vitrines ou olhando as pombas na praça. Não há nenhuma razão para que não queira subir até o seu quarto. Claro que tampouco não há nenhuma razão para pensar numa carabina de cano duplo, ou decidir que neste momento Michaux, seria melhor leitura que Graham Greene. A escolha instantânea sempre deixa Pierre preocupado. Não pode ser que tudo seja gratuito, que um mero acaso decida Greene contra Michaux, Michaux contra Enghien, ou seja, contra Greene. Inclusive confundir uma localidade como Enghien com um escritor como Greene... "Não pode ser que tudo seja tão absurdo", pensa Pierre jogando o cigarro longe. "E se não vem é porque aconteceu alguma coisa; não tem nada a ver com nós dois."

Desce até a rua, espera na porta. Vê as luzes na praça se acenderem. No bistrô de León não há quase ninguém quando se senta numa mesa da rua e pede uma cerveja. De onde está pode ver a entrada da casa, portanto... León fala da Volta da França; chegam Nicole e sua amiga, a florista de voz rouca. A cerveja está

gelada, é o caso de pedir algumas salsichas. Na entrada de sua casa o garoto da zeladora brinca saltando sobre uma perna só. Quando se cansa começa a saltar sobre a outra, sem se mover da porta.

— Que bobagem — diz Michèle. — Por que não iria querer ir à sua casa, se havíamos combinado?

Edmond traz o café das onze da manhã. Não há quase ninguém a essa hora, e Edmond demora ao lado da mesa para comentar a Volta da França. Depois Michèle explica o presumível, o que Pierre deveria ter pensado. Os frequentes desvanecimentos de sua mãe, papai que se assusta e telefona para o escritório, correr atrás de um táxi para que no final não seja nada, uma tontura insignificante. Não é a primeira vez que tudo isso acontece, só mesmo Pierre para...

— Fico feliz de saber que ela já está bem — diz Pierre tolaamente.

Põe uma mão sobre a mão de Michèle. Michèle põe sua outra mão sobre a de Pierre. Pierre põe sua outra mão sobre a de Michèle. Michèle tira a mão de baixo e a coloca em cima. Pierre tira a mão de baixo e a coloca em cima. Michèle tira a mão de baixo e apoia a palma contra o nariz de Pierre.

— Frio como o de um cachorrinho.

Pierre admite que a temperatura de seu nariz é um enigma insondável.

— Bobo — diz Michèle, resumindo a situação. Pierre beija sua testa, por cima do cabelo. Como ela baixa a cabeça, pega seu queixo e a obriga a olhá-lo antes de beijá-la na boca. Beija uma, duas vezes. Há o cheiro de alguma coisa fresca, de sombra debaixo das árvores. "*Im wunderschönen Monat Mai*", ouve claramente a melodia. Admira-se vagamente de recordar tão bem a letra, que só quando traduzida tem sentido para ele. Mas gosta da melodia, as palavras soam tão bem contra o cabelo de Michèle, contra sua boca úmida, "*Im wunderschönen Monat Mai, als...*"

A mão de Michèle afunda em seu ombro, crava as unhas.

— Você me machuca — diz Michèle rejeitando-o, passando os dedos pelos lábios.

Pierre vê a marca de seus dentes na beira dos lábios. Acaricia a

face de Michèle e beija-a outra vez, levemente. Michèle está zangada. Não, não está. Quando, quando, quando vão se encontrar a sós? Para ele, é difícil compreender, as explicações de Michèle parecem se referir a outra coisa. Obstinado com a ideia de vê-la chegar algum dia à sua casa, de que vai subir os cinco andares e entrar em seu quarto, não entende que tudo se clareia de repente, que os pais de Michèle vão para o sítio por 15 dias. Deixa eles, é melhor, porque então Michèle... De repente percebe, fica olhando para ela. Michèle ri.

— Você vai ficar sozinha em casa esses quinze dias?

— Como você é bobo — diz Michèle. Estende um dedo e desenha invisíveis estrelas, rombos, suaves espirais. Claro que sua mãe conta com que a fiel Babette a acompanhe essas duas semanas, houve tantos roubos e assaltos nos subúrbios. Mas Babette ficará em Paris o tempo que eles quiserem.

Pierre não conhece a casa, embora a tenha imaginado tantas vezes que é como se já estivesse nela, entra com Michèle num salãozinho atonetado de móveis vetustos, sobe uma escada depois de roçar com os dedos a bola de vidro onde nasce o corrimão. Não sabe por que a casa o desagrada, tem vontade de sair para o jardim embora custe a acreditar que uma casa tão pequena possa ter um jardim. Solta-se da imagem com esforço, descobre que é feliz, que está no café com Michèle, que a casa será diferente disso que imagina e o sufoca um pouco com seus móveis e seus tapetes desbotados. "Tenho de pedir a motocicleta ao Xavier", pensa Pierre. Virá esperar Michèle e em meia hora estarão em Clamart, terão dois fins de semana para fazer excursões, será preciso conseguir uma garrafa térmica e comprar nescafé.

— Existe uma bola de vidro na escada da sua casa?

— Não — diz Michèle. — Você está confundindo com...

Cala-se, como se alguma coisa incomodasse sua garganta. Afundado no banquinho, a cabeça apoiada no alto espelho com o qual Edmond pretende multiplicar as mesas do café, Pierre admite vagamente que Michèle é como uma gata ou um retrato anônimo. Faz tão pouco tempo que a conhece, talvez para ela também seja difícil entendê-lo. Claro que amar não é nunca uma explicação, como

não é nenhuma explicação ter amigos em comum ou compartilhar opiniões políticas. Começa-se sempre por acreditar que não existe mistério em ninguém, é tão fácil acumular informações: Michèle Duvernois, 24 anos, cabelo castanho, olhos cinza, funcionária em um escritório. E ela também sabe que Pierre Jovilet, 23 anos, cabelo louro... Mas amanhã irá com ela à casa dela, em meia hora de viagem estarão em Enghien. "Chega de Enghien", pensa Pierre, espantando o nome como se fosse uma mosca. Terão 15 dias para estarem juntos, e na casa existe um jardim, provavelmente tão diferente do que ele imagina, mas Michèle está chamando Edmond, são mais de onze e meia e o gerente franzirá o nariz se a vir atrasada.

— Fica um pouco mais — diz Pierre. — Roland e Babette estão vindo aí. É incrível como nunca podemos ficar sozinhos neste café.

— Sozinhos? — diz Michèle. — Mas se viemos para encontrá-los...

— Eu sei, mas dá no mesmo.

Michèle sacode os ombros, e Pierre sabe que o compreende e que no fundo também lamenta que os amigos apareçam tão pontualmente. Babette e Roland trazem seu ar habitual de plácida felicidade que dessa vez o irrita e o impacienta. Estão do outro lado, protegidos pelo quebra-mar do tempo; suas cóleras e insatisfações pertencem ao mundo, à política ou à arte, nunca a eles mesmos, a sua relação mais profunda. Salvos pelo costume, pelos gestos mecânicos. Tudo isolado, passado a ferro, guardado, numerado. Porquinhos satisfeitos, pobres coitados tão bons amigos. Está a ponto de apertar a mão que Roland estende, engole saliva, olha-o nos olhos, depois aperta-lhe os dedos como se quisesse quebrá-los. Roland ri e senta-se na frente deles; traz notícias de um cineclube, é preciso ir segunda-feira sem falta. "Porquinhos satisfeitos", mastiga Pierre. É idiota, é injusto. Mas um filme de Pudovkin, tenha a santa paciência, já é hora de procurar alguma coisa nova.

— A coisa nova — debocha Babette. — O novo. Como você está velho, Pierre.

Nenhuma razão para não querer apertar a mão de Roland.

— E tinha vestido uma blusa cor de laranja, que ficava tão bem

— conta Michèle.

Roland oferece Gauloises e pede café. Nenhuma razão para não querer apertar a mão de Roland.

— Sim, é uma menina inteligente — diz Babette.

Roland olha para Pierre e pisca um olho. Tranquilo, sem problemas. Absolutamente sem problemas, porquinho tranquilo. Essa tranquilidade dá nojo em Pierre, essa coisa de Michèle estar falando de uma blusa cor de laranja, tão longe dele como sempre. Não tem nada a ver com eles, entrou no grupo por último, mal e mal o toleram.

Enquanto fala (agora é questão de uns sapatos), Michèle passa um dedo pela beira do próprio lábio. Nem ao menos é capaz de beijá-la bem, machucou-a e Michèle se lembra. E todo mundo o machuca, piscam para ele, sorriem, gostam muito dele. É como um peso no peito, uma necessidade de ir embora e estar sozinho em seu quarto perguntando-se por que Michèle não veio, por que Babette e Roland levaram um disco sem avisar a ele.

Michèle olha o relógio e se sobressalta. Combinam o cineclube, Pierre paga o café. Sente-se melhor, gostaria de conversar um pouco mais com Roland e Babette, cumprimenta-os com afeto. Porquinhos bons, tão amigos de Michèle.

Roland vê os dois se afastarem, saírem à rua sob o sol. Bebe seu café devagar.

— Eu me pergunto — diz Roland.

— Eu também — diz Babette.

— Afinal de contas, por que não?

— Por que não, claro. Mas seria a primeira vez desde aquela.

— Já é hora de Michèle fazer alguma coisa da sua vida — diz Roland. — E se você quiser saber minha opinião, está muito apaixonada.

— Os dois estão muito apaixonados.

Roland fica pensando.

Marcou encontro com Xavier num café da praça Saint-Michel, mas chega cedo demais. Pede cerveja e dá uma olhada no jornal; não se lembra bem do que fez desde que se separou de Michèle na porta

do escritório. Os últimos meses são tão confusos como a manhã que ainda não transcorreu e já é uma mistura de falsas lembranças, de equívocos. Nessa vida distante que leva, a única certeza é haver estado o mais perto possível de Michèle, esperando e entendendo que não basta, isso só, não, que tudo é vagamente assustador, que não sabe nada de Michèle, na verdade absolutamente nada (tem olhos cinza, tem cinco dedos em cada mão, é solteira, penteia-se como uma menininha), na verdade absolutamente nada. Então, se ele não sabe nada de Michèle, basta deixar de vê-la um momento para que o vazio se faça um emaranhado espesso e amargo; ela tem medo de você, tem nojo, às vezes rejeita você no mais profundo de um beijo, não quer ir para a cama com você, tem horror de alguma coisa, hoje mesmo, de manhã, rejeitou você com violência (e como estava linda, e como se grudou em você no momento de se despedir, e como preparou tudo para se reunir com você amanhã para irem juntos à sua casa de Enghien?), e você deixou a marca de seus dentes em sua boca, estava beijando-a e mordeu-a e ela se queixou, passou os dedos pela boca e queixou-se sem raiva, um pouco assustada e só, "*als alle Knospen sprangen*", você cantava Schumann por dentro, pedaço de animal, cantava enquanto a mordida na boca e agora se lembra, além disso subia a escada, sim, você subia, roçava com a mão a bola de vidro onde nasce o corrimão, mas depois Michèle disse que em sua casa não há nenhuma bola de vidro.

Pierre desliza no banquinho, procura os cigarros. Afinal, Michèle também não sabe muito a seu respeito, não é nada curiosa embora tenha essa maneira atenta e séria de escutar as confidências, essa aptidão para compartilhar um momento de vida, qualquer coisa, um gato que sai da porta da garagem, uma tormenta na Cité, uma folha de trevo, um disco de Gerry Mulligan. Atenciosa, entusiasta e séria ao mesmo tempo, tão igual para escutar e para fazer-se escutar. É assim como de encontro em encontro, de conversa em conversa, caíram na solidão do casal na multidão, um pouco de política, livros, ir ao cinema, beijar-se cada vez mais profundamente, permitir que sua mão desça pela garganta, roce os seios, repita a interminável pergunta sem resposta. Chove, é preciso se refugiar numa marquise;

o sol cai sobre a cabeça, entraremos nessa livraria, amanhã vou apresentar você a Babette, é uma velha amiga, você vai gostar dela. E depois sucederá que o amigo de Babette é um antigo camarada de Xavier, que é o melhor amigo de Pierre, e o círculo irá se fechando, às vezes em casa de Babette e Roland. às vezes no consultório de Xavier ou nos cafés do bairro latino, de noite. Pierre agradecerá, sem se explicar a causa de sua gratidão, que Babette e Roland sejam tão amigos de Michèle e que deem a impressão de protegê-la discretamente, sem que Michèle necessite ser protegida. Ninguém fala muito dos outros nesse grupo; preferem os grandes temas, a política ou os processos, e principalmente olhar-se satisfeitos, trocar cigarros, sentar nos cafés e viver sentindo-se rodeados de amigos. Teve a sorte de ser aceito e que o deixem entrar; não são fáceis, conhecem os métodos mais seguros para desanimar os recém-chegados. "Gosto deles", se diz Pierre, bebendo o resto da cerveja. Talvez achem que já é o amante de Michèle, pelo menos Xavier acreditará nisso; não lhe entraria na cabeça que Michèle tenha conseguido se negar todo esse tempo, sem razões precisas, simplesmente negar-se e continuar se encontrando com ele, saindo juntos, deixando-o falar ou falando ela. Até à estranheza é possível se acostumar, crer que o mistério se explica por si só e que a gente acaba vivendo dentro, aceitando o inaceitável, despedindo-se nas esquinas ou nos cafés quando tudo seria tão simples, uma escada com uma bola de vidro na ponta do corrimão que leva ao encontro, ao verdadeiro. Mas Michèle disse que não há nenhuma bola de vidro.

Alto e magro, Xavier traz sua cara dos dias de trabalho. Fala de umas experiências, da biologia como uma incitação ao ceticismo. Olha um dedo, manchado de amarelo. Pierre pergunta a ele:

— Já aconteceu de você pensar de repente em coisas completamente alheias às que estava pensando?

— Completamente alheias é uma hipótese de trabalho e nada mais — diz Xavier.

— Eu me sinto muito esquisito ultimamente. Você devia me dar alguma coisa, uma espécie de objetivador.

— Objetivador? — diz Xavier. — Isso não existe, meu velho.

— Penso demais em mim mesmo — diz Pierre. — É idiota.

— E Michèle, não objetiva você?

— Pois justamente, ontem mesmo me aconteceu que...

Ouve-se falar, vê Xavier que o está vendo, vê a imagem de Xavier no espelho, a nuca de Xavier, vê a si mesmo falando para Xavier (mas por que tive de ter essa ideia de que há uma bola de vidro na ponta do corrimão?), e de vez em quando assiste ao movimento de cabeça de Xavier, o gesto profissional tão ridículo quando não está no consultório e o médico não está vestindo o avental branco que o situa em outro plano e concede a ele outras potestades.

— Enghien — diz Xavier. — Não se preocupe com isso, eu confundo sempre *Le Mans* com *Mentón*. A culpa deve ser de alguma professora, lá na infância distante.

"*Im wunderschönen Monat Mai*", cantarola a memória de Pierre.

— Se você não dormir bem me avise, que darei alguma coisa — diz Xavier. — Seja como for, esses quinze dias no paraíso serão suficientes, tenho certeza. Não há nada melhor que dividir um travesseiro, isso aclara completamente as ideias; às vezes até acaba com elas, o que já é uma tranquilidade.

Talvez se trabalhasse mais, se se cansasse mais, se pintasse seu quarto ou fizesse a pé o trajeto até a faculdade em vez de tomar o ônibus. Se tivesse que ganhar os setenta mil francos que seus pais mandam. Apoiado no parapeito da Pont Neuf olha as barcaças passarem e sente o sol de verão no pescoço e nos ombros. Um grupo de moças ri e brinca, ouve-se o trote de um cavalo; um ciclista ruivo assovia longamente ao passar pelas moças, e é como se as folhas secas se levantassem e comessem seu rosto numa única e horrível mordida negra.

Pierre esfrega os olhos, lentamente endireita o corpo. Não foram palavras, tampouco uma visão: algo entre as duas, uma imagem desordenada em tantas palavras como folhas secas no chão (que se levantou de encontro ao seu rosto). Vê que sua mão direita está tremendo contra o parapeito. Aperta os dedos fechados, luta até dominar o tremor. Xavier já estará longe, seria inútil correr atrás dele, acrescentar uma nova história ao mostruário insensato. "Folhas

secas", dirá Xavier. "Mas não há folhas secas na Pont Neuf." Como se ele não soubesse que não há folhas secas na Pont Neuf, que as folhas secas estão em Enghien.

Agora vou pensar em você, querida, somente em você, a noite toda. Vou pensar somente em você, é a única maneira de me sentir, ter você no centro de mim como uma árvore, soltar-me pouco a pouco do tronco que me mantém e me guia, flutuar ao seu redor cautelosamente, Tateando o ar com cada folha (verdes, verdes, eu mesmo e você mesma, tronco de seiva e folhas verdes: verdes, verdes), sem me afastar de você, sem deixar que o resto penetre entre você e eu, me distraia de você, me prive por um único segundo de saber que esta noite está girando para o amanhecer e que lá do outro lado, onde você mora e está dormindo, será outra vez de noite quando chegarmos juntos e entrarmos na sua casa, subirmos os degraus do pÓrtico, acendermos as luzes, acariciarmos o seu cãO, bebermos café, nos olharmos tanto antes que eu abrace você (ter você no centro de mim como uma árvore) e leve você até a escada (mas não há nenhuma bola de vidro) e começarmos a subir, a subir, a porta está fechada, mas tenho a chave no bolso...

Pierre salta da cama, mete a cabeça debaixo da torneira da pia. Pensar somente em você, mas como pode ser que o que está pensando seja um desejo escuro e surdo onde Michèle não é mais Michèle (ter você dentro de mim como uma árvore), onde não consegue senti-la em seus braços enquanto sobe a escada, porque assim que pisou num degrau viu a bola de vidro e está sozinho, está subindo sozinho a escada e Michèle está lá em cima, trancada, está atrás da porta sem saber que ele tem outra chave no bolso e que está subindo?

Seca o rosto, abre as janelas para a fresca da madrugada. Um bêbado monologa amistosamente na rua, balançando-se como se flutuasse numa água pegajosa. Cantarola, vai e vem cumprindo uma espécie de dança suspensa e cerimoniosa no cinza que pouco a pouco morde as pedras do pavimento, os portais fechados. "*Als alle Knospen sprangen*", as palavras se desenham nos lábios ressecados de Pierre, grudam-se no cantarolar lá de baixo não tem nada a ver com a melodia, mas tampouco as palavras têm a ver com nada, vêm

como todo o resto, grudam-se à vida por um momento e depois há como uma ansiedade rancorosa, buracos revirando-se para mostrar fiapos que se engancham em qualquer outra coisa, uma carabina de dois canos, um colchão de folhas secas, o bêbado que dança compassadamente uma espécie de pavana, com reverências que se abrem em farrapos e tropeções e vagas palavras mastigadas.

A moto ronroneia ao logo da rue d'Alésia. Pierre sente os dedos de Michèle que apertam um pouco mais sua cintura toda vez que passam grudados a um ônibus ou viram em uma esquina. Quando os sinais vermelhos os detêm, ele inclina a cabeça para trás e espera uma carícia, um beijo nos cabelos.

— Não tenho mais medo — diz Michèle. — Você dirige isto muito bem. Agora, temos de virar à direita.

A casa está perdida entre dúzias de casas parecidas, numa colina um pouco além de Clamart. Para Pierre a casa de Clamart soa como um refúgio, a certeza de que tudo será tranquilo e isolado, de que haverá um jardim com cadeiras de palha e talvez, de noite, algum vaga-lume.

— O seu jardim tem vaga-lumes?

— Acho que não — diz Michèle. — Você tem cada ideia...

É difícil falar na moto, o tráfego obriga a se concentrar e Pierre está cansado, dormiu poucas horas pela manhã. Terá que se lembrar de tomar os comprimidos que Xavier lhe deu, mas naturalmente não se lembrará de tomá-los e, além do mais, não vai precisar. Inclina a cabeça para trás e resmunga porque Michèle demora para beijá-lo, Michèle ri e passa a mão pelos cabelos dele. Sinal aberto. "Deixa de besteira", disse Xavier, evidentemente desconcertado. Claro que passará, dois comprimidos antes de dormir, um gole d'água. Como dormirá Michèle?

— Michèle, como é que você dorme?

— Muito bem — diz Michèle. — Às vezes tenho pesadelos, como todo mundo.

Claro como todo mundo, somente ao se despertar sabe que o sonho ficou para trás, sem se misturar com os ruídos da rua, com as caras dos amigos, isso que se infiltra nas ocupações mais inocentes

(mas Xavier disse que com dois comprimidos estará tudo bem), dormirá com o rosto afundado no travesseiro, as pernas um pouco encolhidas, respirando levemente, e irá vê-la assim agora, vai tê-la contra seu corpo adormecida assim, ouvindo-a respirar, indefesa e nua quando ele acariciar seu cabelo com a mão, e o sinal amarelo, sinal vermelho, *stop*.

Freia com tanta violência que Michèle grita e depois fica muito quieta, como se tivesse vergonha de seu grito. Com um pé apoiado no chão, Pierre gira a cabeça, sorri para alguma coisa que não é Michèle e fica como que perdido no ar, sempre sorrindo. Sabe que o sinal vai passar para o verde, atrás da moto há um caminhão e um automóvel, sinal verde, alguém toca a buzina, duas, três vezes.

— O que está acontecendo? — pergunta Michèle.

O sujeito do automóvel xinga ao passar, e Pierre arranca lentamente. Estávamos no ponto em que ia vê-la tal como ela é, indefesa e nua. Dissemos isso, havíamos chegado exatamente ao momento em que a víamos indefesa e nua, ou seja, que não há nenhuma razão para supor nem por um instante que será necessário... Sim, já ouvi, primeiro à esquerda e depois outra vez à esquerda. Lá, naquele teto de telhas escuras? Há pinheiros, que bonito, mas que bonita é a casa, um jardim com pinheiros e seus pais que foram para o sítio, quase não dá para acreditar, Michèle, uma coisa assim não dá para acreditar.

Bobby, que os recebeu com um festival de latidos, salva as aparências cheirando minuciosamente as calças de Pierre, que empurra a motocicleta até a varanda. Michèle já entrou na casa, abre as persianas, torna a receber Pierre que olha as paredes e descobre que nada daquilo parece com o que ele imaginou.

— Aqui deveria haver três degraus — diz Pierre. — E este salão, claro, claro... Não liga pra mim, a gente sempre imagina outra coisa. Até os móveis, cada detalhe. Você também tem dessas coisas?

— Às vezes tenho — diz Michèle. — Pierre, estou com fome. Não, Pierre, escuta, seja bonzinho e me ajude; temos de cozinhar alguma coisa.

— Querida — diz Pierre.

— Abra essa janela, para o sol entrar. E fique quieto, Bobby vai

achar que...

— Michèle — diz Pierre.

— Não, espere, deixa eu subir para mudar de roupa. Tire o paletó, se quiser, nesse armário deve ter bebida, não entendo dessas coisas.

Ele a vê correr, subir pela escada, perder-se lá em cima. No armário há bebidas, ela não entende disso. O salão é profundo e escuro, a mão de Pierre acaricia a ponta do corrimão. Michèle já havia dito, mas é como um desencanto em silêncio, então não existe uma bola de vidro.

Michèle volta com umas calças velhas e uma blusa inacreditável.

— Você parece um cogumelo — diz Pierre com a ternura de todo homem para a mulher que veste roupas grandes demais. — Não vai me mostrar a casa?

— Se você quiser — diz Michèle. — Não achou as bebidas? Espere, você não sabe fazer nada...

Levam os copos para o salão e sentam-se no sofá na frente da janela aberta. Bobby faz festa para os dois, deita-se no tapete e fica olhando para eles.

— Ele aceitou você logo de saída — diz Michèle lambendo a beirada do copo. — Gostou da casa?

— Não — responde Pierre. — É sombria, burguesa até morrer, cheia de móveis abomináveis. Mas você está aqui, com essas calças horríveis.

Acaricia sua garganta, a atrai contra seu corpo, beija sua boca. Os dois se beijam-se na boca, em Pierre desenha-se o calor da mão de Michèle, beijam-se na boca, deslizam um pouco, mas Michèle geme e tenta se safar, murmura alguma coisa que ele não entende. Pensa confusamente que a coisa mais difícil é tapar sua boca, não quer que desmaie. Solta a moça bruscamente, olha as próprias mãos como se não fossem dele, ouvindo a respiração precipitada de Michèle, o grunhido surdo de Bobby no tapete.

— Você vai me deixar louco — diz Pierre, e o ridículo da frase é menos penoso que o que acaba de acontecer. Como uma ordem, um desejo irrefreável, tapar-lhe a boca para que não desmaie. Estica a mão, acaricia de longe a face de Michèle, está de acordo com tudo,

concorda em comer alguma coisa improvisada, em que deverá escolher o vinho, em que faz muitíssimo calor ao lado da janela.

Michèle come à sua maneira, misturando o queijo com as anchovas no azeite, a salada e os pedaços de caranguejo. Pierre bebe vinho branco, olha para ela, sorri para ela. Se se casasse com ela beberia todos os dias seu vinho branco nesta mesa, e olharia para ela e sorriria.

— É engraçado — diz Pierre. — Nunca falamos dos anos da guerra.

— Quanto menos se falar... — diz Michèle, passando o pão pelo prato.

— Eu sei, mas as lembranças às vezes voltam. Para mim não foi tão ruim, afinal de contas éramos crianças na época. Como umas férias intermináveis, um absurdo total e quase divertido.

— Para mim não houve férias — diz Michèle. — Chovia o tempo todo.

— Chovia?

— Aqui — diz ela, tocando a fronte. — Na frente de meus olhos, atrás dos meus olhos. Estava tudo úmido, tudo parecia suado e úmido.

— Você morava nesta casa?

— No começo, sim. Depois, quando veio a ocupação, me levaram para a casa de uns tios, em Enghien.

Pierre não nota que o fósforo queima entre seus dedos, abre a boca, sacode a mão e xinga. Michèle sorri, contente por poder falar de outra coisa. Quando se levanta para trazer a fruta, Pierre acende o cigarro e traga a fumaça como se estivesse se afogando, mas já passou, tudo tem uma explicação quando a gente a busca, quantas vezes Michèle terá mencionado Enghien nas conversas do café, essas frases que parecem insignificantes e dignas de esquecimento, até que acabam sendo o tema central de um sonho ou uma fantasia. Um pêssgo, sim, mas descascado. Ah, ele sente muito, mas as mulheres sempre descascaram os pêssgos e Michèle não tem por que ser uma exceção.

— As mulheres. Se descascavam os pêssgos para você eram

umas bobas como eu. Seria melhor você moer o café.

— Então, você morou em Enghien — diz Pierre, olhando as mãos de Michèle com o leve nojo que sempre sente ao ver alguém descascar uma fruta. — E o que seu pai fazia durante a guerra?

— Oh, não fazia grande coisa. Vivíamos, esperando que tudo acabasse de uma vez.

— Os alemães nunca incomodaram?

— Não — diz Michèle, dando voltas no pêsego entre os dedos úmidos.

— É a primeira vez que você me diz que moraram em Enghien.

— Não gosto de falar daqueles tempos — diz Michèle.

— Mas alguma vez você deve ter falado — diz contraditoriamente Pierre. — Não sei como, mas eu sabia que você tinha morado em Enghien.

O pêsego cai no prato e os pedaços de casca tornam a grudar na polpa. Michèle limpa o pêsego com a faca e Pierre sente nojo de novo, gira o moedor de café com todas as suas forças. Por que ela não lhe diz nada? Parece estar sofrendo, dedicada à limpeza do horrível pêsego úmido. Por que não fala nada? Está cheia de palavras, não precisa mais que olhar suas mãos, o piscar nervoso que às vezes termina numa espécie de tique, um lado inteiro de seu rosto ergue-se levemente e volta ao lugar, na outra vez, num banco de jardim de Luxemburgo, já tinha notado esse tique, que sempre coincide com um incômodo ou um silêncio.

Michèle prepara o café de costas para Pierre, que acende um cigarro no outro. Voltam ao salão levando as xícaras de porcelana com pintas azuis. O cheiro do café lhes faz bem, olham-se como se não entendessem essa trégua e tudo que a precedeu; trocam palavras soltas, olhando-se e sorrindo, tomam o café distraídos, como se toma os filtros que atam para sempre. Michèle mexeu nas persianas e do jardim entra uma luz esverdeada e quente que os envolve como a fumaça dos cigarros e o conhaque que Pierre saboreia perdido num abandono macio. Bobby dorme no tapete, estremecendo-se e suspirando.

— Sonha o tempo todo — diz Michèle. — Às vezes chora e acorda de repente, olha para todo mundo como se acabasse de

passar por uma dor imensa. E é quase um filhote...

A delícia de estar ali, de sentir-se tão bem naquele instante, de fechar os olhos, de suspirar como Bobby, de passar a mão nos próprios cabelos, uma vez, duas, sentindo que a mão que anda pelos cabelos quase não é a dele, a leve cócega ao chegar à nuca, o repouso. Quando abre os olhos vê o rosto de Michèle, sua boca entreaberta, a expressão como se de repente tivesse ficado sem uma gota de sangue. Olha para ela sem entender, um copo de conhaque roda pelo tapete. Pierre está de pé na frente do espelho; quase acha engraçado ver que tem os cabelos repartidos no meio, como os galãs do cinema mudo. Por que Michèle tem de chorar? Não está chorando, mas um rosto entre as mãos é sempre alguém que chora. Afasta as mãos dela bruscamente, beija seu pescoço, procura sua boca. Nascem as palavras, as suas, as dela, como pequenas feras que se procuram, um encontro que se atrasa em carícias, um cheiro de sesta, a casa sozinha, a escada esperando com a bola de vidro na ponta do corrimão. Pierre gostaria de erguer Michèle nos braços, subir correndo, tem a chave no bolso, entrará no dormitório, se estenderá contra ela, a sentirá estremecer, começará desajeitadamente a buscar cintas, botões, mas não há uma bola de vidro na ponta do corrimão, tudo é distante e horrível, Michèle ali ao seu lado está tão longe e chorando, seu rosto chorando entre os dedos molhados, seu corpo que respira e sente medo e o rejeita.

Ajoelhando-se, apoia a cabeça no regaço de Michèle. Passam-se as horas, passa um minuto ou dois, o tempo é algo cheio de açoitos e baba. Os dedos de Michèle acariciam os cabelos de Pierre e ele vê outra vez o rosto dela, um começo de sorriso, Michèle o penteia com os dedos, quase o machuca fazendo força para esticar seus cabelos para trás, e então se inclina e o beija e sorri.

— Você me deu medo, de repente achei... Como sou boba, mas é que você estava diferente.

— Quem você viu?

— Ninguém — diz Michèle.

Pierre encolhe-se esperando, agora existe alguma coisa como uma porta que oscila e vai se abrir. Michèle respira pesadamente,

tem algo do nadador à espera do tiro de largada.

— Eu me assustei porque... Não sei, você me fez pensar que...

Oscila, a porta oscila, a nadadora espera o tiro para mergulhar. O tempo se estica como um pedaço de elástico, então Pierre estende os braços e prende Michèle, ergue-se até ela e beija-a profundamente, busca seus seios debaixo da blusa, ouve-a gemer e também geme enquanto a beija, vem, vem agora, tentando erguê-la nos braços (são 15 degraus e uma porta à direita), ouvindo a queixa de Michèle, seu protesto inútil, ergue-se com ela nos braços, incapaz de esperar mais, agora, neste exato momento, não adiantará nada querer agarrar-se na bola de vidro, o corrimão (mas não há nenhuma bola de vidro no corrimão), irá levá-la para cima e então como uma cadela, todo ele é um nó de músculos, como a cadela que é, para aprender, oh Michèle, oh meu amor, não chore desse jeito, não fique triste, meu amor, não me deixe cair de novo nesse poço negro, como pude pensar isso, não chore, Michèle.

— Me solta — diz Michèle em voz baixa, lutando para se soltar. Acaba de rejeitá-lo, olha-o um instante como se não fosse ele e corre para fora do salão, fecha a porta da cozinha, ouve-se girar uma chave, Bobby late no jardim.

O espelho mostra a Pierre um rosto liso, inexpressivo, uns braços que pendem como trapos, a camisa para fora das calças. Mecanicamente arruma as roupas, sempre olhando-se em seu reflexo. Tem a garganta tão fechada que o conhaque queima sua boca, negando-se a passar, até que insiste e continua bebendo da garrafa, um gole interminável. Bobby parou de latir, há um silêncio de sesta, a luz na casa é cada vez mais esverdeada. Com um cigarro entre os lábios ressecados sai à varanda, desce ao jardim, passa ao lado da moto e vai até os fundos. Sente o cheiro de zumbido de abelhas, de colchão de felpas de pinheiro, e agora Bobby começou a latir entre as árvores, late para ele, de repente começou a grunhir e a latir sem se aproximar dele, cada vez mais perto e para ele.

A pedrada o alcança no meio do lombo; Bobby uiva e escapa, de longe torna a latir. Pierre aponta devagar e acerta sua pata traseira. Bobby se esconde entre os arbustos. "Tenho de encontrar um lugar onde possa pensar", diz Pierre a si mesmo. "Agora tenho que

encontrar um lugar e me esconder e pensar." Suas costas deslizam no tronco de um pinheiro, deixa-se cair pouco a pouco. Michèle está olhando-o da janela da cozinha. Terá visto quando apedrejava o cachorro, olha para mim como se não me visse, está me olhando e não chora, não diz nada, está tão sozinha na janela, tenho que me aproximar e ser bom com ela, eu quero ser bom, quero pegar sua mão e beijar seus dedos, cada dedo, sua pele tão suave.

— Estamos brincando de quê, Michèle?

— Espero que você não tenha machucado o cachorro.

— Joguei uma pedra para assustá-lo. Parece que ele não me reconheceu, como você.

— Não diga bobagem.

— E você, não tranque a porta.

Michèle o deixa entrar, aceita sem resistência o braço que rodeia sua cintura. O salão está mais escuro, quase não se vê o lugar onde começa a escada.

— Perdão — diz Pierre. — Não sei explicar, é muito insensato.

Michèle levanta o copo caído e tampa a garrafa de conhaque. Faz cada vez mais calor, é como se a casa respirasse pesadamente por suas bocas. Um lenço que cheira a musgo limpa o suor da testa de Pierre. Oh Michèle, como continuar assim, sem nos falarmos, sem querer entender isto que está nos despedaçando no exato momento em que...? Sim, querida, me sentarei ao seu lado e não serei tolo, beijarei você, me perderei em seus cabelos, em seu pescoço, e você vai compreender que não existe motivo... sim, compreenderá que quando quero pegar você em meus braços e levá-la comigo, subir para o seu quarto sem lhe fazer mal, apoiando sua cabeça em meu ombro...

— Não, Pierre, não. Hoje não, querido, por favor.

— Michèle, Michèle...

— Por favor.

— Por quê? Diz, por quê?

— Não sei, me desculpe... Não se culpe por nada, a culpa é toda minha. Mas temos tempo, tanto tempo...

— Não vamos esperar mais, Michèle. Agora.

— Não, Pierre, hoje não.

— Mas você prometeu — diz estupidamente Pierre. — A gente veio... Depois de tanto tempo, de tanto esperar que você gostasse um pouco de mim... Não sei o que estou dizendo, tudo se suja quando digo...

— Se você conseguisse me perdoar, se eu...

— Como posso perdoar se você não fala, se mal conheço você? O que devo perdoar?

Bobby grunhe na varanda. O calor gruda as roupas em seus corpos, gruda neles o tique-taque do relógio, o cabelo na testa de Michèle afundada no sofá olhando para Pierre.

— Eu também não conheço muito você, mas não é isso... Você vai achar que estou louca.

Bobby grunhe de novo.

— Faz muitos anos... — diz Michèle e fecha os olhos. — Morávamos em Enghien, já contei isso. Acho que contei que morávamos em Enghien. Não me olhe desse jeito.

— Não estou olhando — diz Pierre.

— Sim, e me faz mal.

Mas não é verdade, não pode ser que faça mal a ela por esperar pelas suas palavras, imóvel esperando que continue, vendo seus lábios moverem-se levemente, e agora vai acontecer, vai juntar as mãos e suplicar, uma flor de delícia que se abre enquanto ela implora, debatendo-se e chorando entre seus braços, uma flor úmida que se abre, o prazer de senti-la se debater em vão... Bobby entra se arrastando, vai se estender num canto. "Não me olhe desse jeito", disse Michèle, e Pierre respondeu: "Não estou olhando", e então ela disse que sim, que faz mal para ela sentir-se olhada desse jeito, mas não pode continuar, falando porque agora Pierre se levanta olhando Bobby, olhando-se no espelho, passa a mão pelo rosto, respira com um queixume longo, um assovio que não acaba, e de repente cai de joelhos contra o sofá e enterra o rosto entre os dedos, convulso e arfante, lutando para arrancar de si as imagens como uma teia de aranha que grudou em cheio sobre seu rosto, como folhas secas que grudam em sua cara em papada.

— Oh, Pierre — diz Michèle com um fiapo de voz. O pranto passa através dos dedos que não podem retê-lo, enche o ar de uma

matéria pesada, obstinadamente renasce e continua.

— Pierre, Pierre — diz Michèle. — Por quê, querido, por quê? Lentamente acaricia seu cabelo, estende para ele o lenço com seu cheiro de musgo.

— Sou um pobre imbecil, me perdoe. Para mim é... você estava me di...

Ergue-se, deixa-se cair no outro extremo do sofá. Não nota que Michèle retraiu-se bruscamente, que outra vez olha para ele como antes de escapar. Repete: "Para mim é... você estava me dizendo", com um esforço, está com a garganta fechada, e o que é isso, Bobby rosna outra vez, Michèle de pé, recuando passo a passo sem se virar, olhando-o e recuando, o que é isso, por que isso agora, por que você vai embora, por quê? A batida da porta deixa-o indiferente. Sorri, vê seu sorriso no espelho, sorri outra vez, "*als alle Knospen sprangen*", cantarola com os lábios apertados, há um silêncio, o clique do telefone que alguém tira do gancho, o zumbido do disco, uma letra, outra letra, a primeira cifra, a segunda. Pierre cambaleia, vagamente se diz que deveria ir se explicar com Michèle, mas já está lá fora, ao lado da moto. Bobby rosna na varanda, a casa devolve com violência o ruído do motor de arranque, primeira, rua acima, segunda, sob o sol.

— Era a mesma voz, Babette. E então entendi que...

— Bobagem — responde Babette. — Se eu estivesse lá, acho que daria uma surra em você.

— Pierre foi embora — diz Michèle.

— É quase o melhor que podia fazer.

— Babette, se você pudesse vir.

— Para quê? Claro que irei, mas é bobagem. Uma idiotice.

— Cantarolava, Babette, juro... Não é uma alucinação, eu já disse que antes... Foi como se outra vez... Venha logo, assim por telefone não posso explicar... E agora acabo de ouvir a moto, ele foi embora e me dá um dó terrível, como pode compreender o que me acontece?, coitadinho, mas ele também está feito louco, Babette, é tão estranho.

— Eu imaginava que você estava curada daquilo tudo — diz

Babette com uma voz bastante desinteressada. — Enfim, Pierre não é bobo e compreenderá. Eu achava que ele estava sabendo faz tempo.

— Eu ia dizer, queria dizer, então... Babette, juro que falou comigo cantarolando, e antes, antes...

— Você já disse, mas está exagerando. Roland também se penteia às vezes do jeito que quer, e não por causa disso você o confunde, que diabo.

— Agora ele foi embora — repete monotonamente Michèle.

— Já já ele volta — diz Babette. — Bem, prepare alguma coisa gostosa para Roland, que está mais faminto a cada dia.

— Você está me difamando — diz Roland da porta. — O que está acontecendo com Michèle?

— Vamos — diz Babette. — Estamos indo agora mesmo.

O mundo é conduzido como um cilindro de borracha que cabe na mão; girando levemente à direita, todas as árvores são uma só árvore estendida à beira do caminho; então, gira-se um nada à esquerda, o gigante verde se desfaz em centenas de álamos que correm para trás, as torres de alta-tensão avançam pausadamente, uma a uma, a marcha é uma cadência feliz na qual já podem entrar palavras, fiapos de imagens que não são as de uma estrada, o cilindro de borracha gira à direita, o som sobe e sobe, uma corda de som se estende insuportavelmente, mas já não se pensa mais, tudo é máquina, corpo pegado à máquina, e vento na cara como um esquecimento, Corbeil, Arpajon, Linas-Montlhéry, outra vez os álamos, a guarita do guarda de trânsito, a luz cada vez mais violeta, um ar fresco que enche a boca entreaberta, mais devagar, mais devagar, nessa encruzilhada tomar à direita, Paris a 18 quilômetros, Cinzano, Paris a 17 quilômetros. "Não me matei", pensa Pierre entrando lentamente no caminho da esquerda. "É incrível que eu não tenha me matado." O cansaço pesa como um passageiro às suas costas, algo cada vez mais doce e necessário. "Eu acredito que ela me perdoará", pensa Pierre. "Nós dois fomos tão absurdos, é necessário que ela compreenda, que compreenda, que compreenda, não se sabe nada de verdade até não termos amado, quero seu

cabelo entre as minhas mãos, seu corpo, eu quero ela, ela, ela..." O bosque nasce ao lado do caminho, as folhas secas invadem a estrada, trazidas pelo vento. Pierre olha as folhas que a moto vai engolindo e agitando; o cilindro de borracha começa a girar outra vez à direita, mais e mais. E de repente é a bola de vidro que brilha debilmente na ponta do corrimão. Não há nenhuma necessidade de deixar a moto longe da casa, mas Bobby vai latir e por isso esconde a moto entre as árvores e chego a pé com as últimas luzes, entro no salão procurando Michèle que estará aí, há somente a garrafa de conhaque e copos usados, a porta que leva à cozinha ficou aberta e por ali entra uma luz avermelhada, o sol se põe no fundo do jardim, e somente silêncio, de maneira que o melhor é ir até a escada orientando-se pela bola de vidro que brilha, ou são os olhos de Bobby estendido no primeiro degrau com o pelo arrepiado, rosnando de leve, não é difícil passar por cima de Bobby, subir lentamente os degraus para que não ranjam e Michèle não se assuste, a porta aberta, não pode ser que a porta esteja aberta e que ele não tenha a chave no bolso, mas se a porta está aberta já não há necessidade da chave, é um prazer passar as mãos pelos cabelos enquanto se avança até a porta, entra-se apoiando levemente o pé direito, empurrando de leve a porta que se abre sem ruído, e Michèle sentada na beira da cama levanta os olhos e olha para ele, leva as mãos à boca, pareceria que vai gritar (mas por que tem os cabelos soltos, por que não vestiu a camisola azul-celeste, agora está vestindo calças e parece mais velha?), e então Michèle sorri, suspira, ergue-se estendendo os braços, diz: "Pierre, Pierre", em vez de juntar as mãos e suplicar e resistir, diz seu nome e está esperando por ele, olha para ele e treme de felicidade ou de vergonha, como a cadela delatora que é, como se a estivesse vendo apesar do colchão de folhas secas que outra vez cobre seu rosto e que arranca com as duas mãos enquanto Michèle recua, tropeça na beira da cama, olha desesperadamente para trás, grita, grita, todo o prazer que sobe e o banha, grita, os cabelos entre os dedos, assim, embora suplique, assim então, cadela, assim.

— Pelo amor de Deus, esse é um assunto mais que esquecido — diz

Roland, fazendo uma curva a toda.

— Era o que eu achava. Quase sete anos. E de repente salta, justamente agora...

— Nisso, você se engana — diz Roland. — Se tinha de saltar haveria de ser agora, dentro do absurdo acaba sendo bastante lógico. Eu mesmo... Às vezes sonho com tudo isso, você sabe. A forma em que matamos o sujeito não é algo que se esqueça. Enfim, a gente não podia fazer melhor as coisas naqueles tempos — diz Roland, acelerando fundo.

— Ela não sabe nada — diz Babette. — Somente que o mataram pouco depois. Era justo dizer a ela pelo menos isso.

— Claro. Mas ele não achou nada justo. Lembro de sua cara quando o tiramos do automóvel em pleno bosque, percebeu imediatamente que estava liquidado. Era valente, isso sim.

— Ser valente é sempre mais fácil que ser homem — diz Babette. — Abusar de uma criatura que... Quando penso como tive que lutar para que Michèle não se matasse. Aquelas primeiras noites... Não estranha que agora torne a sentir-se a mesma de antes, é quase natural.

O automóvel entra a toda na rua que leva à casa.

— Sim, era um porco — diz Roland. — O ariano puro, como pensavam naquele tempo. Pediu um cigarro, naturalmente, a cerimônia completa. Também quis saber por que a gente ia liquidá-lo, e a gente explicou, e como a gente explicou... Quando sonho com ele é principalmente nesse momento, seu ar de surpresa desdenhosa, sua maneira quase elegante de gaguejar. Lembro o jeito que ele caiu, com a cara despedaçada no meio das folhas secas.

— Não continue, por favor — diz Babette.

— Ele merecia, e além do mais, não tínhamos outras armas. Um cartucho de caça bem usado... É à esquerda, lá no fundo?

— Sim, à esquerda.

— Espero que tenha conhaque — diz Roland, começando a frear.

Posfácio

Na literatura das américas o conto é um gênero especialmente favorecido. Alguns mestres absolutos do romance — Juan Carlos Onetti, Juan Rulfo, Guimarães Rosa — souberam ser contistas magistrais. Existem ainda os contistas que jamais se aventuraram pelo terreno do romance, como Jorge Luis Borges, Dalton Trevisan ou João Antônio, permanecendo como mestres do gênero curto. Com Júlio Cortázar ocorreu um fenômeno peculiar: contista por excelência, arriscou-se várias vezes no romance e, em pelo menos um caso — *O jogo da amarelinha* —, atingiu alturas excepcionais. Se Onetti, Rulfo e Guimarães Rosa foram avaros na produção de seus contos, Cortázar foi generoso: publicou mais de uma centena de textos curtos, e alguns deles têm espaço cativo em qualquer antologia que se faça da literatura latino-americana deste século.

Inquieto, dono de um permanente desejo de aprender da vida e do mundo, vivendo o dia a dia como uma experiência única e inesgotável, Júlio Cortázar traçou em várias oportunidades suas teorias sobre o ofício de escrever. Sobre o conto, especificamente, produziu pelo menos dois textos essenciais. Um deles, *Alguns aspectos do conto*, foi uma conferência feita em Havana, em 1962; outro, *Do conto breve e seus arredores*, apareceu em *Último round*, em 1969. Quando expôs suas ideias para uma plateia cubana, em 1962, Cortázar já havia escrito dois volumes onde reuniu contos permanentes — *Bestiário* (1951) e este *As armas secretas* (1959). E se naquele texto estão lições básicas e profundas sobre o ofício de escrever contos, nesses dois livros estão as provas concretas de que seu autor sabia perfeitamente das artes e manhas do assunto. Nas histórias deste livro que agora chega ao Brasil com absurdos 35 anos

de atraso, estão algumas das sementes que explodiriam pouco mais tarde, em *O jogo da amarelinha*.

E se *O jogo da amarelinha* é, como quiseram vários estudiosos, o anti-romance (capítulos sem ordem estabelecida, múltiplas sequências possíveis, várias possibilidades de final), os contos de *As armas secretas* são uma série de surpresas. *Cartas de mamãe*, por exemplo, poderia ser perfeito modelo da literatura fantástica, mas termina de maneira indefinível; o choque literário que Cortázar dizia ser fundamental em um bom conto acontece de modo imperceptível e, por isso mesmo, acaba sendo devastador. O enigma de *As babas do diabo*, que inspirou Antonioni em *Blow-up*, só pode ser resolvido pelo leitor — portanto, cada solução será sempre íntima, individual, mesmo quando coincida com a de outro leitor. *As armas secretas* é a história de um passado que invade a alma de um homem que se vê atarantado e impotente para livrar-se do fantasma que não consegue reconhecer. *Os bons serviços* estabelece uma intrigante cumplicidade entre história e leitor, que não pode intervir para advertir madame Francinet do enredo que se arma à sua volta, e no qual ela terminará aprisionada. Mas é em *O perseguidor* que Cortázar atinge seu ponto máximo como contista. Tudo que ele escreveu antes deságua, de alguma forma, neste conto. E é deste conto que, de alguma forma, parte tudo que ele escreveu depois. O próprio Cortázar considerava *O perseguidor* um divisor de águas. Seus leitores o consideram apenas uma obra-prima, irretocável.

Eric Nepomuceno

Copyright © 1959

Júlio Cortázar e herdeiros de Júlio Cortázar

Tradução e posfácio

Eric Nepomuceno

Capa

Marcelo Spotti

JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Reservam-se os direitos desta edição à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.

Rua da Glória, 344/4º andar

Rio de Janeiro, RJ — República Federativa do Brasil

Gerência editorial: Maria Amélia Mello

Editoria: Fátima Pires dos Santos

Produção e diagramação: Antônio Herranz

Revisão de originais: Cláudio Estrella

Revisão de provas: Tereza Cardoso, Fabiano Antônio Coutinho de Lacerda

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C854a

Cortázar, Júlio, 1914-1984

As armas secretas: contos / Júlio Cortázar; tradução e posfácio de
Eric Nepomuceno. — Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

Tradução de: Las armas secretas.

ISBN 85-03-00523-9

1. Contos argentinos. I. Nepomuceno, Eric, 1948— . II. Título.

94-0796

CDD: 868.99323

CDU: 860(82)-3
